



CURSO DE INTRODUÇÃO À BÍBLIA

ADEMIR IFANGER
FRANCISCO FERREIRA

***“Procura apresentar-te a Deus aprovado,
como obreiro que não tem de que se envergonhar,
que maneja bem a palavra da verdade.”
(2 Timóteo 2.15)***

Sumário

I. Introdução

1. Classificação do tema na Teologia.....	06
2. Informações gerais sobre a Bíblia.....	06
3. A Bíblia, um livro milagre.....	09
Exercícios práticos.....	12

II. Composição e Estrutura Literária da Bíblia

1. Composição e estrutura do Antigo Testamento.....	15
2. Composição e estrutura do Novo Testamento.....	24
Exercícios práticos.....	34

III. A Bíblia e a Revelação

1. O que é revelação.....	39
2. Como Deus se revela ao homem.....	39
a. A revelação geral.....	39
b. A revelação especial.....	39
c. O Espírito Santo na revelação.....	40
d. Posições contemporâneas sobre a revelação.....	40
e. As verdades reveladas pela Bíblia.....	41
3. Exercícios práticos.....	43

IV. A Inspiração e Autoridade da Bíblia

1. Conceituação bíblica da inspiração.....	46
2. A doutrina da inspiração no Novo Testamento.....	46
3. Jesus Cristo e a inspiração.....	46
4. Inspiração, revelação e iluminação.....	47
5. Teorias acerca da inspiração.....	48
6. A autoridade da Bíblia.....	49
a. A autoridade do Antigo Testamento.....	49
b. A autoridade do Novo Testamento.....	50
7. Exercício práticos.....	52

V. O Cânon da Bíblia

1. O que é Cânon.....	56
2. O Cânon e a autoridade da Bíblia.....	57
3. O Cânon do Antigo Testamento.....	57
a. Estágios do processo de Canonização.....	57
b. Divisões do Cânon do Antigo Testamento.....	58
c. O processo de formação do Cânon do Antigo Testamento.....	58
d. Evidências históricas do processo da canonização.....	59
e. Reconhecimento dos livros do A.T. divinamente inspirados.....	62
f. Conclusão do Cânon do Antigo Testamento.....	63
4. Os livros apócrifos do Antigo Testamento.....	63
5. Os livros pseudoepígrafos.....	71
6. O Cânon do Novo Testamento.....	72
a. Introdução.....	72

b. O Cânon do N.T. em relação ao Cânon do A.T.....	73
c. O período de transmissão oral.....	73
d. Origem dos escritos do Novo Testamento.....	74
e. Estímulos à produção do Cânon do Novo Testamento.....	90
f. A compilação e reconhecimento progressivo dos livros canônicos.....	91
g. A seleção dos livros fidedignos	91
h. Circulação e compilação dos livros do Novo Testamento.....	92
i. Testemunhos do 2º e 3º séculos sobre os livros do Novo Testamento.....	92
j. Critérios de canonização dos livros do Novo Testamento.....	97
7. Os livros apócrifos do Novo Testamento.....	97
8. Os livros pseudoepígrafos do Novo Testamento.....	101
9. Os livros disputados do Novo Testamento.....	103
10. Exercícios práticos.....	106

VI. Transmissão da Bíblia

1. Introdução.....	117
2. Importância das línguas escritas.....	117
3. As línguas da Bíblia em particular.....	118
4. Textos, manuscritos e traduções da Bíblia.....	121
5. Exercícios práticos.....	145

Introdução

Vivemos em uma época em que a fé cristã se encontra cercada por ceticismo¹, racionalismo², materialismo³, entre outros “ismos” que tentam colocar em descrédito a verdade absoluta da Palavra de Deus. A Bíblia⁴ se destaca por sua singularidade e excepcionalidade em relação aos demais livros. Embora antigo, continua sendo bestseller mundial. Tem Deus como Seu autor e traz uma mensagem aos homens, a revelação⁵ que Deus faz de Si mesmo de Seu propósito eterno e Sua vontade.

Para fortalecer a sua fé, apresentamos de forma concisa algumas provas da origem da Sagrada Escritura, as quais trazem evidências de que a Bíblia é a verdadeira Palavra de Deus. Desejamos que você, leitor, ao término de seus estudos neste Curso de Introdução a Bíblia, chegue a seguinte conclusão: *“Vale a pena conhecer a Bíblia!”*

¹ Doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento intelectual de dúvida permanente e na abdicação, por inata incapacidade, de uma compreensão metafísica, religiosa ou absoluta do real

² O racionalismo é a corrente filosófica que iniciou com a definição do raciocínio como uma operação mental, discursiva e lógica que usa uma ou mais proposições para extrair conclusões, ou seja, se uma ou outra proposição é verdadeira, falsa ou provável. Essa era a ideia central comum ao conjunto de doutrinas conhecidas tradicionalmente como racionalismo. O racionalismo é em parte, a base da Filosofia, ao priorizar a razão como o caminho para se alcançar a verdade.

³ Em filosofia, materialismo é o tipo de fisicalismo que sustenta que a única coisa da qual se pode afirmar a existência é a matéria; que, fundamentalmente, todas as coisas são compostas de matéria e todos os fenômenos são o resultado de interações materiais; que a matéria é a única substância.

⁴ Todas as citações de textos bíblicos neste curso são da versão Almeida Revista e Atualizada

⁵ Revelação – Desvendamento, manifestação, aclamação, desnudamento, etc.

1. Classificação do tema na Teologia⁶

Teologia Exegética - Procura descobrir o verdadeiro significado das escrituras valendo-se da hermenêutica.

Teologia Histórica - Estuda a história do desenvolvimento da interpretação bíblica, história da Igreja. Dos povos relacionados com o povo de Deus, os costumes e contexto.

Teologia Dogmática - Estuda as verdades e doutrinas fundamentais, como se nos apresenta credos da Igreja. Como a união das duas naturezas divinas e humanas em Cristo, a Trindade, o livre arbítrio, a predestinação. Etc..

Teologia Bíblica - Estuda a Bíblia, suas doutrinas, suas assertivas, seus temas e as teologias embutidas nos escritos bíblicos.

Teologia Sistemática - Estuda os tópicos da Bíblia sistematizando.

Exemplos: Soteriologia, Cristologia, Pneumatologia, Angeologia, etc.

Este Curso de Introdução à Bíblia: Combina alguns desses ramos de teologia, mas especialmente a teologia bíblica.

2. Informações gerais sobre a Bíblia

A palavra Bíblia é uma transliteração da palavra grega βιβλίον/biblíon, que significa “livros pequenos” e da expressão grega τὰ βιβλία τὰ ἅγια (ta bible ta hágia), que significa livros sagrados. Os livros da Bíblia foram escritos originalmente em peças separadas. Desta maneira foram usados independentemente uns dos outros, durante muitos anos. Só mais tarde o Antigo e o Novo Testamento foram reunidos num só volume.

Material usado para escrever os livros da Bíblia:

- a. **Papiro** - Um tipo de material feito de junco que crescia nos pântanos.
- b. **Pergaminho (velino e couro)** - Era feito de couro de gado, ovelhas, cabras e antílopes. O nome pergaminho se origina na cidade de Pérgamo, da Ásia Menor, onde se fabricava o material do seguro século antes de Cristo (cf. 2ª Tm 4.19).

Por que a Bíblia é importante?

- a. Para os cristãos é o livro mais importante que já se escreveu. A Bíblia é sua regra de fé e prática.
- b. As escrituras dão testemunho do plano real governamental e redentor de Deus, mediante Jesus Cristo, o “verso que se fez carne” a revelação final de Deus aos homens.

⁶ Teologia – Ciência acerca das coisas divinas, estudo sobre Deus e das coisas divinas à luz da revelação.

-
- c. A Bíblia é importante porque explica a origem do ser humano e o propósito da sua existência. Cientistas e filósofos já propuseram várias teorias à respeito da origem do ser humano, mas nenhuma explicação até hoje elimina a verdade bíblica de que o homem e o mundo foram criados por Deus.
 - d. A Bíblia é importante, porque fornece informação diária e existencial aos cristãos e apresenta um plano completo e eficiente para o relacionamento com outras pessoas (família, vizinhos e até inimigos). A importância da Bíblia se encontra revelada na descrição de sua natureza “Bíblia Sagrada.”

Nomes que a Bíblia dá a si mesma:

Antigo Testamento

- a. **O livro:** Encontramos esta palavra desde os escritos de Moisés: “*escreve isso para memória no livro*”. (Ex 17.14), comparar com Dt 29.20,27; cf. também Ex 24.7; Dt 26.8; Dt 29.21; comparar com Js 1.8; 23.6; 2ª Rs 22.8; Is 29.18 e Dn 9.2.
- b. **A palavra do Senhor, a palavra de Deus:** Nos primeiros livros da Bíblia “palavra do Senhor” geralmente se refere à palavra oral (Dt 9.10; 1ª Sm 3.1 e 2ª Sm 3.21). Desde os tempos de Davi, as expressões “palavra do Senhor ou palavra de Deus” se referem aos escritos do cânon sagrado do Antigo Testamento, que existiam na época e terminam com o livro de Malaquias (Cf. Je 21.31; 22.29; Ed 5.4; Sl 33.4; Sl 12.7; Sl 105.42; Sl 147.15; Is 40.8; Sl 147.17,18; Is 55.11; Sl 119.103, 105 e 116).
- c. **As escrituras ou “o que está escrito”** (Ex 32.16; 2ª Rs 17.32; Dn 10.21; Os 8.12).
- d. **“Lei ou Lei do Senhor”.** No Antigo Testamento significa muitas vezes o conjunto todo de leis mosaicas e frequentemente também, não somente os escritos de Moisés – o Pentateuco⁷, mas todos os livros do cânon sagrado que existiam naquele tempo (cf. Ex 13.9 - Ordenação da Páscoa, Js 1.7-8, depois do Pentateuco, uma menção da lei escrita dada a Josué como regra a Israel). Sl 1.1-3, Davi cita palavras dirigidas à Josué; 2ª Rs 2.3, Davi recomenda a Salomão a leitura do Livro sagrado empregando os mesmos termos; 2ª Cr 34.14, O descobrimento da lei, esquecida num século de apostasia⁸, como causa do avivamento no tempo de Jonas; Ed 7.6, A lei novamente colocada num lugar de honra, Ne 8.3,4,18 Neemias leu o livro da

⁷ O Pentateuco (do grego *Πεντάτευχος*/Pentateuchos), literalmente "cinco partes ou seções", é composto pelos cinco primeiros livros da Bíblia. Entre os judeus é chamado de Torá, uma palavra da língua hebraica com significado associado ao ensinamento, instrução, ou literalmente Lei, uma referência à primeira secção do Tanakh, os primeiros cinco livros da Bíblia hebraica, cuja autoria é atribuída a Moisés.

⁸ Apostasia – Abandono, separação, abjuração deserção, renegação, andar à deriva, afastar-se da fé.

lei durante 1 (um) mês sobre um púlpito de madeira colocado em uma praça pública em Jerusalém. O resultado foi jejum, confissão de pecados e avivamento; Is 5.7; 8:20; Je 8.7-9; Ez 7.26; 18.29; Lc 2.9, Mc 2.5-8 – Os profetas anteriores e posteriores ao exílio pela Assíria e Babilônia se referem muitas vezes a lei.

e. **Outros termos.** Para designar os livros do Antigo Testamento:

- Revelação ou visão (Is 29.11; Pv 29.18,15; 8.16); e,
- Nos Salmos, especialmente Sl 119, temos os seguintes termos para o conjunto de livros sagrados existentes naquela época: lei, os estatutos, os juízos, os mandamentos, os conselhos e os testamentos de Deus (cf. Sl 19.8-11).

Novo Testamento

- Sagradas letras** (2ª Tm 3.15) “letras” é a tradução, que significa cada palavra grega “*γράμμα / gramma*” que significa caracteres gravados, inscrição, documento, alfabeto, regra, escrita. De fato, a palavra divina é tudo isso. Assim como, a gramática é a base indispensável de uma língua correta, as “sagradas letras” são um fundamento indispensável à fé cristã.
- “As escrituras” ou “a escritura”** - A palavra grega para escritura é “*γραφῆ / graphe*” significa o que está escrito, os caracteres da escritura, o texto de uma lei. Aparece 51 vezes no Novo Testamento e serve para nomear o Antigo Testamento (cf. Mt 21.42, citando Is 28.16; Mc 15.28, citando Is 53.12; Lc 4.21; 24.27,32,45; Jo 5.39; At 8.32, citando Is 53.7; At 17.11; 18.24; Rm 1.2; 15.4; 1ª Co 15.3-4; Gl 3.8; 1ª Tm 3.16; Tg 2.23; 1ª Pe 2.6; 2ª Pe 1.20; 3.16). Este último texto, prova que nos dias dos apóstolos, as epístolas de Paulo, já se encontravam entre os escritos do cânon do Antigo Testamento.
- “Os oráculos de Deus”** - No grego a palavra “oráculo⁹” significa comunicação ou declaração divina, aparece 5 (cinco) vezes no Novo Testamento (Cf. At 7.38; Rm 3.2; Hb 5.12; 12.25 e 1ª Pe 4.18).
- “A lei” ou a “lei e os profetas”** (Mt 7.12; Mt 5.17-19; Lc 23.44).
- “A palavra de Deus” ou “de Cristo”** - A expressão revela Jesus, a palavra encarnada e a palavra do Novo Testamento onde temos as expressões acima: Mt 15.6; Mc 7.9; At 6.7; 12.24; Rm 10.17; Ef 6.17; Cl 3.16; Hb 11.3.

As línguas da Bíblia

- O hebraico e aramaico** – O hebraico é a língua em que foi escrito a maior parte do Antigo Testamento. Muito embora o hebraico permanecesse como língua sagrada da Bíblia, os judeus depois do cativeiro babilônico só falavam aramaico. Poucas

⁹ Oráculo – Vontade de Deus, anunciada aos homens, revelação, vaticínio, palavras de autoridade, verdade infalível.

passagens no Antigo Testamento foram escritas no aramaico. Estas incluem: Jr 10.11; Dn 2.4-7,28 e Ed 4.8; 6.8; 7.12-26. O hebraico pertence ao que se chama de “família semítica das línguas”. O aramaico é da mesma família, mas de um ramo semítico diferente.

- b. O grego** – Com a expansão do império Grego, cerca de 325 a.C., promovida por Alexandre, o grande, a língua Grega tornou-se dominante em muitas nações conquistadas. O Novo Testamento foi escrito na língua grega. O grego usado pelos escritores do Novo Testamento foi o grego Koinê, grego comum, popular, empregado em todo o império romano ao invés do grego clássico, empregado pelos intelectuais da época.

3. A Bíblia um livro milagre

Definindo “milagre” – Milagre pode ser definido como toda ação ou acontecimento que se interpõe ou altera o curso normal da natureza, tal ação ou acontecimento se distingue por sua prodigiosidade¹⁰, caráter estupendo e sobrenatural.

A Bíblia como um livro milagre – A Bíblia é um livro milagre pelo seu conteúdo, composição, preservação e interferência divina no mundo dos homens. Aspectos que destacam a sobre naturalidade da Bíblia.

Autoria: Apesar dos livros da Bíblia terem sido escritos por homens, o autor da Bíblia é o próprio Deus (2ª Tm 3.14-15). Através da Bíblia a cortina dos céus se abre para que o homem obtenha revelação de Deus e de seu propósito.

Comunicação Divina aos homens

A Bíblia registra Deus se comunicando de várias maneiras aos homens:

- a. Adão e Eva** - O escritor de Gênesis diz: “Deus ordenou ao homem”, “Eles ouviram a voz de Deus” (Gn 2.16, 3.8, 9). O estilo vivido do escritor indica uma comunicação direta entre Deus e o primeiro casal humano.
- b. Abraão**
- Gn 12.1: “O senhor falou com Abraão”.
 - Gn 15.1: “A palavra do Senhor veio a Abraão numa visão”.
 - Gn 18.16-17: “Três homens aparecem a Abraão”. Nenhuma distinção se faz entre os três homens. Entretanto quando saíram o texto diz: “O Senhor disse...”

¹⁰ Prodígio – Acontecimento que é ou parece estar em contradição com as leis da natureza, maravilha, milagre, coisa extraordinária.

c. **Moisés**

- Ex 3.4: Deus chamou Moisés para dentro da sarça.
- Ex 19.3-9: Deus chamou Moisés e lhe apareceu no meio de uma nuvem densa e escura.
- Nm 12.4-8: Deus revela sua forma de comunicação com Arão e Miriã, aparecendo a eles numa coluna de nuvem. O vs. 6 – diz que o Senhor se torna conhecido ao profeta por visão e fala com eles em sonhos. No vs. 8 – Ele diz como fala com Moisés: “face a face” ou boca a boca.

d. **Samuel** - 1ª Sm 3.1: Samuel está dormindo quando Deus o chamou: “... a palavra do Senhor era mui rara e a visão não muito frequente...” Deus chama alguns para restaurar a palavra e a visão profética nos seus dias.

e. **Isaias** - Is 6.1-8: Deus se revela a Isaias numa visão em tempos de crise.

Todos estes aspectos, e mais relatos também no Novo Testamento (Mt 3.17), “Uma voz vinda dos céus” por ocasião do batismo de Jesus, Mt 17.5 - “Uma voz vinda da nuvem” por ocasião da transfiguração, etc., revelam o aspecto “milagre da Bíblia.” Sua unidade de conteúdo e mensagem.

Por unidade aqui, entendemos ser a perfeita sintonia entre o tema central e as partes que compõem toda a Bíblia. Tendo sido escrita num período de 1400 a 1600 anos, (1046 A.T. + 400 = período Inter bíblico + 96 N.T. = 1542 anos) por cerca de 40 (quarenta) autores diferentes, em épocas igualmente diferentes, mesmo assim tem sua unidade inatacável e sem contradições. Resolvendo o problema das palavras e conceitos culturalmente orientados para determinada época.

A Bíblia é um livro milagre porque ela não se desatualiza mesmo quando suas palavras e conceitos se prestam a compreensão em determinada época. Neste caso, a tarefa do intérprete sob iluminação do Espírito Santo, utilizando as regras da hermenêutica, é contextualizar, interpretando para a sua época.

Quando surge a dúvida?

Sempre, e neste caso mais precisamente, Jesus Cristo é o critério final de interpretação das escrituras. Ele confirmou o Antigo Testamento (Lc 24.44), e Ele é o assunto tanto do Antigo como do Novo Testamento (cf. Jo 5.39; 1ª Co 2.2; Hb 1.1-2).

Pela sua exatidão e preservação histórica.

A Bíblia esteve sob várias tentativas de destruição. Imperadores Romanos tudo fizeram para destruir a nova fé cristã e sua disseminação. Queimaram crentes e manuscritos

bíblicos em todo o vasto império. A título de exemplo, em 303 d.C. o imperador Diocleciano assinou um decreto autorizando o martírio dos cristãos e queima de seus escritos. Paradoxalmente, entretanto o cristianismo veio a se tornar sob Constantino, a religião oficial do império Romano, em virtude da expansão. O que ocorreu então durante os três primeiros séculos de implacáveis perseguições?

As escrituras foram preservadas e o cristianismo não foi destruído. Não é um milagre? Qual outro livro subsistiria?

D'outra sorte ainda, convém atentar para a exatidão histórica dos manuscritos bíblicos. Nos últimos quatro mil anos, escribas judeus e, depois, cristãos foram extremamente cuidadosos em transmitir os manuscritos originais das sagradas escrituras sem qualquer erro significativo. Não se trata de um milagre da providência divina?

Enfim hoje temos a Bíblia, um milagre cuja confiabilidade permanece não obstante também os ataques que lhe foram desferidos pela crítica histórica, com o objetivo de subtrair sua credibilidade. Todavia o Espírito Santo, verdadeiro autor das escrituras não permitirá e continuará atuando por seu intermédio.

Exercícios

1. A teologia está classificada em cinco seções, a saber:

- a. _____
- b. _____
- c. _____
- d. _____
- e. _____

A disciplina introdução à Bíblia combina alguns desses ramos, especialmente a Teologia _____

2. A palavra Bíblia é uma transliteração da palavra grega Bíblia que significa:

3. Os materiais usados para escrever os livros da Bíblia foram:

_____ e _____

4. Em quais línguas a Bíblia foi escrita?

5. Definir o que significa “milagre”?

6. Quem é o autor da Bíblia, e qual o seu propósito?

7. Citar cinco maneiras como Deus se comunicou ao homem no Antigo Testamento

8. Por que a Bíblia é um livro milagre?

9. Qual foi o período no qual a Bíblia foi escrita e por quantos autores?

10. Como Deus se revela integralmente ao homem no Novo Testamento?

II

COMPOSIÇÃO E ESTRUTURA LITERÁRIA DA BÍBLIA

II. Composição e Estrutura Literária da Bíblia

A Bíblia é composta por duas divisões principais: Antigo e Novo Testamento. O primeiro escrito antes do nascimento de Cristo, é composto por 39 livros. O segundo escrito depois do nascimento de Cristo, é composto por 27 livros. Perfazendo um total de 66 livros. O vocábulo “Testamento” – significa “acordo, pacto¹¹, concerto ou aliança”. No Hebraico a palavra usada é “Berith” e no grego é “Diatheke”, com o mesmo significado. No Antigo Testamento temos “o pacto da lei” e no Novo Testamento “o pacto da graça”. Um conduz ao outro (Cf. Gl 3.17-25).

As divisões literárias da Bíblia.

1. Composição e estrutura¹² do Antigo Testamento

Os 39 livros do Antigo Testamento estão assim sistematizados por estilo literário e conteúdo:

- a. **Lei** - Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Esta primeira lista é conhecida também como o “Pentateuco” – (5 livros). (Abreviações – Gn, Ex, Lv, Nm, Dt). Total 5 livros.
- b. **História** - Josué, Juizes, Rute, 1ª e 2ª Samuel, 1ª e 2ª Reis, 1ª e 2ª Crônicas, Esdras, Neemias e Éster (Abreviações – Js, Jz, Rt, 1ª e 2ª Sm, 1ª e 2ª Rs, 1ª e 2ª Cr, Ed, Ne, Et) – Total – 12 livros.
- c. **Poesia** - Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão (Abreviações – Jó, Sl, Pv, Ec, Ct) – total 5 livros.
- d. **Profetas Maiores** - Isaias, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel (Abreviações – Is, Jr, Lm, Ez, Dn) Total – 5 livros.
- e. **Profetas Menores** - Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (Abreviações – Os, Jl, Am, Ob, Jn, Mq, Na, Hc, Sf, Ag, Zc, Ml) – Total – 12 livros.

¹¹ Pacto – Acordo, aliança, tratado, etc.

¹² Estrutura – Disposição, arranjo, organização, arcabouço, etc.

Períodos de abrangência¹³ e mensagens dos livros do Antigo Testamento:

a. Os livros da Lei

Gênesis

Começa com as origens (Gênesis)

- do mundo (Gn 1.1-25);
- da raça humana (Gn 1.26-27);
- do pecado (Gn 3.1-7);
- da promessa da redenção (Gn 3.8-24),
- da família (Gn 4.1-15),
- da civilização criada pelo homem (Gn 4.16-19),
- das nações (Gn 10-11), e
- da raça hebraica (Gn 12.50).

Temos o início do período patriarcal, base de toda a história que se estende de Adão a Moisés. Em conseqüências do fracasso dos homens durante este período primitivo, Deus chamou Abraão, uma pessoa que viria a ser pai da nação hebraica. Em Gn 12, ingressamos neste período. Os cinco grandes patriarcas deste período são Abraão, Isaque, Jacó, José e Jó. O livro de Jó deve ser colocado depois de Gênesis e antes de Êxodo. Jó viveu antes de Moisés, que só aparece em Êxodo Capítulo 2.

Êxodo

Êxodo (saída) - Abrange o período de servidão de Israel sob domínio do Egito, da libertação da escravidão com forte juízo sobre o Egito, da viagem do povo de Israel até o monte Sinai, da recepção da lei e as instruções para o tabernáculo.

Levítico

É chamado de livro da expiação¹⁴ (cf. Lv 16.30-34). O título Levítico sugere o tema do livro *“Os Levitas e os sacerdotes e suas funções no tabernáculo.”* É também chamado livro das leis que constituíram a base legal da vida civil e religiosa de Israel. As leis são em grande parte de natureza ritual. Levítico, abrange o período de peregrinação de Israel até a terra prometida.

Números

É a tradução para o português do título deste livro Arithmoi (gr. Septuaginta – versão grega). No hebraico o título é bemidbar (no deserto). Descreve a narrativa histórica dos seus quase 40 anos de peregrinação desde o Monte Sinai até a chegada às planícies de Moabe.

¹³ **Abrangência** – derivada do verbo abranger, que significa abarcar, rodear, conter, incluir, circundar, compreender circunscrever, etc.

¹⁴ **Expição** – Reabilitação, purificação, pagar preço, reconciliação, etc.

Deuteronômio

O nome significa segunda lei. Descreve Moisés fazendo uma revisão de todas as leis dadas por Deus antes da entrada em Canaã. A nova geração que ia entrar na terra prometida não era nascida quando os dez mandamentos e demais ordenanças da lei foram promulgadas no Monte Sinai.

b. Os livros históricos:

Os livros históricos descrevem eventos na vida de Israel desde sua entrada em Canaã (1290 a.C.) até 400 a.C.

Josué

Descreve o período de ocupação da terra prometida (Canaã), liderada por Josué, substituto de Moisés, conforme Deus prometera à Abraão e seus descendentes.

Juízes

É o período que segue a morte do grande líder Josué até a ascensão de Saul ao trono de Israel. Três tipos de Juízes caracterizaram este período:

- O Juiz guerreiro como Gideão e Sansão;
- O Juiz sacerdote como Eli;
- O Juiz profeta como Samuel;

Ao todo foram quinze juizes – Otniel, Eude, Sangar, Débora, Baraque, Gideão, Tola, Jair, Jefté, Ibsã, Elom, Abdon, Sansão, Eli e Samuel. Os juizes foram constituídos libertadores em diferentes ocasiões e períodos de que um poderia coincidir com outro.

Rute

Situa-se no quadro declínio de Israel, no fim do período de Juizes. O livro de Rute apresenta uma história de lealdade, amor e renúncia que tornou Rute um exemplo de mulher fiel a Deus, e a sua sogra Noemi.

1ª e 2ª Samuel

Retratou o período de transição do governo tribal para o monárquico, quando Saul e depois Davi foram ungidos reis de Israel, mais de 400 anos depois da conquista de Canaã sob Josué.

1ª e 2ª Reis

Descrevem a divisão da monarquia e o declínio dos Reinos do Norte (Israel) e do Sul (Judá). Suas histórias terminam pouco depois da queda de Jerusalém em 587 a.C., sob o domínio de Nabucodonosor. Cronologicamente, os acontecimentos relatados nos dois livros de Reis ocorreram entre o 10º e 5º século a.C. Após o apogeu nos reinos de Davi e Salomão temos o cisma entre Roboão e Jeroboão, quando 10 tribos seguiram este

ultimo formando o Reino de Israel ao norte e duas tribos permaneceram com Roboão (Judá e Benjamim) formando o Reino de Judá do sul (Cf. 1ª Rs 12).

1ª e 2ª Crônicas

Repetem a história de Israel até o tempo de restauração feita por Ciro, rei da Pérsia em 538 a.C. Após o cisma, o escritor sagrado concentra-se exclusivamente na história da tribo de Judá, silenciando sobre os acontecimentos relativos as tribos do Israel.

Esdras e Neemias

Continuam a historia de Israel com a volta dos primeiros judeus à Jerusalém, sob o governo de Ciro, até o ano 400 A.C. foi o período de reconstrução dos muros e do templo de Jerusalém.

Ester

É o único livro da Bíblia onde o nome de Deus não aparece. Descreve a ação do onipotente de Deus, em favor de seu do seu tempo, que preservou o povo judeu do extermínio dos persas, entre 516 à 458 a.C., antes das reformas de Esdras e Neemias.

c. Os livros poéticos:

Também chamados de literatura de sabedoria, porque tratam dos problemas da vida e seu significado. Os livros poéticos contêm:

- “Um drama” (Jó);
- “Poemas Líricos” (Salmos);
- Didática Poética (Provérbios);
- Idílios Poéticos (Cantares);
- Didática Filosófica (Eclesiastes).

O livro de Jó

Jó é um dos livros mais velhos da Bíblia. O patriarca, sem dúvidas viveu antes de Moisés, pois ele, em seu profundo conhecimento de Deus, não faz nenhuma referência do povo de Israel. Certas indicações permitem-nos situar este relato após a época de Abraão (Ver a menção de Temã Jó 2.11, em Gn 36.11). Jó defende a integridade de Deus e a dignidade do homem diante das injustas acusações de satanás. Desafia também a crença que o justo sempre prospera e que o sofrimento é sempre consequência do pecado.

Salmos

Constituem um livro de Cânticos com muitas expressões de fé. No grego a palavra “Psalms” (plural psalmoi) aparece 7 vezes em o Novo Testamento (Lc 20;42; 24.44; At 1.20; 13.33; 1ª Co 14.26; Ef 5.19; Cl 3:16). Ela designa um poema cantado com acompanhamento de instrumentos musicais. No original hebraico significa: “livros de louvores”. A coleção de salmos formou-se progressivamente, no curso da história de Israel (por exemplo: Sl 90, é de autoria de Moisés e o Salmo 137 foi composto durante o

cativeiro, nas margens do Rio de Babilônia), mas seu desenvolvimento principal corresponde à época da glória do Reino de Israel sob o reinado de Davi e Salomão.

Provérbios

Um livro da sabedoria de Deus. É muito difícil extrair um tema especial no livro de provérbios. É um livro didático, uma coletânea de ensinamentos relacionados a várias áreas da vida. O livro nos informa que é obra de vários autores, três destes são mencionados por nome (Salomão, Ageu e Samuel), enquanto outros são aludidos coletivamente como sábios, e pelo menos uma seção do livro (a última) é anônimo.

Eclesiastes (pregador)

Trata na vaidade da vida terrena, quando afastada da segura esperança da imortalidade exemplificada na vida de Salomão.

Cantares

O nome do livro também é “Cântico dos cânticos” de Salomão, assim chamado pela sua beleza. Para os judeus da época, a estória era um apelo à pureza de vida, um retorno ao propósito de Deus para o relacionamento entre o homem e mulher. A fidelidade de uma mulher ao seu primeiro amor sugere um projeto contra a poligamia que havia se tornado quase universal. Um livro por certo ainda muito discutido.

d. Os Profetas Maiores:

Isaias, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel.

Isaias (Deus ajuda)

O primeiro versículo situa as épocas do ministério de Isaias. Ele profetizou sob o reinado de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias – O conteúdo do livro de Isaias inclui:

- Advertências e ameaças contra Israel.
- Quadros da história do tempo de Isaias,
- Profecias do retorno de Israel do cativeiro,
- Profecias a respeito do Messias,
- Previsões de julgamento de Deus contra as nações,
- Discursos que apelam para a reforma religiosa e moral de Israel,
- Visão da glória futura do povo de Deus ,
- Expressões da graça e louvor.

Isaias foi um profeta antes do cativeiro.

Jeremias (Exaltado de Jeová)

Este profeta apareceu no 7º século antes de Cristo, Deus o chamou muito moço (Jr 1.6-7). Ele exerceu seu ministério durante mais de 50 (cinquenta) anos. Conheceu o despertamento espiritual ocorrido nos tempos de quando o livro da lei foi descoberto no templo (2ª Rs 22.1; 23.24; 2ª Cr 34.15), recebeu de Deus suas primeiras mensagens cinco

anos antes de memorável celebração da Páscoa, sob o reinado de Josias (Jr 1.2 e 2ª Cr 35.19). Mas foi sob os últimos reis impostores de Judá: Jeocaz, Jeoquim e Zedequias que ele foi sentinela do Senhor advertindo os ímpios e proclamando a justiça dos castigos do todo poderoso.

Lamentações (Elegias¹⁵ ou poemas de lamentações ou queixas).

Originalmente, isto é, no mais antigos escritos hebraicos, fazia parte do livro de Jeremias. Era um livro com 57 capítulos. Só mais tarde os cinco capítulos de Lamentações foram colocados à parte por seu tema e forma literária. O livro fala das tristezas de Jeremias quando as calamidades previstas por ele atingiram seu povo. Ele escolheu compartilhar do sofrimento do seu povo e vislumbrou-lhe um raio de esperança. Ele sofreu ao contemplar a “angústia de Sião” identificando se com Espírito de Cristo (cf. Lc 19.41-44 o lamento sobre Jerusalém).

Circunstâncias históricas – Jerusalém tinha se rendido ao cerco dos Caldeus (cf. 2ª Rs 24.40; 25.4) Nebuzaradã, chefe dos guardas de Nabucodonosor, havia queimado o templo do Senhor, o palácio real e todas as casas de alguma importância (cf. 2ª Rs 25.8-9). Os invasores demoliram os muros da cidade (2ª Rs 25.8-9) levando para a Babilônia os príncipes e homens valorosos (2ª Rs 24.14-16; 25.11); Uma situação calamitosa neste quadro temos as lamentações de Jeremias.

Ezequiel (Deus fortalecerá).

Ezequiel era sacerdote que foi levado ao cativeiro por Nabucodonosor em 597 a.C. Fixou residência junto ao rio Quebar, onde se reunia com os anciãos de Judá. A missão de Ezequiel foi denunciada a casa rebelde de Israel e de predizer a destruição de Jerusalém e a deportação de um número maior de seus habitantes, além do que havia ocorrido em 597 a.C. Isto veio ocorrer 6 (seis) anos mais tarde 581 a.C., quando Nabucodonosor destruiu Jerusalém e trouxe todos os sobreviventes, com poucas exceções para a Babilônia. Os primeiros 24 capítulos tratam da rebeldia de Israel e o juízo decorrente. Os capítulos 34 a 48 tratam da restauração de Israel e do florescimento do reino.

Daniel (Deus é meu juiz)

Foi um dos cativos deportados em levar sucessivas desde que os caldeus cercaram Jerusalém e acabaram por se apoderar delas (Cf. 2ª Rs 24.14-16; 25.11; 2ª Cr 36.20). Daniel pertencia a uma família de posição social elevada. Tinha 16 anos quando foi levado cativo para a Babilônia na primeira invasão de Nabucodonosor em 605 a.C. Daniel ocupou elevados cargos na Babilônia, sob Nabucodonosor, e mais tarde sob o império

¹⁵ Elegias – Poemas líricos com temas frequentemente ternos e melancólicos.

Medo-Persa de Belzasar, Dario e Ciro. O livro de Daniel trata dos grandes impérios mundiais:

- Império Babilônico (625 a 536 a.C.) - Cujo principal rei foi Nabucodonosor,
- Império Medo-persa (536 a 330 a.C) - Que se tornou potencia mundial, através de Ciro, sob quem os judeus retornaram a Jerusalém;
- Império Grego - Debaixo da liderança de Alexandre, subjugou todo o mundo persa,
- Império romano - Que foi precedido pelo império sírio do qual se desenvolveu.
- O quinto reino - O reino eterno implantado por ocasião da 1ª vinda de Cristo e aguarda sua consumação¹⁶ por ocasião da 2ª vinda de cristo. O livro se situa no sexto século.

e. Os profetas menores:

Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Oséias (libertação)

Oséias, Filho de Beerí, era um cidadão nativo de Israel, profundamente influenciado pelo profeta Amós e contemporâneo de Isaias. Foi um dos últimos servos que Deus envia ao reino do norte (As dez tribos de Israel) antes do cativo Assírio, em 722 a.C. Seu casamento com Gomer, uma prostituta, retrata de maneira vivida a condição de Israel, num contexto de eminente perdição. Deus o chama para se tornar um sinal para os habitantes de Samaria. Ele não somente deve desposar uma prostituta como também deve perdoar os seus atos infiéis. É a imagem do que o Senhor estava pronto a fazer com Israel, que ele restabelecerá um dia, apesar de suas desobediências.

Joel (Senhor Yavé é Deus)

Joel, filho de Petuel, quase nada se conhece de definido à seu respeito. O local de seu nascimento e as condições de sua vida são desconhecidos. As muitas referências à Jerusalém (1.14; 2.1, 15,32; 3.1, 6,16,17,20 e 21) parecem indicar que ele nasceu nesta cidade. Não se pode precisar a data certa da obra. A mensagem pode ser subdividida em 2 (dois) tópicos:

- Chamada ao arrependimento (Jl 1.1 e 2.17),
- O arrependimento de Israel e as bênçãos prometidas pelo Senhor (Jl 2.18, 3. 21).

¹⁶ Consumação - Termo, final, remate, fim completo, etc.

Amós (Fardo, carga)

Amós é denominado de profeta da justiça. Residia em Tecoá, uma pequena cidade da Judéia, cerca de 20 quilômetros de Jerusalém, onde trabalhava como boiadeiro e colhedor de Sicômaros (espécie de figueira de oito a quinze metros de altura). Era de condição humilde, não pertencia à linhagem profética, nem foi educado na escola de profetas para exercer seu ofício. Deus ordenou-lhe que deixasse sua terra, Judá, e fosse para Israel, o reino do norte. Em obediência ele foi para Betel onde estava o templo e corajosamente entregou sua mensagem, precisa, resumida nas palavras que apareceu 53 vezes em seu livro: “Assim diz o Senhor”. Seu chamamento ocorreu quando ele liderava o rebanho. Profetizou no reino do norte por um breve período, na segunda metade do reinado de Jereboão II (785-744 a.C.), o rei de Israel e durante o reinado de Uzias (780 –740 a.C.) rei de Judá (Am 1.1). A mensagem de Amós era um clamor pela justiça.

Obadias (Servo do Senhor)

Nada se sabe a seu respeito fora de seu livro. Sem dúvida foi escrito após a queda de Jerusalém sob Nabucodonosor em 586 a.C. e antes da destruição de Edom, cinco anos mais tarde. Ele foi contemporâneo de Jeremias. Profetizou contra a crueldade dos edomitas que se regozijaram pela queda de Judá.

Jonas

Era filho de Ametai (Jn 1.1). Sua terra era Crate-hefer, uma aldeia de Zebulom e ele pertencia às 10 tribos e não a Judá. Ele é citado em 2ª Rs 14.25, onde profetizou o sucesso de Jeroboão II na sua batalha contra a Síria. O objetivo de seu ministério foi pregar o arrependimento a Nínive, capital do império Assírio que mais tarde levaria cativa as 10 tribos de Israel.

Miquéias (Quem é como o Senhor?)

Ele era natural de Moresete-Gcte (Cf. Mq 1.14), daí a denominação Morastita. Profetizou nos dias de Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá (Mq 1.1). Ele dirigiu suas mensagens tanto ao reino do norte (Israel) como ao reino do sul (Judá). Antes dos cativos Assírio e Babilônico, Miquéias registra em sua profecia: a destruição de Israel (1.6-7); a desolação de Jerusalém e do templo (Mq 3.12 e 7.13); o cativo dos Judeus na Babilônia (4.10); o retorno do cativo em paz e prosperidade, e bênçãos espirituais (Mq 4.1-8 e 7.11-17); o rei de Sião (o messias) Mq 4.8; onde Ele nasceria (Mq 5.2).

Naum (consolação)

Era nativo de Elcose, uma pequena aldeia da Galiléia. Não sabemos de onde ele proferiu sua mensagem, se da Tilistia ou Nínive. É dito que ele foi para Judá quando o cativo

das dez tribos começou e que ele estava em Jerusalém na época da invasão Assíria. Se assim for, a data do livro situa-se entre 720 a 698 a.C. Outros colocam entre a destruição do templo em 664 a.C. e a queda de Nínive em 607 a.C., afirmando a sua situação no reinado de Josias (640-625 a.C) ou no reinado de Manasses em 660 a.C. O tema do livro é a eminente queda de Nínive, Capital de Assíria, que havia se arrependido com a pregação de Jonas. Nínive caiu de novo em transgressão. A mensagem de Naum é, pois uma proclamação da justiça de Deus, que seria executada contra a cidade culpada.

Habacuque (Seu nome significa abraço)

Habacuque profetizou entre 608 a.C. a 628 a.C., e, numa época de crise moral e política. Ele pode ter sido um levita ligado a música e ao templo. Em sua mensagem descreve a punição reservada aos Caldeus, instrumentos do julgamento sobre Nínive. O conteúdo da mensagem de Habacuque revela o Conflito da fé (Hc 1 e 2) e o triunfo de fé (Hc 3).

Sofonias (Seu nome significa culto do Senhor)

Sofonias, filho de Arsi, um descendente de Ezequias. Profetizou aproximadamente em 630 a.C. durante o reinado de Josias. Sua mensagem foi de Julgamento e anúncio da Era do Senhor.

Ageu

Nasceu na Babilônia, e foi um daqueles que retornou do cativeiro junto com Zorobabel, após o decreto de Ciro. Ele profetizou durante o período da reconstrução do templo. A profecia foi datada em 520 a.C. Sua mensagem foi de repreensão e encorajamento para reconstrução do templo.

Zacarias (Seu nome significa lembrado do Senhor)

Semelhantemente a Ageu, parece estar entre os cativos que retornaram da Babilônia com Zorobabel. Foi companheiro de Ageu, tendo começado o seu trabalho dois meses mais tarde e continuando até o segundo ano depois dele. A profecia de Zacarias começa com uma chamada ao arrependimento seguida por oito visões, cada uma das quais idealizada para encorajar os Judeus no término do templo e na reconstrução da cidade. Sua profecia data dos anos 520 a 485 a.C.

Malaquias (Mensageiro do Senhor ou meu mensageiro)

Esteve ligado com o movimento de retorno de Neemias e Esdras, e condenou os mesmos pecados que eles condenaram. Deve ter vivido então, cerca de 100 anos após Ageu e Zacarias, ou aproximadamente 430-420 a.C. Foi o último dos profetas inspirados do Antigo Testamento. O propósito do livro de Malaquias foi repreender o povo por ter abandonado o culto à Deus, chamar o povo de volta à Deus e reavivar o espírito Nacional. Ele renunciou a indiferença e a hipocrisia dos sacerdotes, denunciou os casamentos

impuros, a quebra da lei do sábado, a falta de piedade pessoal e pagar os dízimos e a incredulidade.

2. Composição e estrutura do Novo Testamento

Os 27 livros do Novo Testamento estão assim sistematizados por estilo literário:

- a. **Os evangelhos:** Mateus, Marcos, Lucas e João
- b. **História:** Atos;
- c. **Epistolas:** Romanos, 1ª e 2ª Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1ª e 2ª Tessalonicenses, 1ª e 2ª Timóteo, Tito, Hebreus, Tiago, 1ª e 2ª Pedro, 1ª, 2ª e 3ª João e Judas.
- d. **Profecia:** Apocalipse¹⁷.

a. Os evangelhos

A palavra evangelho (do latim tardio evangelium, do grego *εὐαγγέλιον*, “boa nova”, composto de *εὖ* «bem, bom» e *ἄγγελος* “mensageiro, anúncio”. Os evangelhos descrevem a vida e ministério de Jesus Cristo. Os três primeiros: Mateus, Marcos Lucas, descrevem e resumem a vida e ministério de Jesus, sob uma só perspectiva, e por isso são chamados de evangelhos sinópticos.

O quarto evangelho, o de João, descreve a vida e ministério de Jesus sob uma perspectiva diferente. Diferenças entre os sinópticos e o evangelho de João:

Os evangelhos sinópticos

- Narram ministério de Jesus na Galiléia
- Narram os milagres de Jesus, suas parábolas e mensagens dirigidas às multidões
- Apresentam Cristo em ação

O evangelho de João

- Narra o ministério de Jesus na Judéia
- Apresenta seus mais profundos e abstratos sermões, suas conversas e orações
- Apresenta Cristo em meditação e comunhão

Por que 4 (quatro) evangelhos?

¹⁷ Apocalipse – Revelação, tirar o véu, iluminar, etc.

A resposta é simples. Uma só pessoa ou mesmo duas não poderiam dar um retrato completo da vida e ministério de Cristo.

Jesus Cristo esboçado nos evangelhos:

IDENTIDADE			
<p>MATEUS</p> <p>Jesus Cristo como "REI" (o salvador prometido) Sl 72.14; 9.6-7; 32.1; Jr 23.5, Zc 9.9 e 14.9</p>	<p>MARCOS</p> <p>Jesus como "Servo" (O salvador poderoso) Cf. Is 42.1-7; 52.13-15; 53</p>	<p>LUCAS</p> <p>Jesus como "Filho do homem" (Salvador perfeito) cf. Gn 3.15; 22.18; Is 7.14-16; 9.6.</p>	<p>JOÃO</p> <p>Jesus como "Filho de Deus" (Salvador pessoal) cf. Is 9.6; 40.3-5; 47.4.</p>
DESTINATÁRIOS			
<p>MATEUS</p> <p>Escrito especialmente aos Judeus</p>	<p>MARCOS</p> <p>Escrito aos Romanos</p>	<p>LUCAS</p> <p>Escrito aos gregos</p>	<p>JOÃO</p> <p>Escrito para todos os que crêem</p>
GENEALOGIA			
<p>MATEUS</p> <p>Filho de Davi (Genealogia real Mt 7)</p>	<p>MARCOS</p> <p>Não contém genealogia, desnecessária do servo.</p>	<p>LUCAS</p> <p>Vai até Adão, o primeiro homem ao invés de ai até Abraão</p>	<p>JOÃO</p> <p>Filho de Deus, Jesus é descrito como o verbo que deu luz à criação.</p>

Mateus

Fala de si próprio como sendo "o publicano". Ele era filho de Alfeu (cf. Mc 2.14, Lc 5.27) e era chamado de Levi, até que Jesus o escolheu como apóstolo e deu-lhe o nome de Mateus. Os publicanos eram malvistas pelos israelitas por serem cobradores de impostos para o governo romano. Foi na casa deste publicano Mateus que Jesus

afirmou: “os sãos não precisam de médico, sim os doentes” (Mt 9.12). A data provável do livro situa-se entre os anos 60 - 70, depois do evangelho de Marcos e antes da queda de Jerusalém. O assunto do livro do reino de Deus, ou reino dos céus.

Marcos

Marcos é o evangelho ação, não tem prólogo, a não ser para dar o título. O autor não foi um apóstolo Ele não foi um apóstolo e era designado de várias formas como segue:

- João – cujo sobrenome era Marcos – (At 12.12,25; 15.37);
- Somente João (At 13.5,13; 4.10; Fm 24; 2ª Tm 4.11; 1ª Pe 5.13). Era filho de Maria, uma mulher de Jerusalém (At 12.12). A sua casa era um lugar de reunião de discípulos para onde Pedro foi quando libertado da prisão. Provavelmente convertido com a pregação de Pedro, e por isso Pedro, que o chama de “meu filho” (1ª Pe 5.13), que indubitavelmente significa filho do ministério. Acompanhou Paulo em seu ministério (At 12.25; 13.5), foi motivo da cisão entre Paulo e Barnabé, tendo acompanhado este último (At 15.37-39). Esteve com Paulo em sua prisão em Roma e foi contado como um de seus cooperadores (Cl 4.10, 2ªTm 4.11). Esteve também com Pedro por ocasião de sua primeira epístola (1ª Pe 5.13). Sua menção de Alexandre e Rufo (Mc 15.21) implica que conhecia esses homens o eram seus contemporâneos. Se Rufo é o mesmo homem mencionado em Rm 16.13, a data de Marcos pode ser confirmada entre 56 a 66 d.C. O assunto do livro é Jesus, “o servo poderoso”.

Lucas

É também o Autor de Atos (At 1.1). Acompanhou Paulo na sua 2ª viagem missionária (At 16.11-40), juntou-se a ele em Filipos no retorno da terceira viagem missionária, permaneceu com ele em Cesaréia e o acompanhou à Roma (At 20.20-28). Ele foi chamado de médico amado (Cl 4.14) e cooperador (Fm 24). Do contexto de Cl 4.14, notamos que ele era gentio e é apontado como o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado entre todas as igrejas (2ª Co 18). A data do livro situa-se entre 60 e 70 antes, depois do evangelho de Marcos e antes da queda de Jerusalém. Lucas foi escrito com luzes em varias fontes. (Lc 1.1), para proporcionar uma narrativa completa sobre a vida de Cristo, para o mundo dos gentios, cujo conhecimento do antigo testamento era muito precário.

João

Era um judeu, foi testemunho ocular de tudo o que relata. Filho de Zebedeu (Mc 1.19-20), apóstolo, provavelmente um dos discípulos de João Batista, que seguiram Jesus (Jo 1.40). De acordo com o relato bíblico ele foi um dos apóstolos mais proeminentes. Viveu mais que todos apóstolos. Escreveu três epistolas e o apocalipse. Supõe-se que tenha morrido na Ilha de Patmos, onde estava exilado por volta do ano 100 d.C. O assunto do

evangelho de João e Jesus como o filho de Deus, o salvador para todos os que crêem. A maioria dos eruditos não dataria antes do ano 85 d.C.

b. História

Atos

O único livro histórico do Novo Testamento é o livro de Atos. Escrito por volta de 63 ou 64 d.C., retrata a expansão da igreja no primeiro século entre os gentios, o aparecimento de Jesus ressurreto aos discípulos durante 40 dias, a promessa do Espírito Santo e ascensão de Cristo (At 1.1-11), a descida do Espírito Santo (At 2.1-4) O ministério de Pedro (At 3-12) e o ministério de Paulo (At 13-28).

c. Epístolas

As epístolas estão assim compostas literalmente:

Epístolas Paulinas:

Romanos, 1ª e 2ª Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1ª e 2ª Timóteo, Tito, Filemon. Total: 13 epístolas.

SUBDIVISÃO DAS EPÍSTOLAS DE PAULO

Epístolas Escatológicas 1ª e 2ª Tessalonicenses	Epístolas Soteriológicas Romanos e Gálatas	Epístolas Eclesiásticas 1ª e 2ª Coríntios	Epístolas da Prisão Efésios, Colossenses, Filemon e Filipenses	Epístolas Pastorais 1ª e 2ª Timóteo e Tito
--	---	--	---	---

Epístolas Gerais:

Assim designadas porque não são dirigidas à uma igreja específica. São elas: Hebreus, Tiago, 1ª e 2ª Pedro, 1ª, 2ª, 3ª João e Judas. Total: 8 epístolas.

Epístolas Paulinas

Romanos

Em Roma existia uma comunidade cristã formada de judeus e gentios. Não se sabe quem a fundou, talvez algum judeu que testemunhou o pentecostes (At 2.5). Paulo ouviu falar desta comunidade através de Áquila e Priscila, expulsos de Roma sob o imperador Cláudio (At 18.1-2). Paulo muito desejou visitar esta comunidade, mas foi

impedido por causa do seu trabalho com o estabelecimento de igrejas na Ásia Menor e na Grécia (Rm 1.13). No final da sua terceira viagem missionária, lá pelo ano 58 d.C., ele anteviu afinal a possibilidade (Rm 15.23). De Corinto, antes de sua partida para Jerusalém. Paulo escreveu aos Romanos preparando sua ida. Ignorava que dois anos ainda o separavam da sua chegada a Roma, como prisioneiro. O assunto principal do livro é a justificação pela fé.

1ª Coríntios

A cidade de Corinto tinha 400.000 habitantes e era a principal cidade da Grécia, quando Paulo a visitou. Situada num grande Istmo, por onde passava o comércio do mundo. Os habitantes eram gregos, judeus, italianos e uma multidão de vários lugares. A igreja de Corinto foi fundada por Paulo, durante a sua 2ª viagem missionária (At 18.1-8). Quando lá esteve Paulo morou com Áquila e Priscila (At 18.2-3), Paulo escreveu para tratar da divisão em torno de líderes e contra o partidarismo, contra a desordem moral, e respondendo as perguntas acerca do casamento e celibato, das coisas oferecidas aos ídolos, acerca do uso do véu, dos dons espirituais, da ressurreição e da oferta aos santos. Não é possível fixar a data do livro com certeza, mas provavelmente foi escrita na primavera entre 55 a 57 d.C., de Éfeso durante o decurso da 3ª viagem missionária.

2ª Coríntios

Escrita provavelmente no ano 57, cerca de seis meses após a primeira carta. Parte de 1ª Coríntios não foi bem recebida. Paulo escreveu esta outra epístola à igreja para defender sua autoridade apostólica.

Gálatas

A região era uma província romana que incluía a Licaônia, as partes da Frígia e Psídia. Geograficamente foi o centro das tribos celtas e parece ter sido vista neste sentido nesta epístola e em Atos (Gl 1.2; At 13.14; 14.6; 16.6). O tema central da epístola foi erradicar o erro dos judaizantes que afirmavam que Jesus era o messias, mas que a salvação deveria ser obtida pelas obras da lei. Com isto, eles estavam enfraquecendo e denegrindo Paulo, o mestre espiritual dos Gálatas. Diziam que ele não era dos doze e, portanto não era apóstolo. A data de Gálatas fica entre 50 a 55 d.C, aproximadamente.

Efésios

Éfeso era a capital da Ásia pró-consular estando cerca de 1600 metros da costa marítima. Era o grande centro religioso, comercial e político da Ásia. Era notável por causa das duas grandes construções que havia ali. O grande teatro que tinha capacidade para comportar 50.000 pessoas sentadas, e a segunda o templo de Diana (uma das 7 maravilhas do mundo antigo). Ele tinha 102 metros de comprimento por 49 metros de

profundidade, era feito de mármore brilhante apoiado em uma fileira de 17 metros de altura e esteve 220 anos em construção. Isto se tornou o centro de influência do culto a Diana (Cf. At 19.23-41). A estátua com muitos seios simbolizava a fertilidade da natureza. Depois de Roma, Éfeso foi à cidade mais importante visitada por Paulo. A data da epístola situa-se cerca de 62 a 63 d.C., escrita de Roma onde Paulo se encontrava preso. O tema da carta é a igreja, sua natureza, sua indivisibilidade e seus relacionamentos.

Filipenses

Esta cidade foi onde Augusto (Otavio) foi proclamado imperador. Era um centro apropriado para evangelização da Europa. Foi o lugar onde a primeira igreja Européia foi estabelecida por Paulo na sua primeira viagem missionária no ano 52 d.C. Foi através de uma visão (At 16.9-12) que Paulo foi para Filipos, onde primeiramente ele pregou numa reunião de oração de mulheres onde Lídia foi convertida. Depois de algum tempo ali se levantou uma oposição, e Paulo e Silas foram presos, prisão que resultou na milagrosa conversão do carcereiro de Filipos e toda sua família. A carta foi informal, uma expressão espontânea de amor e gratidão. Ela é a epístola da experiência:

- As experiências de um missionário em Filipos (1.3-11);
- As experiências de prisioneiro, de condenado a morte (1.12-26);
- A experiência de humildade, a humildade de Cristo (2.1-11);
- Experiência do testemunho nos dias de Nero (2.12 - 3.3);
- Experiência de santificação (3.15 - 4.3);
- Experiência da verdadeira alegria (4.4-20). Foi escrita por Paulo, durante sua permanência na prisão em Roma, cerca de 62 D.C.

Colossenses

A cidade de Colossos distava cerca de 160 kms. de Éfeso e era de pequena importância na época desta epístola. Ficava próxima a grande estrada que ia de Éfeso para o vale de Eufrates. Foi o lar de muitos judeus. A igreja em Colossos foi provavelmente fundada por Epafra (1.6-7; 4.12-13), que foi orientado por Paulo no seu trabalho ali (Cl 1.7). Paulo embora tivesse uma ligação com eles nunca os havia visitado (Cl 1.7 - 2.1). Ele parece, entretanto, ter-se mantido informado acerca das condições da igreja (1.3,4,9; 2.1) e ter aprovado a obra e a disciplina dela (1.5-7,23; 2.57; 4.12-13). Ele era amado por eles (1.8) e conhecia e amava alguns deles (cf. Fm 5). Em Colossos ficava a casa de Filemon e sua esposa Ápia (Fm 2; Cl 4.17). Paulo escreve aos colossenses para combater heresias tanto gnósticas como judaizantes, que imperava numa exagerada preocupação com ritos e cerimônias, adoração a anjos etc. O objetivo de Paulo foi

proclamar a supremacia¹⁸ e a centralidade de Cristo sobre nossas vidas e todas as coisas criadas. Foi escrita durante a prisão de Paulo em Roma (Cl 4.18), quase no fim de sua vida.

1ª Tessalonicenses

A cidade de tessalônica foi fundada por Cassandro, rei da Macedônia, em 315 a.C., e distava cerca de 160 Kms. de Filipos. Era um grande centro comercial nos tempos de Paulo. Está localizada perto do mar Egeu na extremidade do golfo de Salônica, e tem permanecido uma das principais cidades da Macedônia até os dias de hoje. Foi denominada cidade “ortodoxa” por ter sido uma das principais fortalezas do Cristianismo. Em sua mensagem aos tessalonicenses Paulo insiste quanto à santificação (1ª Ts 4,7; 5.23), pois o tempo é curto e o dia do Senhor está próximo (1ªTs 5.2). Outro assunto de importância tratado por Paulo foi acerca da ressurreição dos crentes que morreram e o arrebatamento dos remidos que estiverem vivos por ocasião da 2ª vinda de Cristo. A idéia principal é de consolo e advento. A epistola foi escrita em 53 d.C. de Corinto.

2ª Tessalonicenses

Os cristãos de Tessalônica não compreenderam bem e estavam confusos acerca do retorno de Cristo. Consideravam que o “dia do Senhor” já era chegado (cf. 2ª Ts 2.2) e que não precisavam mais trabalhar para ganhar a vida honestamente (cf. 2ª Ts 3.6-15). Paulo esclarece acerca destas interpretações erradas, de um lado descrevendo os sinais do retorno do Senhor (cf. 2ª Ts 1.7-8) e de outro lado anunciando acontecimentos que precederiam a 2ª vinda (2ª Ts 2.3-12). Escrita em 53 d.C.

1ª Timóteo

Timóteo, nativo de Licaônia, filho de pai grego e mãe judia, assim como sua avó (cf. 2ªTm 1.5). Foi instruído nas sagradas escrituras desde a sua infância (cf. 2ªTm 3.15), e provavelmente se converteu durante visita de Paulo a Listra (cf. At 14.820). Foi ordenado como evangelista (cf. 1ªTm 4.14; 2ª Tm 1.6) e depois da segunda visita de Paulo a Listra, ele se juntou a Paulo (cf. At 16.1). O propósito da carta foi instruir Timóteo quanto aos seus deveres pastorais. Paulo aconselha contra tendências legalistas, especulações sem sabedoria e adverte Timóteo para que viva uma vida irrepreensivelmente. Ele também qualifica o homem a quem deve ser dado

¹⁸ Supremacia – Superioridade, primazia, eminência, Hegemonia, preponderância, etc.

responsabilidades na igreja e dá instruções quanto ao governo eclesiástico e adoração. Foi escrita no período em que Timóteo estava como pastor em Éfeso, entre 64 a 66 d.C.

2ª Timóteo

Foi escrita de Roma, pouco antes do martírio de Paulo em 67 d.C. foi escrita para mais instrução a Timóteo e explicar seus deveres pessoais. O tom é mais pessoal que a primeira carta. É a última carta escrita por Paulo, que deseja ver Timóteo mais uma vez e diz que venha encontra-lo depressa, pois aguarda o martírio. Paulo se encontrava numa úmida e fria masmorra e pede a sua capa. Esta última carta é uma espécie de testamento espiritual de Paulo, realizado após sua primeira defesa e pouco antes de seu martírio (2ªTm 4.18). O tema da carta é “não se envergonhar” (2ª Tm 1.8,12,16; 2:15), de:

- de sofrer por Cristo (Cap. 1);
- de servir a Cristo (Cap.2);
- de ensinar a respeito de Cristo (Cap.3);
- de morrer por Cristo (Cap.4).

Tito

Pouco se sabe acerca da obra de Tito além do que se encontra registrada no novo testamento (Gl 2.1-5; 2ª Co 2.12-13; 7.2-6; Tt 1.5 e 3.12). Ele era um gentio que Paulo levou a Jerusalém, onde a liberdade do evangelho não exigiu dele a circuncisão. Era um missionário capacitado e cheio de vigor. Paulo o deixou em Creta para que ele terminasse o trabalho que ele havia começado ali. O propósito do livro foi aconselhar a Tito acerca da obra que Paulo deixou que ele fizesse (Tt 1.5). A epistola contém:

- As qualificações dos presbíteros a serem escolhidos,
- A metodologia para lidar com os falsos ensinamentos e a importância da doutrina,
- Instruções para as diferentes classes de pessoas da igreja, • Exortação para que o próprio Tito se tornasse padrão dos fiéis.

Não se tem certeza do local onde a carta foi escrita. Data provável entre 65 e 66 d.C., antes de Timóteo.

Filemon

Provavelmente um convertido de Paulo. Viveu em Colossos e era membro da igreja Colossense. Onésimo era um escravo em Filemon, que havia roubado seu Senhor (vs. 18,10). A carta foi escrita para noticiar a conversão de Onésimo e também para devolvê-lo a Filemon, agora na condição de irmão. Foi escrita de Roma aproximadamente em 63 d.C.

Epistolas gerais:

Hebreus

Endereçada aos cristãos hebreus, mas se de alguma igreja específica, ninguém sabe: Sabe-se porém, pela evidência interna que haviam resistido forte perseguição e perda de propriedades (Cf. Hb 10.32-39), e que foram fieis no serviço aos santos (Cf. Hb 6.10). Do texto conclui-se que já eram cristãos há algum tempo (cf. Hb 5.12). Conheciam o autor de epistola (Cf. Hb 13.18-19) e Timóteo que estava por visitá-los (cf. Hb 13.23). Não se conhece o autor da epistola escrita entre os anos 68 a 70 d.C., antes, portanto da destruição do templo de Jerusalém. O assunto do livro é a “superioridade de Cristo”.

Tiago

Três pessoas com o nome “Tiago” são mencionadas em o Novo Testamento. Uma delas é Tiago, irmão do Senhor (cf. Mt 13.55) que relutou em crer em Jesus (Cf. Jo 7.2-9; Mc 3.21,31, At 1.13-14). Este Tiago foi presbítero e líder da igreja em Jerusalém, e fez em importante discurso no concílio de Jerusalém (cf. At 15.13-21). Ele também é mencionado em Atos 12.17, Gl 1.19, 2.9-12. Segundo o historiador judeu Josefo, ele foi apedrejado até a morte no ano 62 d.C., por causa de uma acusação de ter-se afastado da lei judaica. Tiago é tido como autor da epistola que leva seu nome. A carta foi dirigida aos judeus cristãos. Alguns deles ricos e outros pobres (Tg 1.9-10). Seu objetivo foi fortalecer-los em tempos de provação (Tg 1.2, 2.6-7, 5.1-6) e corrigir seus erros na vida pessoal e da igreja (Tg 1.19-21, 2.14-26; 4.1; 5.11; 2.1-9). A epistola é claramente cristã por reconhecer as reivindicações de Cristo (Tg 1.1; 2.1-7), por referir-se a 2ª vinda (Tg 1.12, 5.7-8), por falar de regeneração pessoal mediante a fé (Tg 1.8,21). Foi escrita de Jerusalém, onde Tiago era presbítero. A data e assunto muito disputado, não se sabendo exatamente quanto foi escrita.

1ª Pedro

Pedro, apóstolo que antes de ser um discípulo era Simão. Ele nasceu em Betsaida e viveu em Cafarnaum onde foi pescador. Ele foi conduzido a Jesus por André, seu irmão, e veio a se tornar um dos líderes dos apóstolos. Pedro escreveu aos judeus cristãos dispersos para consolá-los dos sofrimentos decorrentes de perseguições pelos pagãos e exortá-los à fidelidade e ao dever. Foi escrita entre 62 e 69 d.C.

2ª Pedro

Escreveu esta epistola por causa dos danos causados pelos falsos mestres. As verdades ensinadas por 2ª Pedro têm uma relevância particular nos tempos finais, quando exorta os crentes a empenharem-se por ser achados em paz, sem mácula e irrepreensíveis (2ª Pe 3.14). A data e destino são questões incertas.

1ª João

João, apóstolo, o discípulo amado, (cf. Jo 21.20). A epistola foi escrita para uma comunidade cristã que se defrontava com uma heresia gnóstica do primeiro século. João os encorajou a viverem uma vida de comunhão com Deus e com o seu Cristo. Escrita entre os anos 85 e 100 d.C.

2ª João

Uma carta pessoal e amigável endereçada à Senhora eleita, uma irmã amiga (sentido literal) ou uma igreja local (sentido figurado). Uma carta de advertência contra a comunhão indiscriminada com falsos mestres. Escrita entre os anos 85 e 100 d.C.

3ª João

O destinatário é Gaio, amigo pessoal de João. O propósito foi honrar Gaio, um discípulo fiel, rico, mas hospitaleiro e receptivo aos pregadores itinerantes, a quem ajudava, participando assim da obra missionária. A epístola fala também contra Diótrefes, um presbítero não acolhedor e autoritário. A data da epístola não é conhecida.

Judas

Irmão de Tiago e do Senhor. O propósito da carta foi corrigir falsos mestres que corajosamente estavam ensinando heresias nas reuniões da congregação. Os leitores são exortados a batalhar pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos. Trata-se de uma das mais severas exortações do novo testamento. A data situa-se entre 60 e 80 d.C.

d. Profecia:

Apocalipse

Autoria: apóstolo João. Ele escreveu durante seu exílio na ilha de Patmos, por volta de 95 ou 96 d.C. Foi escrito para encorajar os cristãos perseguidos sob o império de Domiciano, imperador Romano. O tema é a vitória final de Cristo e sua igreja sobre as forças do mal.

Exercícios

1. Quais são as duas principais divisões literárias da Bíblia?

A Bíblia é composta por livros, sendo.....doTestamento edoTestamento.

2. Qual é o significado do vocábulo testamento?

No Antigo Testamento temos o pacto da.....e no Novo Testamento o pacto da.....umao outro.

3. Quais são as divisões literárias do Antigo Testamento, incluindo os livros?

4. Quais são os significados dos livros da lei?

5. Que eventos cobrem os livros históricos?

Os livros poéticos, também são chamados de
.....e contém um.....(Jó).....
.....(Salmos).....(Provérbios).....
.....(Cantares) e (Eclesiastes)

6. Por que denominação “profetas maiores” e “profetas menores” ?

7. Quais são as divisões literárias do Novo Testamento incluindo os livros?

8. O que significa o vocábulo evangelho?

III

A BÍBLIA E A REVELAÇÃO

III. A BÍBLIA E A REVELAÇÃO

1. O que é a revelação?

Conceituação bíblica:

Duas palavras no velho e novo testamento traduzem a palavra revelação: *Galah* e *Apocalipse*, respectivamente. Elas se referem a uma verdade, fato ou pessoa escondida que possa ser conhecida ou trazida à luz. A raiz latina de nossa palavra “revelação” significa “tirar o véu” ou “descobrir”. A palavra Apocalipse do novo testamento grego significa o ato de se puxar a cortina para que o auditório possa ver a atuação do artista na representação teatral.

Expressão prática:

É a revelação da atividade de Deus, na qual Ele se faz conhecido aos homens comunicando-lhes seu propósito, sua vontade, seus pensamentos, suas intenções, desígnios e seus mistérios. A revelação é necessária, pois Deus sendo espírito (Jo 4.23-24), não é possível ao homem vê-Lo com seus próprios olhos (Cf. Jo 1.18).

2. Como Deus se revela ao homem?

a. Revelação geral:

Deus como Criador

É o que se pode saber acerca de Deus por meio da natureza criada. Na natureza Deus tem se revelado aos homens como Criador. Paulo se referiu à revelação geral nos capítulos 1 e 2 da epístola aos Romanos. Todo os homens, mesmo aqueles que não conhecem a Deus, tornam-se responsáveis perante Ele mediante a revelação geral. Paulo afirmou que as obras criadas por Deus, desvendam seu Ser, sua eternidade, e sua divindade (Rm 1.20). Por isso, aqueles que se recusam a adorá-Lo, são indesculpáveis. Aqui se faz necessário distinguir entre revelação geral e teologia natural. Esta última, apresenta a doutrina da natureza de Deus baseada em fundamentos que não da bíblia. A revelação geral não conduz a um conhecimento completo de Deus, mas provê alguma lei pela qual viva, como um ato preservativo de Deus, tendo em vista a revelação especial mediante Jesus Cristo.

b. Revelação especial:

Deus como Redentor.

Através da revelação geral, se alcança algum conhecimento acerca de Deus. A revelação especial edifica-se sobre a revelação geral. A revelação especial se relaciona com a atividade redentora de Deus na vida de Israel, povo escolhido no Antigo Testamento e na vida da igreja no novo testamento. O pecador é incapaz de ver a sua situação pecaminosa e separada de Deus sem a iniciativa e atividade especial de Deus. O ser humano em seu

estado decaído é incapaz de compreender o “livro da natureza”, ou seja, a revelação geral (Calvino). A revelação especial de Deus em Jesus Cristo, fornece um entendimento superior de justiça, amor e santidade de Deus. A revelação especial é dádiva¹⁹ da graça de Deus, a fim de restaurar aos homens os benefícios da revelação geral e especial.

c. Ação do Espírito Santo na revelação especial

A maneira mais comum de Deus revelar sua vontade, propósito e desígnio no antigo testamento era por sonhos e visões (Cf. Nm. 12:4-8). Com Moisés, Deus se comunicava face a face, mas com Arão e Miriã, por sonhos e visões.

- **Nm 11.16-35** - O espírito de Moisés desce sobre os 70 anciãos e eles profetizaram. Porém fora do arraial Eldade e Meldade profetizaram e, neste incidente temos um aspecto importante da vontade de Deus revelada pela boca de Moisés. Josué pediu a Moisés que lhes proibissem profetizar (Nm 11.28). Moisés questionou as motivações de Josué, e exclamou: “... Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhe desse o seu Espírito” (Nm 11.29). *“Deus quer um povo profético.”*
- **Joel 2.28-32** - Deus ratifica sua vontade através do profeta Joel, ao afirmar que derramaria seu Espírito sobre toda a carne, que haveria sonhos e visões e que todos profetizariam. No dia de Pentecostes²⁰, após a descida do Espírito Santo, temos o cumprimento da profecia de Joel (cf. At 2.1-4, 2.14-21).

d. Outras atividades do Espírito Santo na revelação especial:

- Glorifica à Jesus, revelando tudo o que é Dele, inclusive as coisas que haveriam de vir (cf. Jo 16.13-15);
- O Espírito Santo é agente que ensina todas as coisas e lembra aos discípulos os ensinamentos de Jesus (Jo 14.26);
- As escrituras são o registro da ação do Espírito Santo, em homens inspirados e movidos por Ele (2ª Pe 1.21);
- O Espírito Santo é um agente divino que comunica a vontade e propósito de Deus ao coração humano (1ª Co 2.9-16); e,
- Finalmente a comunicação do Espírito Santo embora não se dê de modo audível é real. O livro de atos demonstra bem esse fato (Cf. At 8.29; 10.19).

Posições contemporâneas sobre a revelação:

¹⁹ Dádiva – dom, presente, etc.

²⁰ Pentecostes – Grego: quinquagésimo. A segunda das 3 (três) festas judaicas a que devia comparecer todo o povo de Deus. Era celebrada cinquenta dias após a páscoa, conhecido também como a festa das semanas.

Posição liberal (modernista)

A Bíblia contém a palavra de Deus juntamente com as palavras dos homens. Segundo a posição liberal à Bíblia não pode ser igualada à palavra de Deus, visto que Deus revela a sua vontade por outros meios além da Bíblia.

Alguns teólogos desta linha crêem que os escritores bíblicos eram inspirados somente ao ponto em que, de tempos em tempos, sua percepção religiosa e seu gênio eram aprofundados para descobrir “verdades divinas” para sua época (teoria da intuição). A ênfase liberal, portanto, se centraliza na descoberta que o homem faz de Deus, ao invés da revelação que Deus faz de si mesmo.

Posição da neo-ortodoxia

A neo-ortodoxia²¹ foi uma reação a escola liberal tentando ser a mediação entre a ortodoxia conservadora e o liberalismo.²² Para os neo-ortodoxos a Bíblia torna-se a palavra de Deus na situação concreta, quando Deus escolhe o canal perfeito para confrontar o ser humano com sua palavra perfeita. A Bíblia, portanto, não é proposicional, mas serve como canal de encontro pessoal de Deus com o ser humano num ato de revelação. Numa experiência existencial a palavra de Deus é vivificada ao indivíduo (existencialismo).

Ortodoxia²³

Para os conservadores ortodoxos a Bíblia é a palavra de Deus, propositiva²⁴, inspirada plenária e verbalmente (2ª Tm 3.16).

e. As verdades reveladas pela Bíblia.

A Bíblia contém o registro das revelações de Deus. Para conhecer as verdades reveladas na Bíblia precisamos da iluminação do Espírito Santo.

O que Deus revela na Bíblia?

- Sua natureza, vontade e propósito eterno em Cristo Jesus;
- Suas exigências e natureza da vida cristã e os recursos específicos para vive-las;
- As soluções para os problemas pessoais;
- A natureza e propósito dos relacionamentos;

²¹ Neo-ortodoxia – Nova ortodoxia

²² Liberalismo – Movimento religioso influenciado pelo iluminismo que questionam a autoridade e inspiração plenária e verbal das escrituras.

²³ Ortodoxia – ortho gr.– Correto + doxia – Glorificação – glorificação correta.

²⁴ Proposicional, propositiva – Expressão verbal, proposta enunciação, frase, etc.

-
- O reino de Deus como realidade agora pela fé em Jesus Cristo, e sua consumação futura e transcendente poder;
 - A pessoa e obra do Espírito Santo, seu poder e seus dons e frutos;
 - A igreja, sua natureza e fidelidade e futuro glorioso.

Portanto, é mister²⁵ ressaltar a importância da Bíblia como instrumento de revelação de Deus aos homens (Cf. Jo 5.39, Mt 5.18, 1ª Pe 1.25, At 1.16, Hb 4.12, Rm 15.4, 1ª Co 10.11, 1ª Jo 5.13, At 17.11, etc.). A Bíblia é um registro dos grandes feitos de Deus na criação na história, na redenção e consumação de todas as coisas como vemos no Apocalipse.

²⁵ Mister – Necessário, ser preciso, etc.

Exercícios

1. O homem pode conhecer a Deus por si mesmo? E por quê?

2. Definir o conceito de revelação.

3. O que é revelação geral e como diferenciá-la de teologia natural?

4. O que é revelação especial?

5. Como relacionar a revelação especial com a revelação geral?

6. Como você define a participação do Espírito Santo na revelação especial.

7. Quais as posições contemporâneas sobre a revelação? E qual é o conteúdo delas?

8. Como relacionar a Bíblia com a revelação?

9. Qual é a posição da neo-ortodoxia?

10. O que o texto de Joel 2.28-32 nos ensina?

IV
INSPIRAÇÃO E AUTORIDADE
DA BÍBLIA

IV. INSPIRAÇÃO E AUTORIDADE DA BÍBLIA

1. Conceituação bíblica da inspiração.

A palavra “inspiração” é a tradução do termo grego “*θεόπνευστος / Theópneustos*” que significa “respirado por Deus”, “respiração” ou “Ruah” (espírito) de Deus no Antigo Testamento denota sempre a saída ativa do poder de Deus (algo para fora) seja na criação (Sl 33.6; Jó 33.4; cf. com Gn 1.2, 2.7), na preservação da vida (Jó 34.14), na revelação aos profetas e por meio deles (Is 48.16; 61.1, Ml 3.8, Jr 31.28,33). Na regeneração²⁶ (Ez 36.27) ou no julgamento (Is 30.28,33).

No Novo Testamento esta “respiração” (grego – *πνεύμα / pneuma*) revela pessoa da divindade (o Espírito Santo) produzindo a escritura, como um meio de transporte ao entendimento espiritual. A teologia usa regularmente a palavra “inspiração” para expressar a origem e qualidade das escrituras sagradas. De modo ativo o substantivo indica a respiração de Deus para fora, a qual produziu a escritura. De modo passivo a inspiração das escrituras foi assim produzida pela respiração de Deus. A palavra também é usada em termos mais genéricos²⁷, destacando a influência divina, a qual habilitou os instrumentos humanos, a falar, bem como a escrever, as palavras de Deus.

“Inspiração”, diz respeito ao método de receber, interpretar e relatar a verdade revelada por Deus”.

2. A doutrina da inspiração no Novo Testamento .

Três textos do Novo Testamento apresentam a doutrina de inspiração: 2ª Tm 3.16-17; 2ª Pe 1.20-21; Hb 1.1-2. Estes textos ensinam que:

- “Toda escritura é divinamente inspirada...” (2ª Tm 3.16).
- Homens movidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus (2ª Pe 1.20-21);
- As escrituras têm origem divina (Hb 1.1-2).

3. O que disse Jesus aos apóstolos acerca da inspiração.

Ponto de vista de Jesus Cristo.

O Antigo Testamento era a palavra de Deus, inspirada e autorizada. Frequentemente usava a expressão “está escrito” (cf. Mc 12.36). Todavia não tomou o Antigo Testamento

²⁶ Regeneração – Gerar de novo

²⁷ Genéricos – Geral, abrangente, etc.

como um todo, como critério genérico normativo para todos os séculos. Exemplo: Mt 19.2-9, Jesus considerou transitória²⁸ a passagem de Dt 24.1-4, evocando a passagem de Gn 2.24 como princípio permanente, quando discorria acerca do divórcio.

Ponto de vista dos apóstolos.

O Antigo Testamento foi a Bíblia dos apóstolos, bem como de Jesus. Eles tiveram elevado conceito da inspiração e da autoridade do Antigo Testamento (Cf. At 1.16; Mt 1.22).

4. Inspiração, Revelação e Iluminação.

Os evangelhos

Jesus afirmou sua unidade com o Pai e Suas palavras procediam do Pai (Jo 10.14). Ele afirmou que Seus ensinamentos vinham de Deus (Jo 7.17). Assim as palavras de Jesus relatadas nos evangelhos são as palavras de Deus.

A vida de Jesus e Seu trabalho foram direcionados pelo Espírito Santo (Mt 3.16; 4.1, Mt 12.28). A inspiração faz referência as palavras resultantes da atividade do Espírito Santo. As palavras e ações de Jesus Cristo eram inspiradas e os escritores criam nisto quando escreveram os evangelhos.

Os escritos apostólicos

Livro de Atos e as epístolas e o apocalipse referem-se todo ao coração das atividades e ensinamentos de Jesus e da continuidade de sua obra mediante o Espírito Santo (Cf. Mt 10.19-20, Jo 14.26, Jo 16.13). Paulo, Pedro e João escreveram às igrejas para apresentar o tipo de vida que os cristãos deveriam ter com base em sua fé em Jesus Cristo, e acerca da esperança vindoura.

Diferença entre inspiração, revelação e iluminação:

Definições:

- **Inspiração** – Inspiração é a influência sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores sagrados, o que valida os seus escritos.
- **Revelação** – É a atividade de Deus, na qual ele se torna conhecido ao homem Sua pessoa, Seu propósito e Seus desígnios e mistérios.
- **Iluminação** – Diz respeito ao ato de receber esclarecimento sobre determinado assunto que esteja obscuro ou complexo.

Entendendo as diferenças:

²⁸ Transitória – Passageiro, instantâneo, não permanente, temporário, etc.

-
- Revelação diz respeito à verdade recebida.
 - Inspiração diz respeito ao método de receber, interpretar e relatar a verdade revelada por Deus.
 - Iluminação diz respeito ao esclarecimento das verdades reveladas e dos escritos inspirados.

5. Teorias acerca da inspiração da Bíblia.

Teoria da inspiração divina comum.

Esta teoria confunde inspiração com iluminação por asseverar que se trata da mesma coisa. A iluminação como já vimos é para compreender o que já foi revelado e inspirado.

Teoria da inspiração natural.

Esta teoria confunde a inspiração sobrenatural do Espírito Santo com o esclarecimento intelectual de filósofos sábios e eruditos. Estas, entretanto, jamais poderiam pela sua intelectualidade, escrever um livro sequer da Bíblia (Cf. 1ª Co 1.27-29).

Teoria da inspiração parcial.

Esta é a posição de círculos liberais segundo os quais a Bíblia contém a palavra de Deus, ao invés de dizer que a Bíblia é a palavra de Deus. A teoria da inspiração parcial ensina que as questões de situação do homem são inspiradas, porém as questões de ciência e história não foram inspiradas. Todavia, embora a Bíblia não seja um livro científico, a verdadeira ciência está de acordo com a Bíblia e proclama sua veracidade.

Teoria da inspiração verbal, ou do ditado verbal.

Esta teoria ensina que a Bíblia só foi inspirada quanto às palavras. Ou seja, os homens foram usados mecanicamente o que escreviam, enquanto Deus ditava o que deveria ser escrito. É certo, porém, que Deus não usou os escritores sagrados desta maneira, antes o Espírito Santo usou as faculdades mentais e características dos escritores produzindo uma mensagem perfeitamente divina. Lucas por exemplo foi inspirado a pesquisar apuradamente os assuntos, consultando testemunhas oculares (cf. Lc 1.1-4).

Teoria da inspiração de idéias e conceitos.

Esta teoria é contrária da inspiração mecânica. Ela diz que Deus ditou apenas idéias e pensamentos da Bíblia não palavras. Porém isto é indefensável. Idéias e conceitos só podem ser expressos através de palavras. É preciso, entretanto distinguir entre palavras

inspiradas e registros inspirados. Por exemplo: Os dizeres de Satanás e humanos, estão registrados, porém não é a palavra de Deus.

A Correta maneira de entender a inspiração.

É chamada de “inspiração plenária e verbal”. Todas as partes da escritura são inspiradas. As escrituras reivindicam inspiração, e dão certeza de serem inspiradas.

“Toda escritura é divinamente inspirada” (2ª Tm 3.16).

6. A autoridade da Bíblia.

A autoridade da Bíblia está baseada no fato que ela é a palavra de Deus, revelada e inspirada. Nos dias atuais passamos por uma severa crise de autoridade. Sem referencial claro de autoridade, abre-se o caminho para a anarquia e à total desinstitucionalização. Portanto, é mister afirmar a autoridade bíblica, ou seja, da palavra de Deus. Em nossos dias, a revolta contra determinadas autoridades (pais, governos e instituições) tem se expandido contra toda autoridade externa e transcendente.

O atual questionamento da autoridade é tolerado e promovido em muitos círculos acadêmicos e pela mídia. Filósofos afirmam que Deus e o sobrenatural são concepções míticas, que os processos e eventos abrangem somente a realidade final. Dizem que toda existência é temporal e mutável, e desta maneira, todas as crenças e ideais são relativos à época e cultura nas quais surgem (existencialismo e relativismo ético, moral e espiritual). Pensando assim, a religião cristã, como todas as outras, é meramente um fenômeno cultural, e a autoridade divina e da Bíblia ficam solapadas. A revelação transcendente as verdades estabelecidas e os mandamentos imutáveis são descartados como ficção devota. Em nome da suposta “idade madura” do homem o secularismo radical advoga autonomia humana e individualidade criativa. Levar a bíblia a sério é, portanto, questão crucial à sobrevivência do cristianismo, seus valores e sua expansão.

a. Autoridade do Antigo Testamento

Israel cria na autoridade de Deus por meio da lei e dos profetas. A lei fora dada por Moisés. A lei tinha autoridade e era considerada permanente, não podia ser desrespeitada, pois se isso ocorresse teria o efeito de anular as relações do pacto entre Deus e Israel. E o povo seria entregue em cativeiro. Os profetas sob a orientação do Espírito Santo, falavam com autoridade. Os registros de suas profecias freqüentemente descreviam como veio a eles a palavra do Senhor. A palavra do Senhor não voltaria vazia do profeta (Is 55.11). Era semelhante a um fogo consumidor, perante a qual o povo seria como lenha (Jr 5.14).

A autoridade do Antigo Testamento foi confirmada por Jesus Cristo. Uma das provas mais cabais da autoridade do Antigo Testamento consiste no fato de Jesus Cristo e por extensão os apóstolos confirmarem de modo absoluto a autoridade dos escritos como diretamente inspirados por Deus.

Relatos bíblicos no Novo Testamento nos quais Jesus confirma a autoridade do Antigo Testamento.

- “A escritura não pode ser anulada” (Jo 10.35);
- “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei” (Lc 16.17);
- Jesus confirmou Moisés como autor do Pentateuco (Lc 24.17, Jo 5.46-47);
- Sustentou que Isaias foi o autor do livro que leva o seu nome (Mt 13.14, citando Is 6.9-10);
- Confirmou a autoria de Daniel do livro que leva o seu nome (Mt 24.15);
- Falou de Adão, Eva e seu filho Abel como personagens reais (Mt 19.4, 5; 23.35);
- Em Lc 17.26, 28, Jesus se referiu a Noé e Ló.
- Confirmou a narrativa acerca de Abraão (Jo 8.56-58).
- Confirmou a exatidão do relato de Gênesis sobre a Criação (Mc 10.6-9), sobre o dilúvio universal (Mt 24.31-39);
- Ele afirmou e deu credibilidade aos milagres do Antigo Testamento, quando fez menção de juízo sobrenatural que caiu sobre Sodoma e Gomorra (Lc 17.29), incluindo a morte da mulher de Ló (vs. 32);
- Referiu-se ao maná que alimentou os israelitas durante o êxodo (Jo 6.62), e da cura milagrosa das mordeduras das serpentes (Jo 3.14);
- Os evangelhos registram a confirmação de Cristo acerca dos milagres envolvendo Elias e Elizeu (Lc 4.25-27);
- Deus mencionou com ênfase o engolimento sobrenatural de Jonas por um grande peixe (Mt 12.39-40).

À luz dessas declarações feitas por Jesus, dos acontecimentos históricos e dos eventos miraculosos do Antigo Testamento não é possível negar veracidade à Bíblia como a palavra de Deus.

b. Autoridade do Novo Testamento.

O Novo Testamento está centrado na pessoa, obra, vida e ensino de Jesus Cristo como cumprimento das promessas do Antigo Testamento. Cada atividade de Jesus Cristo foi uma demonstração de poder e autoridade divinos. Após sua morte e ressurreição Ele comissionou seus discípulos com base em sua plena autoridade “Toda autoridade me foi dada...” (Mt 28.18).

Posteriormente, os apóstolos tornaram-se mestres oficiais das palavras e interpretes das ações de Jesus Cristo, pois tinham estado com Ele. Inicialmente a transmissão²⁹ se deu pela via oral, mas depois registradas nas narrativas contidas nos evangelhos.

Não obstante Paulo, não ser um dos doze primeiros apóstolos escolhidos, suas cartas às igrejas expressavam uma autoridade especial, confirmada pelo seu ministério e aceitação dos apóstolos iniciais, por causa de sua visão e encontro com Jesus Cristo e por sua posição como Pai das igrejas dos gentios. Ele organizou e deu expressão doutrinária ao conjunto e ensinamentos de Jesus. Seus ensinamentos foram reconhecidos como autorizados, ao lado das narrativas da vida de Jesus e do Antigo Testamento que profetizavam a vida de Cristo.

²⁹ Transmissão: Tradição, comunicação, propagação, legar, disseminação

Exercícios

1. Como você define inspiração?

2. Quais passagens do Novo Testamento que apresentam a doutrina da inspiração?

3. Qual foi a atitude de Jesus com respeito ao Antigo Testamento?

4. Quais são as diferenças entre revelação, inspiração e iluminação?

5. Quais são as teorias falsas acerca da inspiração? O que eles dizem?

6. Qual é a maneira correta de se entender a inspiração?

7. Qual é a base de autoridade da Bíblia?

8. Dê duas bases de autoridade do Antigo Testamento:

9. Quais são as bases de autoridade do Novo Testamento?

V

O CÂNON DA BÍBLIA

V. O CÂNON DA BÍBLIA

1. O que é Cânon?

O termo cânon provém do grego “*κανών / kanōn*” que significa regra, lista, vara, régua, um padrão de medida. No hebraico a palavra QÂNEH (ocorre 61 vezes no antigo testamento) significa “CANA” (planta que era usada para medir e pautar), “BALANÇA” (Is 46.6) e, também a “cana para trançar os cestos, ou o bastão reto”.

O uso Eclesiástico da palavra Cânon.

“Cânon” ocorre somente quatro vezes no Novo Testamento, sendo encontrado exclusivamente nas epístolas paulinas. Em 2ª Co 10.13, 15,16, significando ao que parece, a sua “*regra*” de procedimento de não trabalhar em campo alheio, especialmente dentro do mundo gentílico (Cf. At 9.15; Rm 1.5; Gl 2.9). Paulo também emprega o termo em Gl 6.16, indicando uma “*regra de vida*”, que consiste no apego à palavra de Deus.

Uso pelos pais e concílios da igreja.

Os “pais da igreja” e alguns concílios usaram com freqüência a expressão “cânon”, para distinguiu os ensinios da igreja das heresias que surgiam.

Clemente de Roma

Por volta de 95 d.C. deparando-se com uma dissensão na igreja de Corinto porque alguns jovens não estavam obedecendo aos presbíteros da igreja, exorta-os a humildade e obediência segundo o exemplo de Cristo, como condição de harmonia e paz. Suas palavras foram de exortação ao arrependimento e um retorno à caminhada segura em Cristo: Prossigamos para a gloriosa e venerável regra (Cânon) de nossa tradição.

Clemente de Alexandria

(150 a 250 d.C.) Chamou a harmonia entre o antigo e o novo testamento de “um Cânon da igreja”. Ele também escreveu um livro contra os judaizantes intitulado “Cânon eclesiástico ou contra os judaizantes”.

Irineu

(120 –202 d.C.) Chama o “credo batismal” que deverá ser guardado sem nenhuma modificação no coração de “o Cânon da verdade”.

Policarpo

(70 – 155 d.C.) Refere-se ao “evangelho” como “Cânon da Fé”.

Hipólito

(160 – 235 d.C.) Faz menção ao “Cânon da fé primitiva”.

Eusébio

(260 – 340 d.C.) Alude ao Cânon da verdade, “Cânon da igreja” e, também ao “Cânon são, da pregação do salvador”.

Basílio

(329 – 379 d.C.) Refere-se ao “transmitido cânon da religião verdadeira”.

João Crisóstomo

(354 – 407 d.C.) Refere-se à bíblia como a exata “Balança”, padrão e regra de todas as coisas.

Entre os anos 264 e 268 d.C., três sínodos reuniram-se sucessivamente em Antioquia, com o objetivo de julgar os ensinamentos de Paulo de Samósata (foi um religioso cristão do século III, tendo sido bispo de Antioquia entre 260 e 268 desde 260 d.C.). O último dos três sínodos (268 d.C.) o condenou e o excomungou por “heterodoxia”. A sua doutrina e conduta foram classificadas como sendo uma apostasia do “Cânon”, ou seja, o abandono da fé ortodoxia. Os primeiros sínodos da igreja, inclusive alguns dos ecumênicos, intitularam suas decisões de cânones (Ex. Âncira – 314 d.C.; Neocesarea – 315-d.C.; Nicéia 325 d.C.; Gangra 325-381 d.C.; Antioquia 341 d.C. e Constantinopla 381 d.C.)

2. O cânon e a autoridade da Bíblia.

Devemos fazer uma distinção entre a canonicidade de um livro da Bíblia e sua autoridade. Um livro contém autoridade divina, por causa de sua inspiração divina antes de ser qualificado para canonização. D’outra sorte, um livro não é inspirado porque a igreja o afirma, mas ele o é em si e a igreja reconhece toda inspiração.

Relação entre canonicidade, revelação e inspiração.

A origem e desenvolvimento do cânon envolveram 3 (três) passos:

- Revelação
- Inspiração
- Canonização

Na revelação, temos a verdade, na inspiração, temos o registro da verdade e na canonização o reconhecimento dos escritos como revelados e inspirados.

3. O cânon do Antigo Testamento.

a. Helbert Edward Ryle

Em seu livro “*The cânon of the old testament*”, ele declara que há 3 (três) estágios no processo de canonização: 1) A proclamação e formação oral do conteúdo dos livros do Antigo Testamento, 2) A redação destes livros na forma presente; e 3) A seleção desses livros para ocuparem o cânon judaico das escrituras. Os dois primeiros estágios estão

relacionados com a inspiração das escrituras, e indiretamente com a canonização. O terceiro estágio está diretamente relacionado com a canonização, e indiretamente com a inspiração. O reconhecimento oficial dos escritos não pode ser separado da inspiração divina desses livros. É trabalho do Espírito Santo guiar as pessoas no reconhecimento dos escritos inspirados. A canonização reconhece a inspiração dos escritos sagrados, mediante o qual Deus fala. O processo de canonização não é apenas um ato oficial humano, mas certamente também inclui o trabalho providencial do Espírito Santo. A direção divina na seleção dos livros não elimina, entretanto, a atividade humana.

b. Divisões do cânon do Antigo Testamento:

O Antigo Testamento hebraico está dividido em 3 (três) partes: a) A lei (Torah); b) Os profetas, e c) Os escritos. Estas divisões parecem representar estágios do processo de canonização. Não há determinação específica nestas expressões se há sequência cronológica em que os livros surgiram ou se à sua posição no cânon.

A lei – A Torah (lei) marcou o começo da coleção de material que constituiu o cânon. Não obstante o reconhecimento dos profetas, como divinamente inspirados, nenhum se igualou à autoridade da lei na vida da nação de Israel. A canonicidade da lei, data pelo menos da época de Esdras, Século V a.C.

Os Profetas – Desde tempos antigos, as mensagens dos profetas eram reconhecidas como procedentes do Senhor. Os profetas abrangem 8 (oito) livros: Os livros históricos de Josué, Juizes, Samuel e Reis e os Livros proféticos de Jeremias, Ezequiel, Isaías e os 12 profetas menores. Esta é a segunda divisão do material que constitui o cânon.

Os escritos – ou Hagiógrafos (escritos sagrados). Compreendem 11 (onze) livros: Os livros líricos e sapienciais de Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cantares e Lamentações de Jeremias e os Livros Históricos de Daniel, Éster, Esdras e Neemias. O grupo inteiro pode ter sido mencionado em certas ocasiões como os Salmos (Cf. Lc 24.44).

c. O processo de formação do Cânon do Antigo Testamento.

Foi um processo de acrescentamento gradual. A divisão em “*Lei, profetas e escritos*” confirmam esta afirmação, foi resultado do trabalho de inúmeras pessoas. A autoridade eclesiástica limitou-se a sancionar e fixar a coleção de escritos que vinham sendo reconhecidos como divinos. Apesar de não sabermos com detalhes como os livros do antigo testamento foram selecionados, algumas escrituras do Antigo Testamento nos informam o seguinte:

Ex 20.1- 24.8 – Certos códigos legais ficavam debaixo de sanção religiosa. As referidas leis eram guardadas na arca e eram especialmente veneradas. A própria arca era um símbolo da presença de Deus entre seu povo. As leis eram para guiar o povo nas relações do pacto. Era costume guardar documentos oficiais no santuário (Cf. Dt 31.9; Js 24.25-26; 1ªSm 10.25).

Durante o reinado de Josias, cerca de 621 a.C., o sacerdote Hilquias descobriu um livro da Lei no santuário, durante sua reconstrução (2ª Rs 22.3 e ss.) Depois que Safã leu o livro para o rei Josias, este rasgou suas vestes e mandou que Hilquias e seus associados pedissem misericórdia à Deus, visto que eles, o rei e o povo estavam desobedecendo as palavras do livro. Apesar de terem passados 700 anos antes que se reconhecesse um cânon oficial, os atos do Rei Josias e do povo revelam que Eles reconheceram a autoridade divina expressa no livro sagrado.

Depois de sua volta da Babilônia em 538 a.C., Esdras trouxe um livro da lei ao povo em Jerusalém. A lei continha a sabedoria de Deus (Ed 7.25) e deveria ser seguida na organização oficial dos líderes e Juizes do povo. A lei continha autoridade sobre a vida das pessoas, a ponto de punir com a pena de morte ou banimento aqueles que a desrespeitassem. A reverência do povo pela lei se revela na sua posição (postados em pé) conferir Ne. 8:5 ss.

d. Evidências históricas do processo de canonização

Os eruditos conservadores observam que:

- A canonização se baseia na autoridade divina contida num livro;
- A canonicidade é determinada por Deus, que inspira os escritos;
- Deus também inspira os homens a reconhecer os livros canônicos.

A grande sinagoga.

Muitos livros fazem referencia à “Grande sinagoga” um conselho, do qual Esdras era presidente, e que incluiu entre seus 120 membros, Neemias, Ageu, Zacarias, Malaquias, Daniel e Simão, o justo. Embora o Talmude (uma compilação de estudos, reunidos desde o tempo de Esdras até o sexto século de nossa era, contendo lei, poesias, orações, ritos, sermões, folclore, regras sobre procedimento, mas especialmente comentários escriturísticos, um repositório de leis judaicas) atribua a ratificação do cânon hebraico aos membros desta sinagoga, alguns eruditos afirmam que a “grande sinagoga”, não passa de uma lenda que surgiu no século XVI, sendo ela produto de ficção rabina.

Historiador Josefo.

O historiador Josefo (70 a.C.) em sua catilinária contra Apion nos afirma que os judeus estavam convictos de que o cânon tinha sido fixado no tempo de Esdras e Neemias. Na mesma sátira contra Apion acima citada, Josefo apresenta a teoria dos judeus sobre o cânon, cujas principais características são:

- Inspiração divina;
- A santidade objetiva dos livros comparada com a literatura profana;
- A limitação numérica em 22 livros (os 24 livros se originaram da separação de Rute, de Juizes e de Lamentações de Jeremias,
- A inviolabilidade do texto. Todos os escritos teriam sido compostos entre Moisés e Artaxerxes I (falecido em 424 a.C.).

Os judeus haviam estabelecido outros princípios para os livros do Antigo Testamento figurarem de não no cânon, e este eram:

- Estar em conformidade com a lei;
- Ter sido escrito na Palestina;
- Redigido em língua hebraica;

Parece-nos que o intuito de Josefo ao falar de 22 livros era o mesmo de alguns rabinos, de obterem uma correspondência dos livros e os da letra do alfabeto hebraico. Como o alfabeto hebraico tem mais cinco letras finais, não faltou quem contasse 27 livros, fazendo para isso subdivisões em Reis, Esdras e outros livros. A divisão que hoje temos de 39 livros, tem sua origem na tradução do hebraico para o grego.

O Pentateuco samaritano.

Nos tempos de Esdras e Neemias, foi exigida a separação de Judeus e estrangeiros. Visto que os samaritanos se casaram com estrangeiros, os judeus deixaram de associar com eles (cf. Ne 13.23 e ss.). Esta atitude forçou os samaritanos a estabelecer seu próprio lugar de adoração. A liderança religiosa da nova comunidade provavelmente foi dada a Eliasabe, que era sumo sacerdote e genro de Sambalate. Foi forçado a deixar Jerusalém por causa do seu casamento com uma estrangeira (cf. Ne 13.28) De acordo com Josefo, existia um templo samaritano no Monte Geresin no ano 332 a.C. A bíblia samaritana consistia apenas de cinco livros da lei. Muitos eruditos concluíram que os samaritanos providenciaram para si mesmos um texto da lei depois que cortaram as relações com os judeus.

A semelhança do Pentateuco Samaritano com os livros judaicos da lei indica que o Pentateuco era um escrito reconhecido oficialmente, e que tinha alcançado forma fixa.

A septuaginta

Uma grande comunidade judaica tinha-se desenvolvido no Egito, especialmente na vizinhança de Alexandria. Os judeus de Alexandria falavam grego e precisavam de uma versão grega de seus escritos religiosos. O livro da lei foi traduzido no ano 250 a.C. os outros livros foram traduzidos para o grego no ano 150 a.C. A Bíblia grega contém todos os escritos contidos na Bíblia, acrescida dos livros apócrifos. A semelhança da Septuaginta com a Bíblia hebraica sugere que não houve grandes mudanças no conteúdo depois de feita a tradução para o grego. Ao tempo em que se completou a Bíblia grega, o cânon já tinha assumido forma definitiva.

Josefo, historiador judeu registra uma tradução interessante a respeito da origem da Bíblia grega (antiguidades XII, 2, 1-14). Descreve como o Rei Egípcio, Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.), desejou possuir os livros da lei judaica em sua biblioteca particular. Seu bibliotecário Demétrio sugeriu que os livros solicitados fossem traduzidos para o grego. Demétrio deu a entender que os livros já tinham sido traduzidos, mas a tradução era imprecisa, precária. O rei ordenou então que o sumo sacerdote Eleazar, mandasse buscar em Jerusalém 72 tradutores (6 de cada tribo), para efetuarem a tradução das escrituras hebraicas. Ficaram isolados na ilha de Raros e cumpriram sua missão em 72 dias e a população judaica e o Rei foram convidados a aprovar a tradução. O rei ficou deslumbrado com o livro da lei, com a profunda sabedoria daquele que o escreveu. O rei perguntou a Demétrio por que razão o livro da lei não fora considerado antes pelos poetas e historiadores. Demétrio respondeu que “ninguém ousaria sequer tocar de leve na descrição dessas leis, por que eram divinas, veneráveis e porque alguns que o quiseram foram castigados por Deus”.

Eclesiástico.

Jesus, filho de Siraque, escreveu no ano 190 a.C., um livro de sabedoria (Eclesiástico) que foi traduzido para o grego por seu neto no ano 132 a.C. O neto declarou no prólogo que seu avô tinha estudado diligentemente a lei, os profetas e outros escritos de “nossos antepassados”. Esta afirmação reconhece as três seções do Antigo Testamento. Ele explicou que seu avô escreveu para auxiliar os gentios a amar a “lei, os profetas e outros livros de nossos Pais”.

Macabeus.

O livro de Macabeus, data aproximadamente do ano 100 a.C. O escritor considerou a lei de Moisés fundamental em toda a vida social e religiosa de seu povo. O livro relata que Judas encorajou seus homens desde a lei e os profetas (15.9). Em 2.13-15 disse: As mesmas coisas foram registradas, também nos escritos e memórias sobre Neemias, como

na formação de uma biblioteca, ele conseguiu reunir os livros sobre os reis e os profetas, os sobre Davi, e cartas de Reis sobre dádivas. A declaração reflete a reminiscência de um estágio primitivo de formação do cânon referente à época de Neemias no século V a.C. “os reis e os profetas” é uma referencia aos profetas primeiros e aos posteriores. “Os de Davi” se referem aos Salmos.

II Esdras

Este livro data de 90 a.C. contém uma lenda sobre a destruição da lei pelo fogo. Esdras lembrou a Deus que o mundo ficaria nas trevas porque os livros da lei tinham sido destruídos em Jerusalém. Ele pediu ao Espírito Santo que descesse para guia-lo na restauração dos livros. Foi então instruído a reunir-se com cinco escribas e conseguir material para escrever. No dia seguinte “Uma voz lhe ofereceu uma xícara cheia de alguma coisa semelhante à água, mas sua cor era como de fogo” (14.39). Depois de bebê-la, seu coração se extravasou de sabedoria. Ele ficou inspirado e ditou continuamente por 40 (quarenta) dias aos cinco escribas, resultando na produção de 94 livros, 24 dos quais compuseram o antigo testamento hebraico.

e. Reconhecimento dos livros divinamente inspirados.

Reconhecimento aqui é a atividade humana que sanciona os livros inspirados e autorizados. A autoridade divina da maioria dos livros do Antigo Testamento já era aceita pelo povo muito antes de qualquer decisão oficial.

O cânon Palestino.

Depois da destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C., os eruditos judeus mudaram-se para Jamnia, para estudo das escrituras. Um concílio de líderes judeus, em 90 d.C. (mais tarde chamado concilio de jamnia) Segundo muitos eruditos o concílio de Jamnia encerrou o cânon do Antigo Testamento. Este concílio defendeu a canonicidade de quatro livros contra ataques da “Escola de Shamaí”, que não queria que eles figurassem entre os demais. Os livros eram os seguintes:

- Ester, por não fazer menção ao nome de Deus;
- Cantares, por ser considerado por muitos, mero canto de amor;
- Eclesiastes, por causa do espírito pessimista que permeia o Livro;
- Provérbios, por possuir capítulos de autores desconhecidos.

O concilio após alguma divergência reconheceu Os 24 livros da Bíblia Hebraica (os 39 da Bíblia em português). A Igreja Evangélica, no século 16, foi grandemente influenciada por este concílio, em reconhecer os mesmos livros como canônicos.

O cânon de Alexandria.

Judeus de fala grega residiam em Alexandria e suas proximidades, no Egito. Tinham um templo e uma literatura religiosa. A seleção de escritos religiosos que usavam incluía todos os livros de Bíblia Hebraica mais os apócrifos.

A diferença entre o antigo testamento católico e o protestante é o resultado da escolha diferente entre os livros da Bíblia Hebraica da Palestina e os livros da Bíblia Grega de Alexandria. No concílio de Trento em 1546, a Igreja Católica Romana declarou oficialmente o status canônico dos livros apócrifos e referiu-se a eles como “deuterocanônicos”.

f. Conclusão do cânon do Antigo Testamento

A Alta Crítica (metodologia que se ocupa em estudar, autoria, tempo, lugar e circunstâncias em que o livro escrito), também denominada de Crítica Histórica, difere da Baixa Crítica, ou Crítica Textual (que se ocupa com a linguagem = vocabulário, questões de gramática) a história da transmissão do texto, inclusive às tentativas de restaurar o texto original, indica três estágios de canonização. Para ela, o Pentateuco foi canonizado depois do exílio Babilônico, 432 a.C., nos dias de Esdras e Neemias, os profetas foram canonizados entre 300 e 200 a.C. e os escritos no período de 160 a 150 a.C. O cânon completo foi oficialmente ratificado em 90 d.C., pelo concílio de Jamnia. Outros estudiosos deste assunto concluíram que Esdras e Neemias colecionaram os livros sagrados do Antigo Testamento e fecharam o cânon, entre os anos 430 e 420 a.C. Alguns autores mais precisos fixam a data em 432 a.C. De acordo com Flávio Josefo (contra Apion-1.8) e com o Talmude, a sucessão de profetas encerrou-se com Malaquias nos dias de Neemias. Assim registra o Talmude: “Depois dos últimos profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias, o Espírito Santo apartou-se de Israel”. Além disso, jamais o Novo Testamento cita algum outro livro depois de Malaquias, como autorizado.

4. Os livros apócrifos do Antigo Testamento.

O termo “apócrifo” significa “escondido”, “oculto”. No sentido religioso significa “espúrio” “não genuíno”. Para os evangélicos os livros apócrifos são os que não faziam parte do cânon hebraico, que não eram, portanto, inspirados, porém foram anexados à Septuaginta e a Vulgata Latina. Os livros apócrifos foram oficialmente aceitos pela Igreja Católica Romana, no Concílio de Trento em 1546, que se referiu à eles como “deuterocanônicos”. A reforma protestante rejeitou a inclusão dos livros apócrifos no cânon.

Razões para rejeição dos apócrifos:

- Não foram citados por Cristo, e não há referência direta à eles por parte dos apóstolos. Os apóstolos citaram 433 vezes o Antigo Testamento, mas nenhuma vez estes livros.
- Foram rejeitados pelos pais da igreja. Atanásio, Orígenes, Epifânio, Rufino, São Jerônimo, fizeram referências ao cânon, sem mencionar os apócrifos.
- Não figuravam no cânon hebraico, e daí, deduz-se que não eram inspirados.
- Há neles referências que contradizem os livros canônicos.

Exemplos:

- **Dar esmolas como requisito para salvação.** Eis as palavras textuais de Tobias 12.9: “Porque a esmola livra da morte, e ela é quem apaga os pecados, e faz achar misericórdia e a vida eterna”. A Bíblia desautoriza este ensino (Cf. 1ª Pe 1.18-19);
- **Defende a doutrina do purgatório.** Esta crença está registrada no livro de Sabedoria de Salomão 3.1-4. A Bíblia nada diz acerca disso;
- **Autoriza o charlatanismo.** Tobias 6.6-8, nos diz que um anjo aconselhou Tobias a colocar um pedaço de carne sobre brasas para que a fumaça afugentasse toda a espécie de demônios;
- **Recomenda oferta e orações pelos mortos.** 2ª Macabeus 12.42-46. Os ensinamentos dos livros canônicos são contrários a este ensino cf. Ec 9.5-6;
- **Salvação pelas obras.** Eclesiástico 3.33-34, afirma: A água apaga o fogo ardente, e a esmola resiste aos pecados. E Deus é que põe os olhos naquele que faz mais bem. Lembra-te dele para o futuro, e no tempo de sua queda achará arrimo;
- **Em Tobias 5.16-19** – Há uma afirmação que os anjos mentem. O anjo Rafael disse que era de Cezarias;
- **Apresenta a doutrina da co-redenção de Maria.** Sabedoria 8.20 – Nos apresenta a virgem Maria nascida sem pecado e imaculada. Neste verso nasce a doutrina de Maria Co-redentora, cujo dogma foi promulgado em 1854 pelo Papa Pio IX. Que diz a Bíblia quanto à salvação? (Sl 51.5, Lc 1.30-35, At 4.12, Rm 3.23);
- **Eclesiástico afirma que se deve negar o pão aos ímpios.** Eclesiástico 12.5-6. Não é este o ensino bíblico (Mt. 5.44-48, Rm 12.20);
- **Judite 9.2** - Declara que Deus forneceu a Simeão uma espada para com ele ferir seus inimigos. O relato bíblico é bem diferente (Gn 49.5-9; Rm 12.19);

-
- **Judite 1.5** – Apresenta Nabucodonosor como Rei da Assíria e Baruque 1.11 – Afirma que Baltazar era filho de Nabucodonosor. Evidentemente, erros históricos.

Os livros apócrifos são quase todos escritos em grego ao passo que os canônicos são escritos em hebraico.

Relação dos livros apócrifos:

Foram considerados pelos judeus como estando especificamente fora do cânon. São os seguintes: 1ª Esdras, 2ª Esdras, Tobias, Judite, os acréscimos a Éster, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, a carta de Jeremias, os acréscimos ao livro de Daniel, (a oração de Azarias e cântico dos três jovens, historia de Suzana, Historia de Bel e o dragão) a oração de Manasses, 1ª Macabeus e 2ª Macabeus.

Dentre estes os sete mais importantes são: 1ª e 2ª Macabeus, Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico e Baruque, assim classificados: *históricos* (1ª e 2ª Macabeus, Tobias e Judite); *poéticos ou Sapienciais* (Sabedoria de Salomão e Eclesiástico) e *profético* (Baruque).

Conteúdo dos livros:

1ª Esdras: Parece ser uma compilação de material histórico extraído de diversas partes do Antigo Testamento, notadamente, Crônicas, Esdras e Neemias. Inclui uma interpretação interessante, “Debate dos três soldados”(Esdras 3.1-5,6), no qual a supremacia da verdade é demonstrada por alguns erros e inconsistências históricas, encontrada no livro, em nítido contraste das fontes canônicas nos quais o compilador de 1ª Esdras se baseou) – Escrito em 150-100 a.C.

2ª Esdras: Consiste em um apocalipse judaico, no qual Esdras em uma série de visões, comenta a situação difícil de Israel exilado, e procura por uma figura messiânica que restaure a nação a sua teoria anterior. Escrito por volta de 100 a.C.

Tobias: É uma mistura de Folclore e Romance escrito talvez em acerca de 200 a.C. obviamente pretendia instruir os judeus sobre atitudes apropriadas, relacionadas à vida piedosa voltada para Deus. O próprio Tobias é retratado como resoluto no sofrimento e um exemplo a seus companheiros em assuntos de caridade, justiça moralidade e obrigações religiosas. Assim como acontece com 1ª Esdras, o livro contém erros históricos e geográficos.

Judite: É uma lição de patriotismo. O livro narra como uma mulher judia empreendedora mata um líder inimigo e salva seu povo, a narrativa carece,

entretanto de fatos históricos e esta marcado por erros cronológicos e de outros tipos – Escrito 150 a.C.

Acréscimos ao livro de Éster: Compreendeu as seguintes seções: O sonho de Mardoqueu, o edito de Assuero contra os judeus, as orações de Mardoqueu e Éster. Está diante do Rei, o edito de Assuero em favor dos judeus e um epílogo. Essas seções foram projetadas para serem intercaladas no texto do livro canônico. É provável que tenha sido escrito originalmente em grego. Escrito entre os anos 140 a 110 a.C.

Sabedoria de Salomão: Compilado talvez em cerca de 100 a.C. É um louvor à sabedoria de Deus. Apresenta uma elaboração dos ensinamentos acerca de Provérbios e Eclesiastes. Sua essência doutrinária contém mais o pensamento grego do que hebraico. O autor se apresenta na pessoa de Salomão. É certamente uma ficção literária. O livro era muito lido na primitiva era cristã.

1ª Macabeus: Foi escrita com o propósito de registrar uma história “espiritual” da nação de Israel, a exceção que trata exclusivamente do período de Macabeus. E baseado em algumas fontes literárias genuínas, embora a autenticidade de determinados trechos da obra seja questionável.

2ª Macabeus: Enquanto 1ª Macabeus procura apresentar uma narrativa objetiva dos Hasmoneus, 2ª Macabeus consta de um sumário retórico de uma obra consideravelmente maior a respeito dos assuntos vigentes na era dos Macabeus. E ainda mais teologicamente orientado do que 1ª Macabeus e contém diversos erros cronológicos bem como contradições efetivas.

Eclesiástico: Em grego chamado “Sabedoria de Jesus, filho de Siraque”, é um compêndio de ética, era grandemente estimado tanto por judeus como cristãos. O autor era um escriba que desejava dar uma forma mais permanente aos seus ensinamentos, pelo que utilizou como modelo o livro canônico de provérbios. Escrito entre 130 a 120 a.C.

Baruque: Profeta quase desconhecido, extraiu seu material de certos profetas e sábios do antigo testamento e está na forma de discurso, enviado aos judeus no exílio babilônico. Seus temas principais são: O pecado, o castigo e o perdão de Israel. Escrito entre 150 a 50 a.C.

A carta de Jeremias: Escrito entre 300 a 100 a.C., é um documento supostamente enviado aos judeus que estavam a ponto de serem levados cativos para Babilônia, é na realidade um tratado religioso condenando a idolatria.

Os acréscimos ao livro de Daniel: A oração de Azarias, a qual reconhece a justiça divina do cativo babilônico, é segura pelo *cântico dos três jovens*, quando foram libertos da fornalha ardente, *A História de Suzana*, mostra como Daniel salva da morte uma mulher inocente. Este relato parece ter sido baseado em um conto popular babilônico. *A história de Bel e o Dragão*, contém duas narrativas que ridicularizam a idolatria e mostram a falta de poder dos deuses babilônicos. Estas seções escritas entre I e II século a.C. são alheias ao hebraico e o aramaico da obra canônica.

A oração de Manasses: Consiste em um curto salmo penitencial, que representa o suposto pedido do Rei pela misericórdia divina, durante um período de aprisionamento na Babilônia (cf. 2ª Cr 33.10-13). Escrito no século I e II a.C.

Argumentos em prol da aceitação apócrifos do Antigo Testamento

Os livros apócrifos têm diferentes graus de aceitação entre os cristãos. A maior parte dos judeus e protestantes aceita que tenham valor religioso e histórico, sem, contudo serem canônicos. A Igreja Católica, desde o Concílio de Trento em 1546, tem aceitado estes livros como sendo canônicos, mas recentemente, os católicos têm defendido a ideia de uma deuterocanonicidade, mas os livros apócrifos são utilizados para apoiar doutrinas extrabíblicas. Outros grupos, como os anglicanos e várias igrejas ortodoxas, nutrem diferentes concepções sobre os livros apócrifos.

Argumentos aduzidos em favor da canonicidade.

Alusões no Novo Testamento: O Novo Testamento reflete o pensamento e registra alguns fatos e acontecimentos dos livros apócrifos. Exemplo: O livro de Hebreus fala de mulheres que receberam seus mortos pela ressurreição (Hb 11.35) e faz referência a II Macabeus 7 e 12. Os chamados apócrifos e pseudepígrafos são citados em Jd 1.14,15, 2ª Tm 3.8.

Emprego que o Novo Testamento faz da Septuaginta: A tradução grega do Antigo Testamento hebraico, em Alexandria, é conhecida como Septuaginta (LXX). É a versão mais citada pelos autores do Novo Testamento e pelos cristãos primitivos. A LXX continha os livros apócrifos. A presença desses livros na LXX, dá apoio ao cânon Alexandrino mais amplo do Antigo Testamento, em oposição ao cânon palestino, que os omite.

Os mais antigos manuscritos completos da Bíblia: Os mais antigos manuscritos da Bíblia contêm os livros apócrifos inseridos entre os livros do Antigo Testamento.

A arte cristã primitiva: Alguns dos registros mais antigos da arte cristã refletem o uso dos apócrifos. As representações nas catacumbas às vezes se baseavam na história dos fiéis registrada no período intertestamentário.

Os primeiros pais da igreja: Alguns dos mais antigos pais da igreja, de modo particular os do ocidente, aceitaram e usaram os livros apócrifos em seu ensino e pregação. E até mesmo no Oriente. Clemente de Alexandria reconheceu 2ª Esdras como inteiramente canônico. Orígenes acrescentou Macabeus, bem como a epístola de Jeremias à lista dos livros canônicos. Irineu mencionava o livro de Sabedoria, e outros pais da igreja citavam outros livros apócrifos.

A influência de Agostinho (354-430): Agostinho atribuiu os livros apócrifos categoria canônica. Ele influenciou os concílios da igreja em Hipo (393 d.C.) e em Cartago (397 d.C.), que relacionavam os apócrifos como canônicos: A partir de então a igreja ocidental passou a usar os apócrifos em seu culto público.

O concílio de Trento: Em 1546, o concílio católico do pós-reforma, realizado em Trento, proclamou os livros apócrifos, como canônicos, declarando o seguinte: “O sínodo [...] recebe e venera [...] todos os livros do Antigo Testamento como do Novo (incluindo os apócrifos) entendendo que um único Deus é o autor de ambos os testamentos [...] como se houvessem sido ditados pela boca do próprio Cristo, ou pelo Espírito Santo[...] Se alguém não receber tais livros como sagrados e canônicos, em todas as suas partes, de forma em que têm sido usados e lidos na igreja católica [...] seja anátema.

O uso não católico: As Bíblias protestantes desde a reforma com frequência continuam os livros apócrifos. Nas Igrejas Anglicanas os apócrifos eram lidos regularmente, ao lado dos demais livros do Antigo e do Novo Testamento. Os apócrifos são também usados pelas igrejas de tradição ortodoxia oriental.

A comunidade do mar morto: Os livros apócrifos foram encontrados entre os rolos em comunidade do mar morto, em Qumram. Alguns haviam sido escritos em hebraico, o que seria indício de terem sido usados por judeus palestinos antes da época de Jesus.

Réplica e argumentos contra a canonicidade dos apócrifos.

A autoridade do Novo Testamento: O Novo Testamento não cita qualquer livro apócrifo como inspirado. As alusões a tais livros não lhe emprestam autoridade, assim como, as alusões neotestamentárias a poetas pagãos não lhe conferem inspiração divina. Além disso, o Novo Testamento cita quase todos os livros

canônicos do antigo testamento e atesta o conteúdo e os limites deste testamento omitindo os apócrifos.

A tradução da Septuaginta: A Palestina era o lar do cânon judaico, jamais a Alexandria no Egito. Alexandria, o grande centro do saber grego no Egito, não tinha autoridade para saber com precisão que livros pertenciam ao antigo testamento judaico. Alexandria era o lugar da tradução, não da canonização. O fato de a Septuaginta conter os apócrifos apenas comprova que os judeus alexandrinos traduziram os demais livros religiosos judaicos do período intertestamentário ao lado dos demais livros canônicos. Filo, o judeu alexandrino, rejeitou com toda clareza a canonicidade dos apócrifos, no tempo de Cristo, assim como o judaísmo oficial em outros lugares e épocas.

A Bíblia cristã primitiva: Os mais antigos manuscritos gregos da Bíblia datam do século IV d.C. Seguem a tradução da LXX, que contém os apócrifos. Como já foi dito, era uma tradução grega e não o cânon hebraico. Jesus e os escritores do Novo Testamento, quase sempre fizeram citações da LXX, mas jamais mencionaram um livro sequer dentre os apócrifos. No máximo, a presença dos apócrifos na Bíblia cristã do século IV mostra que tais livros eram aceitos até certo ponto por alguns cristãos, naquela época. Isso não significa que os judeus ou os cristãos como todo aceitaram esses livros como canônicos, isso sem mencionarmos a igreja universal, que nunca os teve na relação de livros canônicos.

Arte cristã primitiva: As representações artísticas não constituem base para apurar a canonicidade dos apócrifos. As representações encontradas nas catacumbas mostram apenas que os crentes daquela época estavam cientes dos acontecimentos do período intertestamentário e os consideravam parte de sua herança religiosa.

Os primeiros pais da igreja: Muitos dos pais da igreja em seu começo, dos quais, Melito, Orígenes, Cirilo de Jerusalém e Atanásio, se apuseram aos apócrifos. Nenhum desses pais anteriores a Agostinho, aceitaram todos os livros apócrifos canonizados em Trento.

O cânon de Agostinho: O testemunho de Agostinho não é definitivo, nem isento de equívocos. Primeiramente Agostinho às vezes faz supor que os apócrifos apenas tinham uma deutero-canonicidade (cidade de Deus 18,36) e não canonicidade absoluta. Além disso, os concílios de Hipo e de Cartago foram pequenos concílios locais, influenciados por Agostinho e pela tradução da Septuaginta Grega. Nenhum estudioso hebreu qualificado esteve presente nestes

concílios. O especialista hebreu mais qualificado, da época, Jerônimo, argumentou fortemente contra Agostinho, ao rejeitar a canonicidade dos apócrifos. Jerônimo chegou a recusar-se a traduzir os apócrifos para o latim, ou mesmo, incluí-los em suas versões em latim vulgar (Vulgata Latina). Só depois da morte de Jerônimo, é que os livros apócrifos foram incorporados aquela tradução.

O concílio de Trento: A ação do concílio de Trento foi ao mesmo tempo polemica e prejudicial. Em debates com Lutero, os católicos romanos haviam citado Macabeus em apoio à oração pelos mortos (V. 2ª Macabeus 12.45-46). Lutero e os protestantes que o seguiam desafiaram a canonicidade desse livro, citando o Novo Testamento, os primeiros pais da igreja e os mestres judeus de apoio. O concílio de Trento reagiu a Lutero canonizando todos os livros apócrifos. A ação do concílio além de polemica foi prejudicial, visto que nem todos os apócrifos foram aceitos pelo concílio. Essa decisão, em Trento, não obteve aceitação universal indisputável dentro da Igreja Católica Romana e na reforma. Nesta mesma época o cardeal Cajetan, que se opusera a Lutero de Augesburgo, em 1518, publicou comentário sobre todos os livros históricos fidedignos do Antigo Testamento, em 1532, omitindo os apócrifos. O cardeal Ximenes distinguiu os apócrifos dos livros do cânon do Antigo Testamento, de sua obra poliglota complutense (1514-1517).

O uso não católico: O uso dos livros apócrifos entre igrejas ortodoxas, anglicanas e protestantes foi desigual e diferenciado. Algumas os usam, no culto público. Muitas Bíblias contem traduções dos livros apócrifos, ainda que colocadas à parte em geral entre o Antigo e Novo Testamento. Entretanto, estes livros nunca tiveram a mesma autoridade que a parte canônica da Bíblia. Os não católicos usam os apócrifos mais em devocionais, do que em questões de doutrina.

Os rolos do mar morto: Muitos livros não canônicos foram descobertos em Qumram, dentre os quais comentários e manuais era uma biblioteca que continha numerosos livros não tidos como inspirados pela comunidade. Sendo assim não existem evidências sobre a inspiração dos apócrifos. Não há citações autorizadas.

Conclusão

O cânon do Antigo Testamento até a época de Neemias compreendia 22 (ou 24) livros em hebraico, e que nas Bíblias dos cristãos, seriam 39, como já verificara por volta do século IV. Os livros apócrifos, seja qual o valor devocional ou eclesiástico que tiverem não podem ser incluídos no cânon pelos seguintes fatos:

- A comunidade judaica jamais os aceitou como canônicos;
- Não foram aceitos por Jesus, nem pelas autoridades do Novo Testamento;
- A maior parte dos primeiros pais da igreja rejeitou sua canonicidade;
- Nenhum concílio da igreja os considerou canônicos senão no final do século IV;
- Jerônimo, o grande especialista bíblico e tradutor da Vulgata, rejeitou fortemente os apócrifos;
- Nenhuma igreja ortodoxa grega, anglicana ou protestante, até a presente data, reconheceu os apócrifos como inspirados e canônicos no sentido integral da palavra;
- O concílio de Trento não recebeu apoio da história por sua decisão polemica e preconceituosa;
- Não reivindicam ser proféticos;
- Não detém a autoridade de Deus;
- Contém erros históricos e graves heresias;
- Há evidente falta de profecia, o que não ocorria nos livros canônicos.
- O povo de Deus, quem os apócrifos teriam sido originalmente apresentados, recusou-os terminantemente.

5. Os livros pseudepígrafos.

São escritos judaicos excluídos do cânon por serem julgados espúrios, isto é, falsos. A literatura pseudepígrafa foi produzida entre 200 a.C. a 200 d.C. para encorajar a nação judaica durante a invasão dos sírios e dos romanos. Embora não canônicos e espúrios, nem tudo é falso nos escritos pseudepígrafos. O Novo Testamento refere-se a algumas verdades contidas nesses livros (Cf. Jd 1.14,15, 2ª Tm 3.8). Entretanto, estes livros não são mencionados como inspirados ou dotados de autoridade. A semelhança das citações que Paulo faz de alguns poetas não cristãos (Arato – At 17.28, Menânder – 1ª Co 15.33 e Epimênides – Tt 1.12). Trata-se apenas de verdades verificáveis, contidas em livros que em si mesmos não contém autoridade divina.

A verdade é sempre verdade seja ela pronunciada por um profeta pagão (Nm 24.17), por um animal irracional e mudo (Nm 22.28) ou mesmo por um demônio (At 16.17). A coleção modelar de pseudepígrafos contém 17 livros. Acrescenta-se o Salmo 151, que se encontra na versão do Antigo Testamento feita pelos setenta. A lista principal é a seguinte:

Lendários:

- O livro de jubileu;
- A epistola de Aristeias;
- O livro de Adão e Eva;
- O martírio de Isaias;

Apocalípticos:

- 1ª Enoque;
- Testamento dos 12 patriarcas;
- O oráculo Sibilino;
- Assunção de Moisés
- 2ª Enoque;
- 2ª Baruque ou apocalipse siríaco de Baruque;
- 3ª Baruque ou apocalipse grego de Baruque.

Didáticos:

- 3ª Macabeus;
- 4ª Macabeus;
- Pirque arbote;
- A historia de Aicar.

Poéticos:

- Salmos de Salomão;
- Salmo 151.

Históricos:

- Fragmentos de uma obra de Sadoque.

Esta lista não é completa. Outros não conhecidos que vieram à luz, quando da descoberta dos rolos do mar morto. Dentre esses estão o Gênesis, apócrifo, e guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas etc.

6. O cânon do Novo Testamento

a. Introdução

No final do 1º século os livros que vieram a constituir o cânon do Novo Testamento estavam completos. O Novo Testamento foi escrito num período de 50 anos, vários séculos depois que o Antigo Testamento foi completado. Tertuliano, notável escritor cristão das primeiras duas décadas do século III, foi um dos primeiros a chamar as escrituras cristãs de “Novo Testamento”. Este título havia aparecido antes (190 d.C.) em uma composição feita contra o montanismo, de autor desconhecido.

Nem todos os livros se tornaram conhecidos pelos cristãos desde o início, é muito provável que alguns cristãos primitivos não tivessem visto todos os evangelhos, nem todas as epístolas paulinas, nem todas as outras epístolas, antes do fim do século. Além disso, muitos evangelhos, atos e epístolas apócrifos circularam o segundo século e foram aceitos por alguns grupos, senão não teriam sequer sobrevivido. Que critérios presidiram

a aceitação de uns e a rejeição de outros? Quais os princípios que permitiram a inclusão no cânon dos quatro evangelhos, Atos dos apóstolos, as treze epístolas paulinas, as oito epístolas universais e o apocalipse, enquanto outros livros de idade quase igual foram excluídos? São estas perguntas que constituem a problemática do cânon do Novo Testamento que vamos estudar.

b. O cânon do Novo Testamento em relação ao cânon do Antigo Testamento

A história da formação dos dois cânones diferem em vários aspectos:

- O cristianismo desde logo foi uma religião universal, diferente do judaísmo, uma comunidade profética fechada e localizada territorialmente. No cristianismo, faziam-se coleções aqui e ali, que iam se completando, logo no início da igreja. Não havia uma entidade oficial que controlasse os escritos inspirados. Em razão disso, o processo de canonização levou séculos.
- Outra diferença é que após aceitos os 27 livros inspirados, não houve movimentos dentro do cristianismo para acrescentar ou diminuir livros. A aceitação foi universal.

c. Período de transmissão oral

A ênfase principal da igreja do 1º século era pregar o evangelho ao invés de registrá-lo (At 2.14; 6.4). Neste sentido o cânon do Novo Testamento não difere do Antigo Testamento. O 1º estágio na formação do cânon foi a transmissão oral. Os apóstolos utilizaram-se de duas fontes para provar aos judeus que Jesus era o Messias:

- Testemunho pessoal e ocular acerca de Jesus Cristo;
- As escrituras do Antigo Testamento.

A igreja primitiva mostrou relutância em escrever seus ensinamentos, talvez pelas seguintes razões:

- Os cristãos primitivos aguardavam o retorno iminente de Cristo, portanto, despendiam seu tempo na proclamação e ensino oral;
- Os discípulos em sua maioria não tinham habilidades para escrever;
- Preferiam falar de modo pessoal (2ª Co 12);
- Os rabinos preservavam seus escritos oralmente e Jesus Cristo nada escreveu;
- Os apóstolos que tinham sido testemunhas oculares de Jesus estavam disponíveis, enquanto o evangelho não se espalhasse através da Judéia.

Parece que se passaram aproximadamente trinta anos depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo, para que os primeiros evangelhos aparecessem. Este período que os eruditos denominam de período de transmissão oral, que o exemplo do Antigo Testamento foi a primeira fase, para canonização do Novo Testamento. Assim, parece

razoável crer que a proclamação e ensino oral eram os meios de comunicar as tradições cristãs neste período inicial. Os materiais de escrita eram dispendiosos, e o método de copiar à mão, um tanto vagaroso. A preponderância da transmissão oral, contudo não impediu as produções literárias.

A forma mais primitiva do evangelho.

Um exemplo primitivo da mensagem que os apóstolos pregavam se encontra no sermão de Pedro no dia de Pentecostes: “*Kerigma*” (At 2.14-36).

- Jesus é o cumprimento do Antigo Testamento (At 2.14-21);
- A vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, sendo Ele o descendente prometido de Davi, aprovado por Deus por suas maravilhas e poderosos feitos. Ele voltará para julgar a humanidade e consumir o seu reino.
“*Didaque*” (At 2.37-39).
- Os homens são exortados ao arrependimento e batismo em nome de Jesus, com condição de remissão de pecados e receberem da dádiva do Espírito Santo.
- O Kerigma (proclamação) objetiva despertar a fé para o arrependimento, batismo e recepção do Espírito Santo.
- O Didaque (ensino) objetiva a obediência do discipulado.

d. Origens dos escritos do Novo Testamento.

Os livros do Novo Testamento foram surgindo sem desígnio, previsão, sendo coligidas as palavras de Jesus, as narrativas sobre sua vida, os atos dos apóstolos, as epístolas e o livro do Apocalipse.

Embora haja muitas controvérsias concernentes as datas em que foram escritos alguns livros do Novo Testamento, existe consenso entre os estudiosos que o primeiro livro escrito foi 1ª Tessalonicenses em 51 d.C. em 96 ou 97 d.C., João escreveu o Apocalipse.

O evangelho mais antigo: “Marcos.”

É questão também aceitável entre os eruditos, que o evangelho de Marcos é o mais antigo, possivelmente data entre 65 e 68 d.C. De acordo com a crítica textual, ideia aceita pela maioria dos comentaristas Mateus e Lucas usaram Marcos como fonte para os seus evangelhos. Como resultado o trabalho de B.H. Streeter, a maioria dos eruditos contemporâneos aceita a teoria dos 4 (quatro) documentos, que são:

- Marcos foi escrito primeiro e foi usado por Mateus e Lucas.
- Q (de “Quelle” – origem, fonte em alemão) – era uma fonte que supriu os ensinamentos ou as atividades de Jesus e que são comuns a Mateus e Lucas, mas não se encontram em Marcos.
- L – Era uma fonte usada por Lucas para seu material especial.

-
- M – Era uma fonte usada por Mateus para sua material especial.

O evangelho de Mateus.

O primeiro evangelho é tradicionalmente atribuído a Mateus, Levi cobrador de impostos ou publicano, a quem Jesus chamou para ser um dos doze apóstolos (Cf. Mt 9.9-13; 10.3). A autoria de Mateus pode ser considerada incontroversa, uma vez que ele era um membro obscuro do grupo dos apóstolos. Não parece haver razão para o tornar autor de uma obra espúria. Qualquer falsificador que procurasse alcançar fama por obra que produzisse, teria preferido publicá-lo em nome de um apóstolo de maior fama. Não se conhece a data exata que pode situar-se pouco antes de 70 d.C. foi escrita provavelmente de Antioquia.

O evangelho de Marcos.

Quando Paulo e Barnabé partiram na primeira viagem missionária (46 d.C.) levaram João Marcos como seu auxiliar e pregaram para Judeus e Gentios. Provavelmente uma das tarefas de Marcos, foi servir de catequista na instrução de novos convertidos, visto que, os materiais de escrita eram caros e a cópia feita à mão era difícil, a maioria dos novos cristãos nunca tinha uma cópia dos ensinamentos de Jesus. Conheciam sua vida e seus ensinamentos pela transmissão oral.

Essa era a realidade tanto para os judeus como para os gentios. O evangelho de Marcos tem características que indicam que pode ter sido um relato de vida e dos ensinamentos de Jesus usado para ensinar os novos convertidos. Marcos tem divisões naturais que sugerem ter sido ensinado em seções. A linguagem é vivida e a história se desenvolve rapidamente. Marcos não inclui os ensinamentos mais complicados que aparecem em Mateus e Lucas.

Marcos se associou a Pedro, uma testemunha ocular da vida de Jesus. Eusébio cita o Bispo de Hierápolis (140 d.C.), Papias escrevendo: Isto também o presbítero costumava dizer: Marcos, tendo se tornado intérprete de Pedro, escreveu lucidamente apesar de não o fazer em ordem, tudo o que se lembrava dos ensinamentos e ações de Jesus. Papias continua afirmando que Marcos não era nem ouvinte nem seguidor de Jesus. Portanto, sua narrativa estaria na dependência de uma testemunha ocular. Muitos eruditos demonstram que Marcos contém a doutrina petrina de Cristo.

É possível que João Marcos tivesse anotações sobre os ensinamentos de Jesus, extraídos dos sermões de Pedro. Assim, Paulo dependia muito de Marcos, a fim de conseguir relatos básicos da vida e ensinamentos de Jesus. Esses ensinamentos provavelmente Paulo os transmitiu às igrejas que fundara no mundo gentílico. Um documento escrito por Marcos sobre a vida e os ensinamentos de Jesus pode ter sido como Irineu, no ano de 180 d.C. escreveu: *“E depois da morte (talvez partida) destes (Pedro e Paulo), Marcos, o discípulo intérprete de Pedro,*

também nos entregou notas escritas sobre as coisas pregadas por Pedro”. Clemente, de Alexandria (no ano 200 d.C.), afirmou que Marcos deixou um evangelho escrito com a igreja de Roma, a data, dificilmente pode ser mais tarde do que 70 d.C., antes, porém de Mateus e Lucas.

O evangelho de Lucas.

No seu prefácio, Lucas, o autor do terceiro evangelho, nos dá sua metodologia, isto é, como escreveu o evangelho (cf. Lc 1.1-4). Lucas, sendo companheiro de Paulo, possivelmente teve acesso às notas e informações de Marcos sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. Talvez Marcos fosse um dos “ministros da palavra” a quem Lucas fez referência em seu evangelho. Lucas acrescentou ensinamentos adicionais àqueles que recebera das testemunhas oculares. Tem-se a impressão de que seu evangelho fora escrito com luzes de várias fontes, para proporcionar uma narrativa completa sobre a vida e ensinamentos de Cristo para o mundo dos gentios cujo conhecimento do Antigo Testamento era precário.

O evangelho de João.

O evangelho de João é singular. Enfatiza a natureza divina de Jesus. Devido às diferenças entre João e os sinóticos tem sido discutida sua veracidade. A teoria que afirma que o quarto evangelho era produto de um presbítero, e não João, o apóstolo, não pode dar-se por confirmada. Todo o testemunho da Patrística, desde Irineu é preponderantemente a favor da autoria Joanina, Clemente da Alexandria (190 d.C.), Orígenes (220 d.C.), Hipólito (225 d.C.) Tertuliano (200 d.C.) e o fragmento Muratoriano (170 d.C.) concordam em atribuir o quarto evangelho, à João, filho de Zebedeu. A data do quarto evangelho é uma questão muito controversa. A melhor solução parece ter sido que João tenha escrito da Ásia Menor, possivelmente Éfeso, pelos fins do primeiro século, quando a igreja tinha atingido certa medida de maturidade, e que havia necessidade de avançar o ensino do que dizia respeito à natureza da fé.

O livro de Atos.

O livro de Atos não é, em si uma unidade separada, pois é obviamente apontada como uma continuação de Lucas, cuja autoria não é muito contestada. Lucas e Atos são 2 (dois) volumes de uma mesma obra, que demonstra a Pessoa e a obra de Cristo, bem como a expansão da Igreja. O livro de Atos e história e sua natureza, e é um elo de ligação entre os evangelhos e os apóstolos.

As cartas Paulinas.

Três cartas são atribuídas a Paulo:

1ª e 2ª Tessalonicenses - Foram escritas por Paulo nos anos 50 a 53 d.C., escreveu de Corinto para encorajar a fé daqueles cristãos e esclarecer a respeito da 2ª vinda de Cristo.

1ª e 2ª Coríntios - Durante sua terceira viagem missionária Paulo passou três anos na cidade de Éfeso (53 a 56 d.C.). Enquanto lá esteve, escreveu quatro cartas aos coríntios. Menciona uma carta mais antiga (cf. 1ª Co 5.9). A segunda foi a junção de duas cartas (2ª Co 6.4; 7.1). Partes da primeira carta não foram bem recebidas. Paulo escreveu outra epistola para defender-se. Alguns eruditos consideram 2ª Coríntios 10-13, como constituindo parte de outra carta, em que Paulo se defende contra elementos de dentro ou de fora da Igreja que procurava desprestigiar o seu apostolado.

Gálatas - Paulo escreveu sua epistola às pessoas residentes na região, conhecida como Galácia. O uso que Paulo faz do vocábulo Galácia tem provocado debates que afetam a data da epistola. O sentido original pode aludir exclusivamente ao território ao norte das cidades de Antioquia da Psídia, Icônio e Listra, mas pode incluir aquelas cidades, pois os Romanos haviam acrescentado alguns distritos sulistas, quando transformaram a Galácia (do Norte) em província Romana. Segundo a teoria da Galácia do Norte, Paulo teria endereçado esta epistola a cristãos que viviam na Galácia do Norte, aos quais ele não visitou senão já em sua segunda viagem missionária. Conforme esta opinião, a epistola aos Gálatas não poderia ser escrita senão somente após a segunda viagem missionária e, por conseguinte após o concílio de Jerusalém (Cap. 15 de Atos). O argumento forte em favor da teoria da Galácia do Norte, com sua data posterior, talvez seja a descrição original do termo “Galácia” ao território mais do Norte e a similaridade das declarações de Paulo concernentes a justificação pela fé com aquilo que ele diz na epistola dos romanos, a qual por certo ele escreveu mais tarde. Contra a teoria da Galácia ao norte, temos o fato que Lucas em parte alguma no livro de Atos, sugere que Paulo tenha evangelizado a Galácia do norte. É duvidoso que Paulo tenha visitado aquele território por ocasião de sua segunda viagem missionária, pois região “Frígio-Gálata referida em At 16.6, mais, naturalmente se refere ao território ao Sul a travessia da Galácia do Norte teria requerido um desvio proibitivamente grande para o nordeste. E noutros trechos de suas epistolas Paulo lança mão coerentemente de termos geográficos em um sentido imperial, o que indicaria a Galácia do Sul como lugar para onde ele enviou sua epistola aos Gálatas. Em consonância com a teoria da Galácia do Sul, Paulo teria enviado a sua primeira epistola às igrejas do sul da Galácia, imediatamente após sua primeira viagem missionária, mas antes do concílio de Jerusalém. Assim sendo, a visita que ele fez a Jerusalém descrita no segundo capítulo da Epistola aos Gálatas, não pode aludir ao concílio de Jerusalém, mas a visita que ele fez

para levar ofertas, viveres, para aliviar a fome, a qual é mencionada em At 11.27-30. O mais decisivo argumento em favor da Galácia do Sul com sua data mais recuada e aquela que diz que se Paulo houvesse escrito esta epistola depois do concilio de Jerusalém, certamente ter-se-ia valido da decisão daquele concilio contra os judaizantes.

Teoria Norte da Galácia

1ª Viagem missionária de Paulo (46/48 d.C.)
Concilio de Jerusalém (49 d. C.)
2ª Viagem missionária (50/52 d.C.)
A escrita aos Gálatas (após 52 d.C.)

Teoria Sul da Galácia

1ª Viagem missionária (46/48 d.C.)
A escrita aos Gálatas (48/49 d.C.)
Concilio de Jerusalém (49 d.C.)
2ª Viagem missionária (50/52 d.C.)

Romanos - É um dos documentos mais importantes do Novo Testamento, foi enviada de Corinto, no ano 57 d.C. segundo o ponto de vista tradicional, ou de Filipos, mesmo antes de embarcar para Trôade, pois Paulo declara nos seus capítulos finais que concluía sua pregação no Ilínico (Rm 15.19); que tinha em seu poder os donativos que as igrejas da Macedônia e da Acaia tinham contribuído para os pobres de Jerusalém (Rm 15.26) e que estava em vésperas de embarcar para Jerusalém para os entregar (Rm 15.25), o ponto de vista tradicional que Paulo escreveu estando em Corinto, se apoia no fato que Gaio, na ocasião hospedeiro de Paulo era de Corinto (Cf. Rm 16.23, 1º Co 1.14) e na menção de Erasto que era o tesoureiro da cidade (Cf. Rm.16:23). Outra confirmação que Paulo escreveu de Corinto nos vêm das suas recomendações acerca de Febe, a qual pertencia a igreja de Cencreia, perto de Corinto, que foi portadora da epistola, tendo-a levado de Corinto até Roma (Cf. Rm 16.1-2). O grande tema de Romanos é a justificação pela graça mediante a fé em Jesus Cristo.

As epistolas prisão.

Paulo escreveu quatro cartas como prisioneiro: Aos *Filipenses*, aos *Colossenses*, aos *Efésios* e a *Filemon*. Existem 2 (dois) períodos conhecidos de aprisionamento de Paulo, um em Cesareia, durante o período do governo de Felix e Festo (At 23.26), e outro em Roma enquanto Paulo esperava ser julgado perante Cezar (At 28), com apoio de escassa tradição da igreja antiga. Alguns eruditos têm conjeturado um outro período de prisão em Éfeso, durante o prolongado ministério de Paulo ali. Paulo menciona frequentes

aprisionamentos em 2º Co 11.23, mas provavelmente ele aludia a encarceramentos de uma noite ou pouco mais, como ocorreu em Filipos (cf. At 16.19-40). A posição tradicional atribui todas as epístolas da prisão ao período de aprisionamento em Roma, mas a possibilidade que isto tenha ocorrido em Éfeso ou Cesareia, não pode ser eliminada, no caso de cada uma das epístolas da prisão.

Filipenses - Aparentemente a igreja de Filipos era favorita de Paulo. Ela recebia apoio financeiro regular da parte dela (cf. Fp 4.15; 2ª Co 11.8). A epístola aos Filipenses é a mais pessoal das epístolas que Paulo escreveu a uma igreja local. Ela ecoa uma nota de agradecimento pelo mais recente respaldo financeiro que os filipenses tinham enviado a Paulo (cf. Fp 4.10-14) que fora enviado por Epafrodito (Cf. Fp 2.27). Epafrodito ficou doente e por isso Paulo o enviou de volta a Filipos, sendo ele mesmo portador da epístola (Cf. Fp 2.25-30). Do ponto de vista tradicional, do aprisionamento em Roma, Paulo escreveu aos Filipenses em 62 d.C. Em apoio a Roma como lugar da escrita da epístola, temos as expressões “guarda pretoriana” (Fp 1.13) e a Casa de César (Fp 4.22). Ainda segundo Filipenses 1.19, a vida de Paulo correu perigo durante o julgamento. Por conseguinte tal julgamento ocorreu na presença de Cezar em Roma, porquanto em qualquer outro lugar Paulo poderia ter apelado para Cezar como era seu direito como cidadão romano. A antiga tradição constante no prólogo Marciãoita, por igual maneira, atribuiu esta epístola a Roma, com local onde ela foi escrita. Por todas as razões, e devido às debilidades dos argumentos em contrário, o ponto de vista, que diz que Paulo escreveu de Roma a epístola aos Filipenses, continua sendo o melhor.

Colossenses - A cidade de Colossos distava cerca de 160km de Éfeso. A maneira como Paulo diz que ouvira a respeito de fé de seus leitores (Cl 1.4), e a inclusão destes leitores entre os quais nunca o tinham visto face a face, sugere que Paulo nem fundara e sequer visitara a igreja de Colossos. E visto que os crentes colossenses tinham aprendido sobre a graça de Deus através de Epafras (Cl 1.6-7), este último deve ter sido o fundador daquela igreja. Não obstante Epafras estava em companhia de Paulo quando este escreveu esta epístola (Cl 4.12-13). Podemos concluir disso que: Epafras se convertera no ministério de Paulo em Éfeso e põe-se a evangelizar a região circunvizinha de Colossos, Laodicéia, a Hierápolis e que depois visitara Paulo na prisão, a fim de solicitar seus conselhos sobre uma perigosa heresia que ameaçava a igreja de Colossos. Essa heresia chamada heresia colossense, tinha o seguinte conteúdo:

- Detratava a pessoa de Cristo, razão pela qual o apóstolo frisa sua proeminência (Cl 1.15-19) exaltava um intelectualismo que falava de mistérios, conhecimento século e sabedoria.
- Dava ênfase a filosofia humana, isto é, a especulações vazias à parte da salvação divina (Cl 2.8),
- Continha elementos do judaísmo, como a circuncisão (Cl 2.11 e 3.11), as tradições rabínicas (Cl 2.8), regulamento sobre elementos e a observância da sábado e festividades religiosas (Cl 2.8),
- Incluía a adoração a anjos, como intermediários a fim de que Deus altíssimo (puro Espírito) fosse incontaminado do contato com do universo físico (Cl 2.8). A heresia colossense, por conseguinte, era uma mescla do legalismo judaico, das especulações filosóficas dos gregos e do misticismo oriental.

Filemon - A epístola foi um apelo em favor de um escravo fugitivo, Filemon, residente em colossos era um convertido do ministério de Paulo (Fm 1.19). Uma congregação costumava se reunir na casa de Filemon (Fm 1.2). Um escravo, de nome Onésimo, fugira levando consigo algum dinheiro. Refugiou-se em Roma e de algum modo, entrou em contato com Paulo, quando então se converteu. Agora na qualidade de cristão ele deveria retornar a companhia de seu senhor e viver a altura do significado de seu nome próprio, Onésimo que significa útil (Fm 1.10-11). Paulo escreveu a fim de persuadir Filemon a aceitar Onésimo sem puni-lo (tirar-lhe a vida – tratamento usual conferido a escravos que fugissem), mas também acolher Onésimo como irmão caríssimo no Senhor (Fm 1.16). O vs. 21 – “Façais mais do que estou pedindo...” pode sugerir carta de alforria a fim de Onésimo ocupasse o trabalho missionário. Paulo também se comprometeu a pagar a Filemon pela perda financeira causada pelo furto praticado por Onésimo. Entretanto, a menção imediata da dívida espiritual maior ainda de Filemon a apóstolo. Convida aquele a cancelar a dívida que Paulo acabara de assumir (Fm 1.18-20).

Efésios - A epístola aos Efésios não foi escrita em resposta a alguma circunstância específica ou controvérsia, conforme se verificou no caso da maioria das epístolas paulinas, a epístola aos Efésios ressalta a igreja como o corpo de Cristo, bem como expressa louvor por causa da unidade e das bem aventuranças usufruídas por todos os crentes em Cristo. Efésios 6.21-22, menciona Tíquico como alguém que haveria de acrescentar pormenores a respeito das circunstâncias de Paulo,

daí subentende-se que ele era o portador da epistola. Paulo disse ter escrito as epistolas aos Efésios e aos colossenses aproximadamente no mesmo tempo, porque os temas das duas epistolam é similar: “Cristo, o cabeça da igreja, que é o seu corpo”, e porque os versículos concernentes à Tíquico se repetem em forma idêntica em Cl 4.7-8, a epistola aos Efésios foi escrita durante o período do aprisionamento de Paulo em Roma.

As epistolas pastorais de Paulo.

1ª e 2ª Timóteo e Tito compreendem as chamadas epistolas pastorais, assim denominadas, porque escritas a jovens pastores. Eruditos da alta crítica lançam dúvidas sobre a autoria Paulínia. Um autor pseudônimo teria lançado mão da autoridade de Paulo, e fim de combater o gnosticismo incipiente no segundo século. Em apoio a autoria Paulínia há a declaração constante no primeiro versículo de cada epistola pastoral, que Paulo foi o seu autor. D’outra forma nenhum admirador de Paulo teria dito acerca de Paulo, como sendo “o principal dentre os pecadores” (cf. 1ª Tm 1.15).

Quando e onde Paulo escreveu?

Possivelmente Paulo foi declarado inocente em seu primeiro aprisionamento em Roma, e gozou de um certo período de liberdade, para depois ser preso novamente. Paulo então escreveu 1ª Timóteo e Tito entre estes dois períodos de aprisionamento, ao passo que 2ª Timóteo foi escrito durante seu segundo aprisionamento, pouco antes do seu martírio.

As epistolas Gerais.

São elas: Hebreus, Tiago, 1ª e 2ª Pedro, 1ª, 2ª, 3ª João e Judas.

Hebreus - A epistola das coisas melhores questões a serem levantadas: 1) Quais os candidatos mais prováveis quanto à autoria da epistola? 2) A quem foi escrita a carta aos Hebreus, onde viviam eles e quais eram suas condições espirituais?

Autoria: A tradição da igreja primitiva manifesta em tons incertos quanto à autoria ao livro anônimo dirigido aos Hebreus. Em data bastante recuada (cerca de 95 a.C.), a epistola aos Hebreus era conhecida e usada conforme se vê em 1ª Clemente. Na porção oriental do império romano, Paulo era usualmente reputado como seu autor. A teologia de Hebreus contém semelhanças com a teologia Paulina, quando se coteja a pré-existência e a porção de Cristo como criador, em Hb 1.1-4 e Cl 1.15-17; a humilhação de Cristo, em Hb 2.14-17 e Fl 2.5-8, a nova aliança em Hb 8.6 e 2ª Co 3.4-11; e a distribuição dos dons do Espírito Santo, em Hb 2.4 e 1ª Co 12.11. Já o segmento ocidental duvidava da autoria Paulina, tendo mesmo chegado a excluir Hebreus do cânon, pelo menos a princípio, por causa de dúvidas quanto à autoria da mesma. Este fato mostra que

a igreja primitiva não aceitava credulamente a qualquer obra no cânon neotestamentário sem exame das credenciais comprobatórias no tocante à autoria, natureza fidedigna e a pureza doutrinária.

Razões para rejeição de autoria Paulina.

- Nenhuma das epístolas reconhecidamente atribuídas à Paulo é anônima como a epístola de Hebreus;
- O polido estilo grego de Hebreus difere radicalmente do estilo rude do apóstolo Paulo e,
- Paulo apelava constantemente para a sua autoridade apostólica. O escritor de hebreus apela para a autoridade daqueles que tinham sido testemunhas oculares do ministério de Jesus Cristo (cf. Hb 2.3).

Outros estudiosos têm sugerido Barnabé, cujo passado como levita (Cf. At 4.36), se harmoniza com interesse pelas funções sacerdotais que se manifesta em todo o livro de Hebreus, cuja associação com Paulo poderia explicar as similaridades com a teologia Paulínia. Entretanto, por ter residido em Jerusalém (At 4.36-37), provavelmente Paulo chegara a ouvir e ver Jesus. Ao passo que o autor da epístola aos Hebreus dependiam de outros quanto ao testemunho ocular (cf. Hb 2.3). Lucas, também é mencionado como possível autor da epístola devido a semelhança de estilo em grego, culto polido do livro de Hebreus com o de Lucas-Atos, todavia, Lucas-Atos, se reveste de uma perspectiva tipicamente gentílica, e o livro de Hebreus manifesta-se altamente judaico. Martinho Lutero sugeriu, Apolo como autor da epístola aos Hebreus, pela familiaridade com Paulo (Cf. 1ª Co 16.12), além de ter sido mais bem instruído por Priscila e Áquila (cf. At 18.26), o que justifica a semelhança com a teologia Paulina. A eloquência de Apolo (Cf. At 18.24, 27,28), poderia ter produzido o estilo elevadamente literário da epístola aos Hebreus. Outrossim, seu passado formativo alexandrino se adapta ao uso exclusivo da Septuaginta, na epístola em apreço, quando lê citações extraídas do Antigo Testamento, porquanto a septuaginta foi produzida em Alexandria no Egito. Porém, a ausência de tradições antigas em favor de Apolo deixa-nos na dúvida a respeito. Outra suposição é Silvano (ou Silas) companheiro de Paulo tenha sido o autor de Hebreus, também pode explicar suas similaridades com a teologia paulina, mas não muito mais que isso pode ser ato em favor ou contra a autoria de Silvano. A mesma coisa pode ser dita acerca da sugestão de que Filipe escreveu a epístola aos Hebreus. Harnack indica Priscila, devido a intimas associações entre ela e Paulo. Argumentou que ela escrevera no anonimato, porque a autoria de uma mulher não era aceitável em público. Clemente de

Roma, é outra opção devido as semelhanças de 1º Clemente com Hebreus. Entretanto, há muitas diferenças quanto à perspectiva e é mais provável que Clemente tenha feito empréstimos da epístolas aos Hebreus.

Destinatários: Tudo aponta para o fato que o livro foi originalmente a Judeus Cristãos, à primeira vista, Judeus que viviam na Palestina. Entretanto, segundo Hb 2.3, seus leitores não tinham visto, nem ouvido a Jesus pessoalmente. Durante seu ministério terreno, conforme muitos cristãos palestinos sem dúvida o tenham feito; e em consonância com Hb 6.10, eles haviam ajudado materialmente outros cristãos, ao passo que os cristãos palestinos eram pobres e tinham recebido ajuda externa (Cf. At 11.27-30; Rm 15.26 e 2ª Co 8 e 9).

Outrossim, o conhecimento que tinham do Antigo Testamento provinha da Septuaginta, e não porque frequentassem aos cultos no templo em Jerusalém. A declaração *“os da Itália vos saúdam”* (Hb 13.24), soa como italianos distantes estivessem enviando saudações à sua pátria. Neste caso Roma seria o destino provável da presente epístola, dando substância a esta posição, considera-se o fato que evidência em prol do conhecimento da epístola aos Hebreus nos chega antes de tudo de Roma (I Clemente). Recentemente H. Montefiore, propôs a autoria de Apolo que escreveu a epístola em Éfeso à igreja de Corinto, especialmente aos membros judeu-cristãos em 52-54 d.C. De acordo com essa posição *“Os da Itália vos saúdam”* (Hb 13.24), seriam Priscila e Áquila, os quais originalmente se tinham mudado de Roma para Corinto, mas depois acompanharam Paulo de Corinto a Éfeso. Contra esta posição, inquire-se porque não se mencionou o nome de Priscila e Áquila, mas preferiu usar uma expressão generalizadora, sobretudo diante do fato que acabara de mencionar Timóteo por nome (Hb 13.23). Onde quer que habitassem os destinatários da epístola, eles eram bem conhecidos do autor. Ele escreve à resposta da generosidade deles (Hb 6.10) das perseguições que vinham sofrendo (Hb 10.32-34; 12.4), da imaturidade deles (Hb 5.11; 6.12) e sua esperança de visitá-los novamente (Hb 13.19-23). Dois detalhes adicionais podem ser significativos: 1) Os leitores de epístola são exortados à saudar não somente os líderes da congregações, mas também, todos os santos (Hb 13.24); 2) Eles são repreendidos por não se reunirem com a necessária frequência (Hb 10.25). É provável, portanto, e que fossem um grupo de cristãos judeus que se reuniam em algum domicílio, e que se tinham separado do corpo central de cristãos da localidade em que viviam, e que agora corriam o perigo de voltar do judaísmo, a fim de evitarem perseguições. Assim o propósito da epístola é o de impedir tal apostasia, trazendo-os de volta à comunhão cristã integral. É mais provável uma

data anterior a destruição do templo de Jerusalém no ano 70 d.C. A falta de alusão desse acontecimento, nesta epistola como indicação divina que o sistema de holocaustos do antigo testamento se tornara obsoleto, é um argumento sólido, não que dúvidas que o autor sagrado ter-se-ia valido de um argumento histórico dessa magnitude, se este acontecimento já houvesse ocorrido.

Tiago - A epistola de Tiago é a mais prática de todos os livros do Novo Testamento. É um manual de conduta cristã a qual pressupõe um alicerce firme de fé por parte de seus leitores.

Autoria: Tiago (Forma grega do apelativo hebraico Jacó), líder da primeira igreja em Jerusalém (Cf. At 15.12, 21.18; Gl 2.9-12). Embora não fosse crente durante o ministério público do Senhor, Tiago foi testemunha do Cristo ressurreto (Cf. 1ª Co 15.7) e se encontrava entre aqueles que esperavam pela descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Cf. At 1.14). O tema da epistola de Tiago tem tons fortemente judaicos, destacando-se à saliência dada à lei, o que se harmoniza com aquilo que sabemos de Tiago, através dos livros de Atos e Gálatas, e outras fontes. A epistola de Tiago encontram dificuldades para ser admitida no cânon do Novo Testamento por diversos fatores: 1) A brevidade da epistola, sua natureza proeminentemente prática, e não doutrinária e a limitação de seu endereço cristão judeu, 2) O fato de não ter sido Tiago um dos doze apóstolos originais; 3) A incerteza da identidade de Tiago em grego 1.7, porquanto aparecem diversos homens com este nome nas páginas do Novo Testamento.

Destinatários: Tiago escreveu às doze tribos que se encontra na dispersão (Tg 1.1). Essa designação pode ser entendida metaforicamente como se vê em 1ª Pedro, como a igreja gentílica, espalhada por todo o Império Romano. Sem embargo, é mais provável que a referência é aos cristãos judeus que viviam fora da Palestina.

Data: Josefo, data o martírio de Tiago em 62 d.C., pelo que sua epistola precisa ser datada antes daquela data. Há eruditos que argumentam em prol de uma data tão recuada (45-50 d.C.) que a epistola de Tiago poderia ser então considerada o primeiro ensino do Novo Testamento. A ausência de qualquer controvérsia em relação aos judaizantes é tomada como prova de uma data antes do surgimento da controvérsia imediatamente antes do concílio de Jerusalém que teve lugar em 49 d.C. e o tom tipicamente judaico é tido como prova implícita de que, ao ser escrita a epistola ainda não se expandira para fora da Palestina. No entanto, a limitação do endereço à cristãos judeus, e a perspectiva decisivamente judaica do próprio Tiago poderia justificar ambos os fenômenos. Assim só nos resta nos contentar com uma data indeterminada por ser um assunto muito disputado.

1ª Pedro - Os leitores originais desta epístola estavam sendo perseguido, portanto, ela se concentra no tema da conduta cristã apropriada face às hostilidades anticristãs, bem como no tema do dom compensador da salvação, o qual atingirá seu estágio culminante no futuro, por ocasião da segunda vinda de Cristo.

Autoria: 1ª Pe 1.1, o autor identifica-se como Pedro o apóstolo, reivindicação esta respaldada pela tradição da igreja antiga. Silvano atuou como amanuense de Pedro nesta epístola (*“por meio de Silvano vos escrevo...”* 1ª Pe 5.12), que pode ter sido Silas, companheiro de Paulo em sua segunda viagem missionária. Neste caso, Silvano seria talvez outra forma latina de Silas.

Lugar: Pedro escreveu da Babilônia (Cf. 1ª Pe 5.13), provavelmente não a cidade deste nome na Mesopotâmia, mas Roma. A Babilônia da Mesopotâmia estava quase deserta de habitantes nos primórdios da era cristã. “Babilônia” ocorre como nome simbólico para Roma em Ap 17.4-6,9,18, como é obvio o porquanto Roma era a cidade dominante no período do Novo Testamento. Roma foi chamada de Babilônia por ser a capital mundial da idolatria, posição está em tempos remotos ocupada pela cidade da Mesopotâmia. D’outra sorte ainda, a tradição desconhece a existência de qualquer igreja em Babilônia da Mesopotâmia e nada sabe de alguma visita ali feita pelo apóstolo Pedro. Todavia a tradição indica que Pedro morreu em Roma. Outro fato é que João Marcos estava em Roma por ocasião da prisão de Paulo (cf. Cl 4.10), presença que faz conexão com a de Pedro ao ser escrita a primeira epístola de Pedro (cf. 1ª Pe 5.13). Finalmente, a ordem em que as províncias são citadas (Cf. 1ª Pe 1.1), sugere que o portador de 1ª epístola partida de Roma, no ocidente, fizera um circuito por certas províncias da Ásia menor com a epístola, e retornou para Roma voltando para o Oeste.

Destinatários: As frases *“Eleitos que são forasteiro da dispersão”* (Cf. 1ª Pe 1.1), *“no meio dos gentios”* (Cf. 1ª Pe 2.12) e *“gentios”* (Como um terceiro grupo, cf. 1ª Pe 4.3), a primeira visita parece implicar em que os destinatários originais da epístola eram cristãos judeus. Porém, as alusões do seu pecado de idolatria, anterior a sua conversão (Cf. 1ª Pe 4.3). Os judeus do Novo Testamento não praticavam a idolatria e as expressões: *“paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância”* e *“vosso fútil procedimento”* (Cf. 1ª Pe 1.14, 18 comparar com Ef 4.17, onde uma fraseologia similar é aplicada aos gentios, indicam que os leitores originais da epístola eram gentios). Esta conclusão pode ser confirmada por 1ª Pe 2.10, onde os gentios são caracterizados como “povo de Deus”, relacionando-os com o pacto que Deus fizera com Israel. Tal como Pedro utiliza-

se do termo Babilônia para representar a cidade de Roma, também usa o vocábulo “gentios” para caracterizar os não cristãos e “forasteiros da dispersão” para indicar os cristãos espalhados por todo o mundo.

Data: O tema de perseguição aos cristãos sugere que Pedro escreveu a Epistola por volta de 63 d.C., pouco antes do seu martírio em Roma, por ordem de Nero, o que sucedeu em 64 d.C.

2ª Pedro - A 2ª epistola de Pedro visava defender a ortodoxia. Mestres heréticos, com doutrinas falsas e moralidade frouxa, começavam a lançar sérias investidas contra a igreja, penetrando nela. A 2ª epistola é mesmo polêmica contra os tais e particularmente contra o ensino deles, no qual negavam a realidade da volta de Jesus. Pedro assevera o verdadeiro conhecimento da fé cristã a fim de fazer frente àquela doutrinação herética.

Autoria: Entre os eruditos modernos há uma dúvida generalizada de que o apóstolo Pedro foi o autor desta epistola. A igreja primitiva demonstrou alguma vacilação em aceitá-lo no cânon do Novo Testamento, talvez, por causa da brevidade da carta, e quiçá, por uma limitada distribuição dela, que assim ficou relativamente desconhecida. Fatos que demonstram a autoria e a canonicidade da carta: 1) Dois livros apócrifos do Novo Testamento, a saber, O evangelho da verdade e o apócrifo do João, contem prováveis citações ou alusões extraídas da segunda epistola de Pedro, comprovando-se desse modo que desde os primórdios 2ª Pedro, era aceita como obra autorizada, isto é, já no segundo século da era cristã; 2) O antiquíssimo (século III d.C.), Papiro Bodmer designado paz, mostra que 2ª Pedro era o livro aceito como canônico, pois naquele manuscrito 2ª Pedro compartilha, com 1ª Pedro e com Judas, de uma benção invocada sobre os leitores destes livros sagrados, chega a receber um apoio elaborado que as duas outras epistolas citadas; 3) O estilo de 2ª Pedro é diferente de 1ª Pedro, mas o trabalho de dois amanuenses diversos pode explicar isso. 4) Destacadas similaridades na fraseologia, entre 2ª Pedro e 1ª Pedro e os sermões de Pedro. No livro de Atos, apontam para uma origem comum, O apóstolo Pedro.

Objções e autoria de Pedro: 1) Que 2ª Pedro fez alguns empréstimos da epistola de Judas, mormente na descrição acerca dos falsos mestres, e que um homem da estatura de Pedro não teria buscado subsídios de um escritor comparativamente insignificante como foi Judas. O argumento é puramente humano e carnal. Outrossim, certo número de estudiosos tem argumentado um abalizado em fatos, que Judas escreveu sua epistola mais tarde, e que foi ele que se escudou na

segunda epistola de Pedro; 2) Outra objeção à autoria de Pedro, é a referência que ele faz (cf. 2ª Pe 3.15), às epistolas de Paulo, dando à entender que todas elas já haviam sido escritas, coligidas e publicadas; e que isso só poderia ter sucedido depois do martírio de Pedro e Paulo, porquanto, Paulo continuou escrevendo até o fim da sua vida terrena. Porém, a alusão às epistolas paulinas, implica somente na existência das epistolas escritas por Paulo, até o tempo em que Pedro escreveu a segunda epistola. O conhecimento que Pedro teve delas provavelmente se deve às suas viagens, à circulação das epistolas de Paulo e a Silvano (ou Silas) que foi tanto companheiro de Paulo, quanto amanuense de Pedro (cf. 1ª Pe 5.12). Concluindo à respeito das dúvidas modernas, podemos acatar o veredicto final da igreja primitiva, que afiança que pouco depois do apóstolo Pedro ter escrito sua primeira epistola, e pouco antes de seu martírio, que teve lugar em 64 d.C., ele escreveu esta segunda epistola.

1ª João - Escrita nos fins do primeiro século da era cristã pelo apóstolo João “...e isto que vos acabo de escrever...” (1ª Jo 2.1,26), demonstram que originalmente, 1ª João não fora um sermão oral, mas uma composição escrita. Talvez fosse um panfleto para uso da igreja inteira. Entretanto, o termo “filhinhos” com se dirige a seus leitores, subentende um círculo limitado de cristãos com os quais João estava vinculado. De acordo com uma tradição da igreja antiga, João viveu em Éfeso os últimos anos de sua vida. Por conseguinte 1ª João foi escrito em estilo homilético para cristãos que ele conhecera na Ásia menor, na área que circuncidava Éfeso. O propósito de 1ª João foi fortalecer a seus leitores no conhecimento, na alegria e na certeza da vida cristã (Cf. 1.3,4 e 5.13), em contraposição a uma heresia gnóstica que se desenvolvia no seio do cristianismo ao tempo que João escreveu. A heresia distinguiu entre um Cristo espírito divino e imaterial e um Jesus humano, dotado de corpo físico, asseverava que o Cristo espírito descera sobre Jesus humano por ocasião do seu batismo tendo-O abandonado por ocasião de sua crucificação. Esta heresia negava a encarnação do verbo (Cf. 1ª Jo 4.2). A fim de combater esta heresia João estabelecia três critérios pelos quais se determinavam a genuína fé cristã: 1) Vida reta, 2) Amor fraternal, 3) Fé em Jesus como o Cristo que veio em carne. Da mesma forma que a fé em Jesus como o Cristo que veio em carne visa o gnosticismo, assim também o critério de vida reta tem por alvo a lassidão moral dos gnósticos e o critério do amor fraternal alveja o exclusivismo altivo do gnosticismo.

2ª João - A 2ª carta de João é dominada pelos temas do amor fraternal e a unidade cristã. Seu propósito é advertir acerca da hospitalidade a qualquer mestre falso (cf. 2ª Jo 1.10).

Destino: “*A senhora eleita e aos seus filhos...*” (vs. 1). Pode se referir a uma irmã amiga de João e seus filhos (Sentido literal), ou a uma igreja local e seus membros (sentido figurado). Localização do endereçamento é desconhecida, assim com a data específica, sendo certo, porém que foi escrita entre os anos 85 e 100 d.C.

3ª João - O enfoque de 3ª João é uma disputa Eclesiástica. O lugar de residência dos destinatários é desconhecido. O propósito da carta foi elogiar a hospitalidade de Gaio pelos “irmãos” (Provavelmente mestres itinerantes enviados por João), expor um presbítero autoritário (Diótrefes), pela sua falta de hospitalidade e sua oposição à autoridade apostólica de João, bem como ainda elogiar Demétrio provável portador da epistola. Demétrio precisava de recomendação, porquanto estava de mudança da igreja de Éfeso, com a qual o apóstolo era associado, para a igreja onde Gaio era membro, ou então Demétrio era um dos pregadores itinerantes à quem Diótrefes costumava recusar hospitalidade. A data não é conhecida.

Judas - Da mesma forma que 2ª Pedro, a epistola de Judas polemiza com falsos mestres que haviam se intrometido na igreja.

Autoria: O autor se identifica como Judas “irmão de Tiago”, não apóstolo, mas Tiago irmão de Jesus e presbítero em Jerusalém. Tiago apóstolo, foi martirizado pelo rei Herodes Agripa I, no começo do movimento cristão (cf. At 12.1-2).

Local, data e destino: A epistola não oferece qualquer indicação clara quanto ao local e data em que foi escrita. Se Judas trabalhava junto das igrejas judaicas da Palestina, é muito provável que a epistola tivesse sido enviada à estas últimas no período imediato que precedeu à queda de Jerusalém. Pode-se aventar que aquilo que Pedro predissera para o setor da igreja ao qual escrevia já se começara a realizar na igreja pela qual Judas era responsável. Se a epistola de Pedro já tinha acabado de circular, a de Judas pode ser datada em aproximadamente 67 ou 68 d.C. Se, por outro lado, o apelo de Judas a memória do povo (vs.17), significa que o texto já circulava a muito tempo. A conclusão é óbvia o que Judas pode ter expedido numa data tão tardia como 80 d.C. Jerusalém então não poderia ser a destinatária nesta última data.

Propósito: O propósito original era escrever um tratado com respeito à “salvação comum”, mas a infiltração de falsos mestres na igreja o compeliu a mudar a

natureza de sua epístola para uma obra apologética, exortando os cristãos a batalharem pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos (Cf. Jd.3).

Referências a obras pseudoepígrafas: Nos versículos 14 e 15, Judas cita o livro Apocalíptico de 1ª Enoque (“... profetizou Enoque... Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades” trecho extraído de 1ª Enoque 1.9). Na alusão à disputa havida entre Miguel e Satanás (vs.9), ele parece referir-se ao pseudoepígrafo, “Assunção de Moisés”. Embora o texto completo de “Assunção” de Moisés não tenha sobrevivido até nós e os fragmentos existentes contenham tal relato, parece provável que Judas tenha citado tal fonte.

Apocalipse - O único livro de contenda essencialmente profética do Novo Testamento. O livro de Apocalipse (“desvendamento”) contém profecias mais extensas sobre o futuro do que qualquer outro livro do novo testamento. Essas profecias projetam luz sobre o triunfo escatológico de Cristo e sua igreja sobre as forças do mal.

Autoria e canonicidade: O Apocalipse é reconhecido e atestado como obra canônica e apostólica desde o mais antigo período pós-testamentário da história da igreja, a começar pelo pastor Hermas, no início do segundo século d.C., até Orígenes, na primeira metade do século III d.C., contudo a controvérsia sobre o Apocalipse chegar até o fim do século IV, não obstante tenha sido um dos primeiros livros a ser reconhecido entre os escritos dos primeiros pais da igreja. Havia sido aceitos pelos autores do Didaque, do Pastor Papias, por Irineu e bem como o Cânon Muratori (um documento mutilado, de origem latina, foi descoberto numa biblioteca de Milão e continha uma lista de livros do Novo Testamento, provavelmente distados em oposição do cânon do herege Marcião). Todavia quando os montanistas agregaram seus ensinamentos heréticos ao livro Apocalipse, no século III, a aceitação acabou se tornando mais difícil e demorada. Dionísio, o bispo de Alexandria levantou sua voz contra o Apocalipse, alegando diferenças entre o Apocalipse e o evangelho e as epístolas de João, diferenças estas que excluíam uma autoria comum. Mas a influência de Dionísio se desvaneceu quando Atanásio, Jerônimo e Agostinho levantaram suas vozes em defesa do Apocalipse, sua autoria e canonicidade.

Data e lugar: João escreveu na ilha de Pátmos, durante o reinado do imperador Domiciano, mais provavelmente no ano 96 d.C. A respeito de Domiciano não ter perseguido aos cristãos em larga escala, sua tentativa de pôr em vigor a adoração do imperador foi o presságio de violentas perseguições que se seguiram.

e. Estímulos a produção do cânon do Novo Testamento.

Várias forças contribuíram para que a cristandade primitiva providenciasse um cânon oficial no Novo Testamento.

Necessidade eclesial - A igreja primitiva tinha necessidades internas e externas que pleiteavam a existência de um cânon reconhecido oficialmente. Internamente precisava-se saber que livros deveriam ser lidos nas igrejas, de acordo com a prática apostólica prescrita (Cf. 1ª Ts 5.27). Do lado de fora da igreja estava a necessidade de saber quais livros deveriam ser traduzidos para línguas estrangeiras das pessoas convertidas. Sem uma lista dos livros reconhecidos e aprovados, seria difícil para a igreja a execução dessa tarefa. A combinação destas necessidades exerce pressão sobre os primeiros pais da igreja para que produzissem uma lista oficial de livros canônicos.

Estímulo teológico - Há necessidade de cada vez mais, definir os limites do legado doutrinário apostólico. Quais livros deveriam ser utilizados para ensinar a doutrina com autoridade divina, face a multiplicidade de livros heréticos que reivindicavam autoridade divina? Quando o herege Marcião publicou uma lista muito abreviada dos livros canônicos (140 d.C.), abarcando apenas o evangelho de Lucas (Uma revisão com numerosas omissões) e dez cartas de Paulo (com omissão de 1ª e 2ª Timóteo e Tito), tornou-se premente uma lista completa dos livros canônicos. Cerca de 150 d.C., a igreja não tinha o seu cânon formalmente expresso, contudo, referências prévias mostravam que a maioria dos livros do Novo Testamento estava praticamente em uso na Síria, na Ásia Menor e em Roma. Já na metade do segundo século, a força do cristianismo se havia transferido para Roma, a cidade imperial. Os ensinamentos heréticos de Marcião, seu cânon e a popularidade dos seus ensinamentos, tornaram a igreja a reconhecer formalmente um cânon.

Estímulo político - As perseguições de Diocleciano (302-305 d.C.), representaram um forte motivo para a igreja definir de vez a lista dos livros canônicos. De acordo com o historiador cristão Eusébio, houve edito imperial da parte de Diocleciano, de 303 d.C. ordenando que as escrituras fossem destruídas pelo fogo. Interessante destacar que 25 anos antes, o imperador Constantino se “converteu” e deu ordem a Eusébio para que se preparassem e se distribuíssem cinquenta exemplares da Bíblia. A perseguição motivou um exame sério da questão dos livros canônicos que deveriam ser preservados. O pedido de Constantino também tornou necessária a criação da lista dos livros canônicos.

f. A compilação e o reconhecimento progressivo dos livros canônicos.

Há evidências fortes a mostrar que os primeiros cristãos coligiram e preservaram os livros inspirados do Novo Testamento. Tais livros sem dúvida alguma foram copiados e circularam entre as igrejas primitivas. No entanto, em vista de não existir uma lista oficial divulgada, o reconhecimento universal levou vários séculos para ocorrer, até que as pressões ocasionaram a necessidade de tal lista.

O Novo Testamento como existe hoje, com seus 27 livros, ficou completo na última metade do primeiro século. O uso prático determinou quais livros seriam inclusos na coleção muito antes de seu reconhecimento oficial em 397 d.C.

Antes da existência do volume sagrado, cada livro, individualmente circulou pelas comunidades cristãs, para que estes fizessem o trabalho de seleção, efetuado por meio de agentes humanos, que verificavam autoria, qualidade e estilo literário, bem como seu conteúdo intrínseco. No início, o cânon se preocupava com os livros que continham a história de Cristo, por isso os quatro evangelhos e os Atos dos Apóstolos foram os primeiros a serem reconhecidos como sagrados, inspirados por Deus, porém a aprovação dos evangelhos e atos abriu caminho para aceitação das epístolas.

g. A seleção dos livros fidedignos.

Desde o início havia escritos falsos, não apostólicos e, portanto, não fidedignos em circulação. Por causa destes relatos fantasiosos sobre a vida de Cristo, Lucas, o companheiro de Paulo, escreveu seu evangelho. É o que se depreende do prólogo de Lucas, isto é, em seu tempo já havia alguns relatos inexatos sobre a vida de Cristo. É certo que os cristãos de Tessalônica foram advertidos quanto às falsas cartas enviadas em nome de Paulo (cf. 2ª Ts 2.20).

O evangelho de João (Jo 20.30, 21.25), nos informa de muitos outros sinais que Jesus fez, que não foram registrados por serem muitos numerosos. A partir dessa multiplicidade de atos de Jesus que não foram registrados pelos apóstolos, surgiram muitas crendices que exigiram exame dos apóstolos, que sendo testemunhas oculares poderiam atestar quanto a veracidade dos relatos, tudo portanto sendo sujeito ao ensino e tradução oral deles. Em suma, no seio da igreja do primeiro século havia um processo seletivo dinâmico em operação.

Toda e qualquer palavra a respeito de Cristo, fosse oral, fosse escrita era submetida ao ensino apostólico e sua autoridade. Se tal palavra ou obra não pudesse ser comprovada pelos testemunhos oculares (Cf. Lc 1.2, At 1.21,22), era rejeitada. Os apóstolos eram pessoas que podiam afirmar: *“O que vemos e ouvimos, isso vos anunciamos”* (Cf. 1ª Jo 1.3). Eles eram o incontestável tribunal de apelação.

A leitura dos livros autorizados

Outro indício que o processo da canonização no novo testamento teve início no primeiro século, embora sua organização tivesse ocorrido mais tarde, foi a prática de leitura pública oficial dos livros apostólicos (Cf. 1ª Ts 5.27; 1ª Tm 4.13). A leitura em público das palavras autorizadas de Deus era um costume antigo (Cf. Ex 24.7; Js 8.34; 2ª Pe 23.2; Ne 8.8). A leitura das cartas apostólicas às igrejas é uma continuação da longa tradição profética. Esta aceitação de um livro, o qual era autorizadamente lido nas igrejas, teria mais tarde importância crucial, para o reconhecimento de um livro como canônico.

h. A circulação e compilação dos livros.

Nos tempos do Novo Testamento havia algo parecido com uma declaração de cânon das Sagradas Escrituras, aprovada tacitamente circulando pelas igrejas. Inicialmente nenhuma igreja tinha todas as cartas apostólicas, mas a coleção foi crescendo à medida que se faziam cópias autenticadas pela assinatura dos apóstolos ou de seus emissários. Não há dúvidas de que as primeiras cópias das escrituras surgiram dessa prática de fazer que circulassem. À medida que as igrejas foram crescendo, a necessidades de mais cópias foi se tornando cada vez maior, pois mais e mais congregações desejavam ter sua compilação para as leituras regulares e para os estudos, ao lado das escrituras do Antigo Testamento.

Esse processo de circulação revela um início do processo de canonização, com a seleção de livros apostólicos fidedignos, até que se completou a lista dos 27 livros reconhecidos como canônicos, não obstante, o debate a respeito do cânon prosseguiu por vários séculos até que finalmente a igreja universal reconheceu a canonicidade dos 27 livros que compõem o atual Novo Testamento.

i. Testemunhos do 2º séc. sobre os livros do Novo Testamento.

Logo após a primeira geração, passada a era apostólica, todos os livros do Novo Testamento haviam sido citados por algum Pai da Igreja. O primeiro livro foi escrito no início da metade do segundo século e o último ficou pronto no fim da segunda metade do século (Ano 50 a 100 d.C. para arredondar), pelo tempo em que a 2ª carta de Pedro foi escrita as cartas Paulinas já eram consideradas como escrituras (2ª Pe 3.15-16). As cartas de Paulo parecem ter sido as primeiras a serem colecionadas. Depois da destruição de Jerusalém, o centro do Cristianismo transferiu-se para Antioquia (da Síria) e Éfeso. Os escritos de Paulo, como não poderia deixar de ser, foram muitos prestigiados nestas áreas. Os evangelhos sinópticos foram colecionados em data idêntica das epístolas Paulinas.

A adoção da forma de códice para os livros (costura de muitas folhas de papiro juntas, como os livros atuais) pelos cristãos primitivos no segundo século tornou possível a coleção de uma quantidade maior de material dentro de um livro. As coleções dos quatro evangelhos e das cartas de Paulo já eram reconhecidas como autorizadas já no começo do segundo século.

Clemente de Roma (96 d.C.) - Parece que ele conhecia a primeira carta aos Coríntios, os ensinamentos de Cristo (Talvez um dos evangelhos) e a epístola aos hebreus; todavia, não se referiu a eles como escritura. Quando Clemente escreveu sua literatura, alguns dos apóstolos ainda estavam vivos. Os guias da Igreja eram nomeados pelos apóstolos; portanto, a igreja continuava a sentir o prolongamento da autoridade apostólica e, portanto, não necessitava com urgência de escritos autorizados.

Inácio, bispo de Antioquia (116 d.C.) - Roma e Antioquia já eram centros fortes do cristianismo no começo do segundo século. Os escritos de Inácio que era um bispo com prestígio no oriente, mostra que ele conhecia as epístolas de Paulo e os evangelhos de Mateus e João. Recebeu grande influência de João, contudo, não fez qualquer referência aos livros do Novo Testamento como Escritura.

Policarpo, bispo de Esmirna (69 - 155 d.C.) - Ele ouviu João e tornou-se mestre de Irineu, que por sua vez disse que havia aprendido dos apóstolos os ensinamentos que continuavam a ser a tradição da igreja. Ele se referiu a Efésios 4.26 como Escritura.

Papias, bispo de Hierápolis (80 - 155 d.C.) - Papias também ouviu o apóstolo João antes da morte deste. Disse ele: “não pensei que pudesse tirar tanto conteúdo dos livros quanto em ouvir a palavra de uma voz viva e permanente.” (Eusébio, hist. Ec 3.39). Esta declaração explica por que os escritos não eram muito prestigiados no começo do segundo século. Papias escreveu que Marcos era o intérprete de Pedro e que Marcos escreveu diligentemente tudo aquilo que se lembrava dos ensinamentos e ações de Cristo. Eusébio também declarou que Papias citava 1ª João e 1ª Pedro.

O evangelho da verdade (140 d.C.) - Este documento provavelmente foi escrito por Valentino, em Roma, contém tendências gnósticas. A obra revela que os evangelhos, o livro de Atos, as epístolas de Paulo e Hebreus eram considerados como autorizadas.

Justino, mártir, de Samaria e Roma (140 d.C.) - Havia estudado filosofia grega antes de se tornar cristão. Descobriu no cristianismo a única filosofia certa que supre a necessidade dos homens. Fundou uma escola em Roma para satisfazer às dúvidas dos gregos. Num documento que escreveu ao imperador, teve a habilidade de mostrar a sua majestade que as escrituras eram reconhecidas pela igreja, e não somente por ele. Referiu-se aos evangelhos como memórias dos apóstolos. Os evangelhos eram lidos em cultos públicos, e as instruções eram baseadas neles. Justino pressupunha a autoridade escriturística dos evangelhos pelo uso da fórmula “está escrito”. Sua obra confirma o conhecimento de Atos, 1ª Pedro, Romanos, 1ª Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses, 2ª Tessalonicenses, Hebreus e Apocalipse, em acréscimos aos evangelhos.

Marcião, de Ponto e Roma (140 d.C.)

Quem foi Marcião?

Nasceu numa localidade chamada Ponto, Tertuliano escreveu o seguinte a respeito desse lugar: “Habitam ali os povos mais ferozes...” Suas mulheres preferem a guerra ao casamento e, o clima é tão rude como o povo. Nada, porém, é tão bárbaro e atroz, em Ponto, como o fato de Marcião haver nascido ali” conta Marcião 1.1. Era filho de um bispo e foi excomungado pelo próprio pai, por causa de suas ideias heréticas. Foi cognominado por Policarpo como sendo o primogênito de Satanás. Em Roma foi novamente excomungado por abraçar ensinamentos gnósticos.

Ensinos de Marcião: Pregava a doutrina de dois deuses: O Deus do Antigo Testamento: Justo, Criador, O juiz severo dos homens. Este Deus não é o Pai de Jesus, porque se alegrava com sacrifícios de sangue e com morte de pessoas. Jesus superior ao Deus justo, foi enviado a libertar os homens daquele Deus. Por crer neste dualismo, rejeitou o Antigo Testamento. Cristo não era um homem real, que ele estaria sujeito ao Deus do Antigo Testamento. O Deus do Novo Testamento, segundo Marcião, não exigia guarda da lei, mas deu ênfase ao amor e a confiança.

O cânon de Marcião: O evangelho do cânon de Marcião era uma revisão de Lucas, com numerosas omissões. Aceitou as 10 epístolas de Paulo, mas rejeitou o livro de Atos, porque continha doutrina de Pedro, e omitiu as cartas pastorais.

Taciano de Roma (170 d.C.) - A obra de Taciano – “*Diatessaron*” (ou harmonia dos quatro evangelhos) é aparentemente o primeiro reconhecimento dos quatro

evangelhos numa história contínua. Em acréscimo aos evangelhos, revela ter conhecimento das epístolas de Paulo e do Apocalipse.

Irineu, de Lyon, Gália (177 d.C.) - Irineu nasceu provavelmente em Esmirna, província da Ásia Menor. Ele ouviu Policarpo falar sobre seu relacionamento com o apóstolo João e com várias outras “testemunhas da Palavra de Vida”. Suas associações deram-lhe elementos para combinar as tradições da Ásia Menor, Roma e Gália. Não forneceu uma lista formal de eruditos do Novo Testamento, contudo, ele usou a maioria dos livros do Novo Testamento.

Testemunhas das listas primitivas e das traduções do Cânon.

Antiga Siríaca - Uma tradução do Novo Testamento circulou na Síria pelo fim do século IV, representando um texto que datava do século II. Incluía todos os livros do Novo Testamento exceto: 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, Judas e Apocalipse. O famoso especialista em Bíblia, B.F. Westcott, observou: *“A harmonia geral entre esse cânon e o nosso é extraordinário e de grande importância; as omissões são de fácil explicação”*. Os livros omitidos foram originalmente destinados ao mundo ocidental, e a igreja Siríaca ficava no oriente. A distância e a falta de comunicações com objetivo de verificação atrasaram a aceitação definitiva desses livros no que tange à bíblia oriental, a qual havia sido publicada antes dessa evidência estar à disposição.

Antiga Latina - O Novo Testamento havia sido traduzido para o latim antes do ano 200 d.C., tendo servido de Bíblia para a igreja ocidental, da mesma forma que a Siríaca tinha servido para a igreja oriental. A Antiga Latina continha todos os livros do Novo Testamento com exceção de Hebreus, de Tiago e de 1ª e 2ª Pedro. Essas omissões são o reverso dos que se metam na Bíblia Siríaca. Hebreus, 1ª Pedro e provavelmente Tiago foram escritos para as igrejas do oriente e no mundo mediterrâneo. Daí, ter demorado muito tempo para que suas credenciais fossem reconhecidas no ocidente. A segunda carta de Pedro apresentou um problema especial, sua aceitação como livro canônico foi mais complexa devido a semelhança de estilo com a primeira carta do apóstolo. O que fica em relevo é que as duas primeiras Bíblias da igreja (Siríaca e Antiga Latina, juntas), reconhecem canonicidade de todos os vinte e sete livros do Novo Testamento.

O Cânon Muratori (170 d.C.) - Além do cânon obviamente abreviado do herege Marcião (140 d.C.), a lista canônica mais antiga se encontra no fragmento Muratori. A lista de livros do Novo Testamento corresponde exatamente à Antiga

Latina, omitindo-se apenas Hebreus, Tiago, 1ª e 2ª Pedro. Este documento mutilado, de origem latina foi descoberto numa biblioteca de Milão. Ele acrescenta na relação o Apocalipse de Pedro.

Códice Barocócio (206 d.C.) - Outro testemunho de apoio do primitivo cânon do Novo Testamento. Vem do códice intitulado os sessenta livros. Mediante exame cuidadoso, esse sessenta livros incluía 64 dos 66 livros da Bíblia. Só faltava Ester do Antigo Testamento e Apocalipse do Novo Testamento. Entretanto a canonicidade do livro de Ester foi reconhecida pelo concílio de Jamnia e do Apocalipse está bem atestada em outras passagens de outros autores, tendo o apoio de Justino Mártir, de Irineu, de Clemente de Alexandria, de Tertuliano e da lista do Cânon Muratori.

Eusébio de Cesárea (340 d.C.) - Em sua obra histórica eclesiástica, Eusébio relacionou como totalmente aceitáveis todos os 27 livros do Novo Testamento, exceto Tiago, Judas, 2ª Pedro e 2ª e 3ª João. Esses ele relacionou como questionados por alguns, sendo que ele mesmo sujeitava o Apocalipse. Assim, todos menos o Apocalipse havia recebido aceitação, ainda que algumas cartas gerais sofressem alguma forma de questionamento.

Atanásio de Alexandria (373 d.C.) - Quaisquer dúvidas existentes no ocidente a respeito das cartas gerais e do Apocalipse foram removidas nos 50 anos que se seguiram à obra de Eusébio. Atanásio, o pai da ortodoxia, relaciona com clareza todos os 27 livros do Novo Testamento como canônicos (cartas 3,267,5). Dentro de uma geração, tanto Jerônimo. Como Agostinho teriam confirmado a mesma lista de livros, de modo que os 27 livros permaneceram no cânon aceito do Novo Testamento (Agostinho, da doutrina cristã, 2,8,13).

Concílio de Hipo (393 d.C.) e de Cartago (397 d.C.) - O testemunho de apoio do cânon do Novo Testamento não se limitou as vozes individuais. Dois concílios locais ratificaram os 27 livros canônicos do Novo Testamento, os concílios de Hipo e de Cartago.

Para resumir: O processo de coligir os escritos apostólicos confiáveis iniciou-se nos tempos do Novo Testamento. No século II, houve um exame desses escritos mediante citação da autoridade divina de cada um destes 27 livros do Novo Testamento. No século III, as dúvidas e objeções a respeito da determinados livros prosseguiram culminando nas

decisões dos pais da igreja e dos concílios influentes do século IV. A partir de então, ao longo dos séculos, a igreja vem sustentando a canonicidade desses 27 livros.

j. Critérios para a canonização

Inspiração do conteúdo do livro - Os livros escolhidos davam evidências de serem divinamente inspirados e autorizados. O Espírito Santo guiou a igreja para que ela discernisse entre a leitura religiosa genuína e a espúria.

Aceitação e uso pelas congregações - Os livros eram lidos nas congregações e seu conteúdo analisado pelo impacto que causava sobre as igrejas.

Catolicidade dos livros - Os livros deveriam ser escritos para todas as pessoas da época. Deveriam ser conhecidos universalmente, isto é, após terem sido aceitos por todas as igrejas.

Coerência e consistência doutrinária - Graças a este critério alguns livros foram deixados fora, e não reconhecidos como canônicos.

Apostolicidade do escrito - Os escritos deveriam ser de fonte apostólica ou por pessoas diretamente ligadas aos apóstolos, testemunhas oculares de Jesus Cristo em sua vida e ministério terreno.

7. Os livros apócrifos do Novo Testamento.

A distinção que se faz entre os apócrifos do Novo Testamento e os livros pseudoepígrafos não é autorizada. Estes últimos, na maior parte, não haviam sido aceitos pelos pais primitivos e ortodoxos da igreja, nem pelas igrejas, não sendo considerados canônicos, mas os livros apócrifos gozavam de grande estima e circulavam entre as igrejas, e tiveram nas palavras de Alexandre Souter (*The text and canon of the new testament*, Londres, Duck Worth, p.178-81), uma canonicidade temporal e local. São livros adicionais de grande valor pois: 1) Revelam os ensinamentos da igreja no primeiro século; 2) Fornecem documentação da aceitação dos 27 livros canônicos do Novo Testamento e 3) Fornecem outras informações históricas a respeito da igreja primitiva, no que concerne à sua doutrina e liturgia. São eles:

Epistola de Pseudo Barnabé (78-79 d.C.) - Esta carta, teve ampla circulação no século primeiro, foi mencionada como escritura tanto por Clemente de Alexandria, como por Orígenes. Seu estilo é semelhante ao de Hebreus, mas seu conteúdo é alegórico.

Data e autoria: Alguns têm questionado se este documento é realmente do primeiro século, atribuindo uma data mais tardia 130 d.C. Mas como disse Brooke

Foss Westcott, “Antiguidade da carta está firmemente comprovada, mas sua confiabilidade é mais que questionável.” O autor da carta é um leigo que não reivindica autoridade divina (cap. 01), e obviamente não é o Barnabé que se nomeia entre os apóstolos do novo testamento (Cf. At 14.14).

Epistola de Coríntios ou 1ª Clemente (96 d.C.) - Escrita por Clemente de Roma. De acordo com Dionísio, de Corinto, essa carta de Clemente de Roma, havia sido lida publicamente em Corinto e outros lugares, também se encontra no Códice Alexandrino (a), por volta de 450, e Eusébio nos informa que essa carta havia sido lida em muitas igrejas (história Eclesiástica, 3,16). Provavelmente o autor teria sido o Clemente mencionado em Filipenses 4.3, mas a carta não reivindica inspiração divina. O tom da carta é evangélico, mas seu espírito é sub-apostólico. Nunca houve ampla aceitação desse livro, e a igreja jamais o reconheceu como canônico.

Homilia Antiga (120-140 d.C.) - A chamada segunda epistola de Clemente havia sido erroneamente atribuída à Clemente de Roma foi conhecida e usada no segundo século. No Códice Alexandrino(a), consta no fim do Novo Testamento ao lado de 1ª Clemente e de Salmos de Salomão. Não existem evidências de que esse livro em certa época haja sido considerado canônico. Se isso aconteceu, certamente teria sido em pequena escala.

O pastor de Hermas (115-140 d.C.) - Foi o livro não canônico mais popular da igreja primitiva. Encontra-se no Códice Siriático, no sumário de Beza (D), em algumas Bíblias Latinas, sendo citado por Irineu e Orígenes como livro inspirado. Eusébio relata que este livro era lido publicamente na igreja usado como instrução na fé. O pastor de Hermas é grande alegoria cristã e, à semelhança de “O peregrino” de John Bunyan, posteriormente ficou em segundo lugar em relação aos livros canônicos em circulação na igreja primitiva. Como outro livro, sabedoria de Siriaque (eclesiástico) dentre os apócrifos do Antigo Testamento, o pastor de Hermas, tem valor ético e devocional, mas nunca foi reconhecido pela igreja como canônico. A nota do fragmento Muratori sintetiza a classificação do pastor de Hermas na igreja primitiva: *“Deve ser lido, todavia não pode ser lido na igreja para o povo nem como se estivesse entre os profetas, visto que o número destes estava completo, tampouco entre os apóstolos até o fim dos tempos”*.

O Didaque, ou ensino dos doze apóstolos (100-120 d.C.) - Essa obra também gozou de grande prestígio na igreja primitiva. Trata-se de uma coleção de

preceitos de moral cristã, orientação para o batismo e a santa Ceia, e instruções para ministros. Clemente de Alexandria e Orígenes consideravam-no como escrituras sagradas e Atanásio afirma ser ela usada na instrução e na catequese. No entanto, Eusébio o colocou entre os “escritos rejeitados”, como o fariam os primitivos pais mais importantes depois dele, e a igreja em geral. Todavia o livro tem grande importância histórica, como um elo entre os apóstolos e os pais primitivos, com suas muitas referências aos evangelhos, às cartas de Paulo e até ao Apocalipse. Entretanto, jamais foi reconhecido como canônico em nenhuma das traduções oficiais e listas produzidas pela igreja primitiva.

Apocalipse de Pedro (150 d.C.) - Trata-se de um dos mais velhos dos apócrifos não canônicos do Novo Testamento, tendo circulado em larga escala na igreja primitiva. É mencionado no fragmento Muratori, no sumário de Beza (D) e por Clemente de Alexandria. Suas imagens vividas do mundo espiritual, exerceram forte influência no mundo medieval, de que derivou o Inferno de Dante. Contém duas visões, uma do céu, outra do inferno. A igreja universal nunca o reconheceu como canônico.

Atos de Paulo e de Tecla (170 d.C.) - Mencionado por Orígenes e se encontra no sumário do Códice de Beza (D). Se despido de seus elementos mitológicos, trata-se da história de Tecla, senhora proveniente de Icônio, supostamente convertida no ministério de Paulo, segundo consta em Atos 14.1-7, muitos acreditam que esse livro traga uma tradição genuína, mas a maioria inclina-se a concordar com Adolf Von Harnack em que o livro contém forte dose de ficção e pouquíssima verdade. Esta obra jamais chegou perto de obter reconhecimento canônico.

Carta aos Laodicenses (Século IV?) - É obra forjada já conhecida por Jerônimo, a qual aparece em muitas Bíblias do Século VI ao XV. Assim observou J.B. Light Foot: “Essa carta é um punhado de frases paulinas costuradas entre si, sem nenhum elemento conector definido e sem objetivo claro” (Saint Paul’s epistols the Colossians and Philemon, Grand Rapids, Zondervan, 1965, pg. 285). Não apresenta peculiaridades doutrinárias. Sendo tão inócua quanto pode ser uma obra falsificada. Esses elementos combinam-se com o fato de haver um livro com o mesmo título, mencionado em Cl. 4:16, resultando em tal obra a vir aparecer muito mais tarde nos círculos cristãos. Ainda que o Concílio de Nicéia II (787 d.C.) tenha advertido a igreja contra esse livro chamando-o de carta forjada, ele

reaparece na época da reforma, na língua alemã e nas Bíblias Inglesas. Apesar disso, jamais obteve reconhecimento canônico.

Evangelho segundo os Hebreus (65-100 d.C.) - Provavelmente esse é o evangelho não canônico, mas antigo que exista, o qual sobreviveu apenas em fragmentos encontrados nas citações feitas por vários pais primitivos da igreja. De acordo com Jerônimo alguns os chamavam de verdadeiro evangelho, mas isto é questionável tendo em vista o fato de a obra apresentar pouquíssima semelhança com o Hebreus canônico; é livro em muitos aspectos de natureza, mais pseudépigráfico que apócrifo. Os primitivos pais da igreja o usavam mais como fonte homilética, não tendo jamais obtido categoria de um livro bíblico canônico.

Epistola de Policarpo aos Filipenses (108 d.C.) - Policarpo, discípulo do apóstolo João e mestre de Irineu, constitui elo importante com os apóstolos do I século. Ele não advogou inspiração divina para a sua obra; disse apenas que ensinava coisas que havia aprendido com os apóstolos. Há pouca originalidade nessa epistola, visto que tanto o conteúdo como o estilo foram tomados por empréstimo do Novo Testamento, de modo especial a cartas aos filipenses. Embora não canônica, a epistola de Policarpo, é fonte valiosa de informações a respeito de outros livros do Novo Testamento que ele próprio cita como canônicos.

Sete epistolas de Inácio (110 d.C.) - Essas cartas revelam familiaridade com os ensinamentos do Novo Testamento, de modo especial com as cartas de Paulo. No entanto, o estilo das cartas é mais joanina. Segundo a tradição, Inácio foi discípulo de João. Ele não reivindica para si o falar com autoridade divina... Aos Efésios, por exemplo ele escreve: “Não dou ordens a vós, como se eu fora personagem importante [...] Falo-vos como codiscípulo que sou de vós.” (Cap.3). Sem dúvida as cartas são autênticas, não, porém apostólicas, e por isso não canônicas. Os escritos genuínos do período sub-apostólico são os mais úteis sob o aspecto histórico visto que revelam o estado da igreja e o reconhecimento dos livros canônicos ao Novo Testamento.

8. Os livros pseudoepígrafos do Novo Testamento

Durante o século II e III, numerosos livros espúrios e heréticos surgiram e receberam o nome de pseudoepígrafos, ou escritos falsos. Eusébio os chamou de “totalmente absurdos e ímpios”.

A natureza dos pseudoepígrafos

Praticamente nenhum pai da igreja, nenhum cânon ou concílio declarou um desses livros como canônicos. No que concerne aos cristãos estes livros têm principalmente interesse histórico. O conteúdo deles resume-se em ensinamentos heréticos, cheios de erros gnósticos, docéticos e ascéticos. A semelhança dos pseudoepígrafos do Antigo Testamento, tais livros revelavam desmedida fantasia religiosa. Evidenciavam uma curiosidade incurável para descobrir mistérios não revelados nos livros canônicos, e exibem uma tendência doentia, mórbida de dar apoio a idiosincrasias doutrinárias mediante fraudes piedosas. Haveria, talvez um resquício de verdade por dentro das fantasias apresentadas; todavia, os pseudoepígrafos precisam ser totalmente “demitizados” à fim de que se descubra a verdade.

O número dos pseudoepígrafos

O número exato desses livros é difícil de apurar. Fótió, por volta do século XIX havia relacionado cerca de 250 obras. Segue uma relação dos pseudoepígrafos mais importantes e das tradições a eles relacionadas:

Evangelhos:

- O evangelho de São Tomé (Séc. I). É uma visão gnóstica dos supostos milagres da infância de Jesus.
- O evangelho dos Ebionitas (Séc. II). É uma tentativa gnóstica-cristã de perpetuar as práticas do Antigo Testamento.
- O evangelho de Pedro (Séc. II). É uma falsificação gnóstica e docética.
- O protoevangelho de Thiago (Séc. II). É uma narração que Maria faz do massacre dos meninos pelo rei Herodes.
- O evangelho dos egípcios (Séc. II). É um ensino ascético contra o casamento, contra a carne e contra o vinho.
- Evangelho arábico da infância. Registra os milagres que Jesus teria praticado na infância, no Egito, e a visita dos magos de Zoroastro.
- O evangelho de Nicodemos (Séc. II ou V). Contém os atos de Pilatos e a descida de Jesus.
- O evangelho do carpinteiro José (Séc. IV). É o escrito de uma seita monofisista que glorificava a José.
- A história do carpinteiro José (Séc. V). É a versão monofisista da vida de José.

- O passamento de Maria (Séc. IV). Relata a assunção corporal de Maria e mostra os estágios progressivos de adoração a Maria.
- O evangelho da natividade de Maria (Séc. VI). Promove a adoração de Maria e forma à base da lenda de ouro, livro popular no século XIII sobre a vida dos Santos.
- O evangelho de um Pseudo Mateus (Séc. V). Contém uma narrativa sobre a visita que Jesus fez ao Egito e sobre alguns milagres do final de sua infância.
- O evangelho dos doze, de Barnabé, de Bartolomeu, dos Hebreus, de Marcião, de André, de Matias, de Pedro, de Filipe.

Atos:

- Os atos de Pedro (Séc. II). Contém a lenda seguindo a qual Pedro teria sido crucificado de cabeça para baixo.
- Os atos de João (Séc. II). Mostra a influência dos ensinamentos gnósticos e docéticos.
- Os atos de André. É uma história gnóstica de prisão e da morte de André.
- Os atos de Tomé. Apresentam a missão e o martírio de Tomé na Índia.
- Os atos de Paulo, Apresentam em Paulo de pequena estatura, de nariz grande, de pernas arqueadas, e calvo.
- Os atos de Matias, de Filipe, de Tadeu.

Epístolas:

- A carta atribuída a nosso Senhor. É um suposto registro da resposta dada por Jesus ao pedido de cura de alguém, apresentado pelo Rei da Mesopotâmia. Diz o texto que o Senhor enviaria alguém depois de sua ressurreição.
- A carta perdida aos Coríntios (Séc. II e II). É uma falsificação baseada em 1ª Co 5.9, que se encontrou numa Bíblia Armênia do século V.
- As seis cartas de Paulo a Sêneca (Século IV). É uma falsificação que recomenda o cristianismo para os discípulos de Sêneca.
- Carta de Paulo aos Laodicenses. É uma falsificação baseada em Cl 4.16. Também relacionada entre os apócrifos.

Apocalipse:

- Apocalipse de Pedro (Também relacionado entre os apócrifos).
- Apocalipse de Paulo.
- Apocalipse de Tomé.
- Apocalipse de Estevão.
- Apocalipse de Messos.
- Segunda Apocalipse de Tiago.
- Apocalipse de Dositeu.



Obra de cunho gnóstica, descobertas em 1946 em Nage Hammade, No Egito.

Outras obras:

- O livro secreto de João.
- Tradições de Matias, diálogo do Salvador.

9. Livros disputados do Novo Testamento

De acordo com o historiador Eusébio, houve sete livros cuja autenticidade foi questionada por alguns pais da igreja, e por isso não haviam obtido reconhecimento universal por volta do séc. IV. Os livros suspeitados foram: Hebreus, Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, Judas e Apocalipse.

Natureza do Questionamento:

Hebreus - Foi basicamente a anonimidade do autor que suscitou dúvidas sobre Hebreus. Visto que o autor não se identifica e não afirma ter sido um dos apóstolos (Hb 2.3), o livro permaneceu sob suspeição entre os cristãos do Oriente, que não sabiam que os cristãos do Ocidente o haviam aceitado como inspirado e autorizado. Outro fato, foram os montanistas heréticos terem recorrido a Hebreus em apoio a algumas de suas concepções errôneas, fez demorar sua aceitação nos círculos ortodoxos. Ao redor do séc. IV, no entanto sob a influência de Jerônimo e de Agostinho, a carta aos Hebreus encontrou seu lugar permanente no cânon. O fato de o autor de Hebreus ser anônimo deixou aberta a questão de sua autoridade apostólica. A igreja ocidental aceitou o livro de Hebreus como de autoria Paulina, o que evidentemente resolveu a questão. D'outra sorte, o teor do livro é confiável, assim como sua reivindicação de ter autoridade divina (cf. Hb 1.1,2,3,4; 13.22).

Tiago - Foi questionada tanto a autoria como a veracidade do livro. O autor Tiago, não era apóstolo. Os primeiros leitores e os que lhe seguiram puderam atestar que Tiago era do círculo apostólico, o irmão de Jesus (Cf. At 15; Gl 1). Todavia a igreja ocidental não teve acesso à essa informação original. Também havia o problema do ensino a respeito da justificação e das obras, como Tiago o apresenta em sua carta. O aparente conflito com o ensino de Paulo acerca da justificação pela fé, representou em peso contra Tiago. Até Martinho Lutero chegou a chamar Tiago de carta de "Palha", colocando-a no fim do Novo Testamento. No entanto, os esforços de Orígenes, de Eusébio, de Jerônimo e Agostinho, a Apostolicidade e veracidade dessa carta vieram a ser reconhecidas pela igreja ocidental.

2ª Pedro - A carta mais questionada do Novo Testamento, talvez como afirmou Jerônimo pela dessemelhança de estilo com a primeira carta do apóstolo. Não obstante isso, existem amplas razões para incluir 2ª Pedro entre os livros canônicos. Willian F. Alfrigth, chama a atenção para as similaridades com a literatura do Qumran, data Pedro anteriormente a 80 d.C. Isso significa que a carta não é uma fraude forjada no segundo século, mas se originou no período apostólico. O papiro Bodmer (p⁷²) recentemente descoberto contém uma cópia de 2ª Pedro oriunda do Egito, no século III. Isso prova que 2ª Pedro estava sendo usada com muito respeito pelos cristãos coptas, em época bem primitiva. Clemente de Roma, bem como a obra Pseudo Barnabé, dos séculos I e II respectivamente citam 2ª Pedro. Temos também os testemunhos de Orígenes, Eusébio, Jerônimo e Agostinho, dos séculos III e IV. Finalmente, há evidências internas a favor da confiabilidade de 2ª Pedro. Há na carta características e interesses doutrinários notadamente petrinos. As diferenças de estilo podem ser explicadas facilmente, por causa do emprego de um escriba em 1ª Pedro o que não ocorreu em 2ª Pedro.

2ª e 3ª João - Foram questionadas quanto à autenticidade. O escritor se identifica apenas com “presbítero”, por causa desse anonimato e de sua circulação limitada, as cartas não gozaram de ampla aceitação. Policarpo e Irineu haviam aceitado 2ª João. O Cânon Muratori e a antiga latina continha ambas, a semelhança no estilo e mensagem com 1ª João, que havia sido amplamente aceitas, mostrou ser óbvio que as outras duas vieram do apóstolo João também (Cf. 1ª Jo 1-4). O termo presbítero designa mais afetuosidade que apóstolo. O primeiro designo, o ofício, o cargo que ocupavam, o segundo o dom que havia recebido.

Judas - A confiabilidade foi questionada por alguns, por causa das referências às obras pseudoepígrafas (Enoque, Jd14,15 e numa possível Assunção de Moisés Jd 9). Entretanto, Judas foi suficientemente reconhecida pelos primeiros pais da igreja. Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e o Cânon Muratori aceitaram a confiabilidade desse livro. A citação dos pseudoepígrafos significa apenas a citação de um fragmento de verdade encravada naqueles livros.

Apocalipse - Foram levantadas dúvidas quanto a sua confiabilidade a doutrina do milênio em Apocalipse 20, foi o ponto central da controvérsia, que chegou até

fins do século IV. Contudo o Apocalipse foi um dos primeiros livros a ser reconhecido entre os escritos dos primeiros pais da igreja. Todavia, quando os montanistas agregaram seus ensinamentos heréticos ao Apocalipse, no século III. A aceitação definitiva acabou sendo mais demorada. Mas essa influência se desvaneceu quando, Atanásio, Agostinho e Jerônimo ergueram-se em defesa do Apocalipse, que estava sendo mal utilizado pelas seitas heréticas, embora tenha saído das penas do apóstolo João e não dentre os hereges. Finalmente o Apocalipse encontrou lugar definitivo no cânon sagrado.

Exercícios

1. Definir o que significa o termo “cânon”

2. Definir alguns usos eclesiásticos do termo Cânon pelos pais da Igreja:

3. Qual a distinção entre a canonicidade de um livro da Bíblia e sua autoridade?

4. Quais os passos que revelam a origem e desenvolvimento do cânon?

5. Quais os estágios de canonização do Antigo Testamento, segundo H. E. Ryle?

6. O cânon hebraico está dividido empartes, sendo:

- a. _____
- b. _____
- c. _____

7. Quais os livros que formam as 3 divisões do cânon hebraico?

a. lei: _____

b. profetas: _____ e os

c. os escritos ou Hagiógrafos:

O grupo inteiro é mencionado em Lc 24.44 como:

8. Como foi o processo de formação do cânon do Antigo Testamento e qual foi o papel da autoridade eclesiástica?

9. Quais são os critérios que determinam a canonicidade ou canonização de um livro?

1. _____

2. _____

3. _____

10. Segundo o historiador Josefo, quais são as principais características da teoria dos judeus sobre o cânon?

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____

11. Quais outros princípios estabelecidos pelos judeus para os livros figurarem no cânon do Antigo Testamento?

- a _____
- b _____
- c _____

12. Quais livros que compunham a Bíblia Samaritana?

13. Como surgiu a Septuaginta?

14. O que ficou definido no concílio de Jamnia no ano 90 d.C.?

19.Descrever a forma mais primitiva do evangelho:

20.Qual foi o tempo de formação dos 27 livros que compõem a forma atual do Novo Testamento?

21.Qual é o evangelho mais antigo? E qual a data possível?

22.Definir as seguintes questões quanto à origem dos escritos de Mateus à Apocalipse:

Quem escreveu o livro? (Autoria)

De onde o livro foi escrito?

Quando o livro foi escrito? (data)

Para quem o livro foi escrito? (destinatários)

Por que o livro foi escrito?



Lined writing area consisting of 30 horizontal black lines.

24. Como foi a compilação e o reconhecimento progressivo dos livros canônicos?

25. Resumir o processo de seleção dos livros fidedignos do Novo Testamento.

26. Qual a importância da leitura dos livros autorizados no processo de canonização do Novo Testamento?

27. Qual a importância do processo de circulação e compilação dos livros entre as igrejas, no processo de canonização do Novo Testamento?

28. Quando se definiu o cânon do Novo Testamento?

29. Qual é o valor dos livros apócrifos do Novo Testamento?

30. Quais são os livros considerados apócrifos no Novo Testamento? Citar data possível de composição e resumir seu conteúdo

31. Qual é a natureza dos livros pseudoepígrafos?

32. Quantas obras pseudoepígrafas foram relacionadas por Fotio por volta do séc. XIX.

VI

A TRANSMISSÃO DA BÍBLIA

VI. A TRANSMISSÃO DA BÍBLIA

1. Introdução

Os dois elos da cadeia de Deus vinda para nós são: A *inspiração*, que envolvia a outorga e o registro da revelação de Deus para o homem mediante os profetas. A *canonização*, que envolvia o reconhecimento e a compilação dos registros proféticos pelo povo de Deus. O terceiro elo, conhecido como *transmissão da Bíblia*, consistiu no processo de cópias e tradução dos livros a fim de poder compartilhar esses registros com os novos crentes e com as gerações futuras. Sem incluir o Antigo Testamento, a Bíblia vem passando por quase 2.000 anos de transmissão. Deve-se considerar ainda que antes da invenção da imprensa há 550 anos, cada exemplar da Bíblia tinha que ser escrito individualmente à mão. O processo era vagaroso, dispendioso e nem sempre de muita precisão. A Bíblia em português, de que dispomos hoje é resultado de uma longa história de tradição e transmissão das escrituras.

Pode se perguntar: A Bíblia sofreu danos no processo de transmissão? A ciência da crítica textual, que compreende as línguas e materiais, bem como as evidências documentais dos próprios manuscritos respondem a esta questão.

2. A Importância das línguas escritas.

Várias alternativas estavam abertas diante de Deus para comunicar suas verdades dos homens (Hb 1.1). Por exemplo: Deus usou os anjos (cf. Gn 18.19; Ap 22.8-21), O lançar sorte, além do Urim e Tumim, também foi empregado a fim de saber a vontade de Deus (At 1.26; Ex 28.30; Pv 16.33). Deus também fala através da consciência (Rm 2.15) e da criação (Sl 19.1-6). Além disso, Deus usou vozes audíveis (1ª Sm 3) e milagres diretos (Jz 6.36-40).

Não obstante, todas essas formas sofriam algum tipo de limitação ou deficiência. Enviar um anjo para que entregasse cada mensagem de Deus a cada ser humano, em cada situação, ou empregar vozes audíveis e milagres diretos, tudo isso seria difícil de administrar e repetitivo. Lançar sorte, ou a simples resposta negativa ou positiva através do Urim e do Tumim eram limitados demais, em comparação com outros vínculos de comunicação de massa com maior amplitude e melhores recursos, sendo capaz de prover discussões minuciosas. Outros meios de comunicação como visões, Sonhos, as vozes da consciência ou da emoção, em certas ocasiões poderiam se tornar subjetivas e sofrer as influências da distorção cultural e até da corrupção. Aqui, é que se sobressaíram as vantagens da comunicação escrita.

Vantagens da linguagem escrita.

Precisão na comunicação: Para que um pensamento seja captado e expresso por escrito é preciso que ele tenha sido claramente entendido pelo autor. O leitor, por sua vez, pode entender com mais precisão um pensamento que lhe tenha sido comunicado mediante a palavra escrita. Visto que os conhecimentos entesourados pelo ser humano, até o presente, têm sido preservados na forma de registros escritos e de livros pode-se compreender, porque Deus escolheu este processo a fim de comunicar-nos sua verdade.

Permanência dos escritos: A linguagem escrita, constitui-se um meio pelo qual se pode preservar o pensamento ou expressão, sem que o percamos por esquecimento, vacilação ou por intrusão em outras áreas. Além disso, o registro escrito estimula a memória do leitor e instiga sua imaginação. As palavras são maleáveis e permitem o enriquecimento pessoal do leitor (Cf. Ap 1.3).

Objetividade: A transmissão de uma mensagem por escrito também tende a torná-la mais objetiva, tem um caráter definitivo que transcende a subjetividade de cada leitor, o que complementa a precisão e a permanência da mensagem transmitida. E mais, a palavra escrita, combate às más interpretações, as versões e a má transmissão das mensagens.

Disseminação: A linguagem escrita tem uma capacidade de disseminação e propagação, que é uma vantagem sobre os demais meios de comunicação. Independentemente do cuidado com que se processa uma transmissão oral, sempre existe uma probabilidade³⁰ maior de corrupção e alteração das palavras utilizadas em relação à comunicação escrita. Em resumo a tradição oral tende à sofrer corrupção, ao invés de preservar uma mensagem. Na disseminação de sua revelação à humanidade, de um modo especial, às gerações futuras. Deus escolheu um modo mais exato de transmitir sua palavra.

3. As línguas bíblicas em particular.

As línguas usadas no registro da revelação de Deus, a Bíblia, vieram de línguas semíticas e indo-européias. Da família semítica, se originaram as línguas básicas do Antigo

³⁰ Probabilidade: Possibilidade, indício.

Testamento, qual seja o hebraico e o aramaico (Siríaco). Além dessas línguas, o latim e o grego representam a família indo-européia. De modo indireto, os fenícios exerceram um papel importante na transmissão da Bíblia, ao criar o veículo básico que fez linguagem escrita menos complicada de que havia sido até então: inventaram o alfabeto.

As línguas do Antigo Testamento - O aramaico era a língua dos sírios, tendo sido usada em todo o período do Antigo Testamento. Durante o século VI a.C., o aramaico se tornou a língua geral em todo o oriente próximo. Seu uso generalizado se referiu aos nomes geográficos e nos textos bíblicos de Esdras 4.7; 6.8; 7.12-26 e Daniel 2.4-7,28. O hebraico a língua principal do Antigo Testamento, especialmente adequada para a tarefa de criar uma ligação entre a biografia do povo de Deus e o relacionamento do Senhor com esse povo. O hebraico encaixou-se bem nesta tarefa porque é uma língua pictórica. Expressa-se mediante metáforas vividas e audaciosas capazes de desatar e dramatizar a narrativa dos acontecimentos, além disso, o hebraico é uma língua pessoal, apela diretamente ao coração e às emoções, e não somente à mente e a razão. É uma língua em que as mensagens são mais sentidas que meramente pensadas.

A língua do Novo Testamento - As línguas semíticas também foram usadas na redação do Novo Testamento. Na verdade Jesus e seus discípulos falavam o aramaico, sua língua materna, tendo sido essa língua falada por toda a Palestina na época (cf. Mt 27.46). O hebraico fez sentir mais sua influência mediante expressões idiomáticas³¹ que mediante declarações da natureza que Jesus falou por ocasião de sua crucificação. Uma dessas expressões idiomáticas do hebraico traduzidas em português de diversas maneiras e “e sucedeu que”. Outro exemplo de influência hebraica, no texto grego, está no emprego de um segundo substantivo, em vez de um adjetivo, a fim de atribuir uma qualidade a algo ou a alguém. Como exemplo a expressões: “obra da vossa fé, do vosso trabalho de amor, e de nossa firmeza de esperança” (1ª Ts 1.3). Além das línguas semíticas, temos o latim e o grego a influenciar o Novo Testamento. O latim influenciou o emprego de muitas palavras como “centurião”, “tributo” e “legião” e pela inscrição trilingüe na cruz (em latim, em hebraico e grego). Entretanto, a língua em que se escreveu o Novo testamento foi o grego Koinê, mais conhecida em

³¹ Idiomática: Refere-se a idioma, língua, linguagem, dialeto.

todo o mundo no primeiro século. O grego do Novo Testamento adaptou-se de modo adequado à finalidade de interpretar a revelação de Cristo em linguagem teológica. Tinha recursos lingüísticos especiais para essa tarefa por ser um idioma intelectual. Era o idioma de mente, mais do que do coração, e os filósofos atestam isso amplamente. O grego tem a precisão técnica não encontrada no hebraico, além de ser uma língua quase universal.

A preparação e preservação dos manuscritos

Os escritos originais autênticos, saídos das mãos de um profeta ou apóstolo, ou de um secretário ou amanuense, sempre sob a direção do homem de Deus, eram chamados autógrafos. Esses não existem mais. Por essa razão, precisaram ser reconstituídos a partir de manuscritos e versões primitivas do texto da bíblia. Tais manuscritos oferecem evidências tangíveis e importantes da transmissão da bíblia para nós por parte de Deus.

A preparação dos manuscritos.

Antigo testamento - As partes mais velhas do Antigo Testamento provavelmente foram escritas no sistema hebraico de origem fenícia. Essa forma de escrever foi a primeira a empregar um alfabeto em que a escrita ficou reduzida à combinação de 20 símbolos. Não existem todavia manuscritos que teriam sido produzidos antes do cativeiro babilônico (586 A.C.), mas houve uma verdadeira avalanche de cópias das escrituras que datam da era do Talmude (300 a.C. à 500 d.C.). Durante este período surgiram dois tipos de cópias: Rolos das sinagogas e cópias particulares, os primeiros eram considerados cópias sagradas do texto do antigo testamento por causa das regras rigorosas que cercavam sua extensão, tais cópias eram usadas em cultos, reuniões públicas e nas festas anuais. Um rolo separado, continha o torah (lei), parte dos Nebhiim (profetas) vinham em outro rolo. Os Kethubhim (escritos) em outros dois rolos e os megilloth (cinco rolos), em cinco rolos separados. Os megilloth sem dúvida eram escritos em rolos separados a fim de facilitar a leitura nas festas anuais. As cópias particulares eram consideradas comuns do texto do antigo testamento, não usadas em reuniões públicas. Esses rolos eram preparados com grande cuidado, ainda que não fossem controladas pelas regras que regiam a confecção das cópias das sinagogas.

Novo Testamento - Os autógrafos do Novo Testamento desapareceram há muito tempo, mas existem ainda muitas evidências que garantem a suposição de que tais documentos teriam sido escritos em rolos e em livros feitos de papiro. Paulo mostrou

que o Antigo Testamento havia sido copiado em livros e em pergaminhos (2ª Tm 4.13), mas é provável que o Novo Testamento tenha sido escrito em rolos de papiro entre os anos 50 e 100 d.C. Por volta do começo do século II, introduziram-se códices de papiro, mas estes também eram perecíveis. Com a chegada das perseguições dentro do império Romano, as escrituras passaram a correr perigo de extinção, e já não foram copiadas sistematicamente até a época de Constantino. Com a carta de Constantino à Eusébio de Cesaréia, as cópias do Novo Testamento se iniciaram no ocidente à partir de então, o velino e o pergaminho também foram empregados nas cópias manuscritas do Novo Testamento. Só na era da reforma é que as primeiras cópias impressas da Bíblia se tornaram disponíveis.

4. Textos e Manuscritos da Bíblia.

Manuscritos

Manuscrito vem do latim, *manus*: “mão” e *scriptus*: “escrita” a saber, um documento “escrito a mão”. Essa palavra como aplicada hoje é restrita àquelas cópias da Bíblia feitas no mesmo idioma em que em que foram originalmente escritas.

Os originais escritos pelas mãos de um profeta ou apóstolo ou de um amanuense (sempre sob a supervisão do homem de Deus), eram chamados de *autógrafos*. Eles não existem mais e, por essa razão, precisaram ser reconstituídos com base em manuscritos antigos das Escrituras.

Na ocasião em que a Bíblia veio a ser impressa, em 1445 d.C. havia mais de 2.000 manuscritos nas mãos de certos letrados, todavia, todos incompletos. Atualmente, há cerca de 4.000 manuscritos das Escrituras. Segundo Antonio Gilberto³² algumas causas que levaram ao desaparecimento dos manuscritos:

- O costume dos judeus de enterrar todos os manuscritos estragados pelo uso ou qualquer outra coisa. Isto para evitar mutilação ou interpolação espúria;
- Os reis idólatras e ímpios de Israel podem ter destruído muitos manuscritos ou contribuído para isso (Jr 36.20-26).
- O monstro, Antíoco Epifânio, rei da Síria (175 a.C. – 164 a.C.), dominou a Palestina durante seu reinado. Foi extremamente cruel, sádico e tinha prazer em aplicar torturas. Decidiu exterminar a religião judaica e assolou Jerusalém em 168

³² GILBERTO, A. Silva – Educador, jornalista, teólogo, autor de best-sellers e articulista, e como uma referência na área de Escola Dominical e de Teologia Pentecostal no país. Faz esta citação em seu livro: *A Bíblia através dos séculos* – Rio de Janeiro – CPAD, 1995

a.C. profanando o Templo e destruindo todas as cópias que achou das sagradas Escrituras;

- Nos dias do feroz imperador Diocleciano (284 d.C. – 305 d.C.), os perseguidores dos cristãos destruíram quantas cópias acharam das Escrituras. Durante dez anos, Diocleciano mandou vasculhar o Império para destruir os Escritos Sagrados. Ele chegou a julgar que tivesse destruído tudo, pois mandou cunhar uma moeda comemorando tal “*vitória.*”

Nos tratados sobre a Bíblia, a palavra *manuscrito* é sempre indicada pela abreviatura mS, no plural: mSS ou mSs.

Classificação dos Manuscritos

Os manuscritos estão divididos em duas classes:

- a. Unciais** (do latim *uncia* – polegada) – São assim chamados por serem escritos em letras maiúsculas, sem separação de palavras, como se escrevêssemos GOSTODEPASSEARNOPARQUE. Trata-se dos manuscritos mais antigos;
- b. Cursivos** – Receberam esse nome por serem escritos com letras cursivas ou “*a mão*” e são escritos em letras minúsculas, mais comum no grego, também com palavras ligadas entre sí.

Dos 4.500 manuscritos existentes hoje, cerca de 300 são Unciais e os restantes, cursivos.

Textos e manuscritos do Antigo Testamento

O Antigo Testamento, é formado pela literatura escrita ao longo do período de 1000 anos, sendo que as partes mais antigas datam do século XII a.C., ou até possivelmente antes. Até recentemente, só uns poucos manuscritos hebraicos do Antigo Testamento eram conhecidos. Aliás, antes dos manuscritos Cairo Geneza, em 1890, só 731 manuscritos hebraicos haviam sido publicados.

Manuscritos básicos da Bíblia hebraica moderna

A mais respeitada edição da Bíblia Hebraica, que se tem hoje é a Bíblia Hebraica editada por R. Kittel, está baseada nos seguintes manuscritos:

- Manuscrito códice do Cairo códice Caiota 895 d.C. É o mais antigo manuscrito dos profetas que se conhece.
- O códice de Leningrado dos profetas ou códice Babilônico dos profetas posteriores, também conhecidos como códice de São Petersburgo – 916 d.C.
- Códice Aleppo – 930 d.C. – Um manuscrito inteiro de todo o Antigo Testamento, que foi parcialmente queimado numa sinagoga em 1948.

-
- O códice de Leningrado de todo o Antigo Testamento – 108 d.C. É o maior e o mais completo manuscrito do Antigo Testamento.
 - Os fragmentos de Geniza – Durante a reconstrução da Velha Sinagoga do Cairo (Egito) em 1890, cerca de 200.000 fragmentos de escritos bíblicos e outros escritos foram desenterrados para evitar o uso indevido de um manuscrito que continha o nome sagrado, os Judeus colocavam os manuscritos estragados em uma Geniza (esconderijo) até que fossem destruídos pelo aterramento. Esta prática explica porque muitos dos manuscritos não sobreviveram. Os fragmentos de Geniza do Cairo são datados dos séculos 6 a 9 d.C.
 - O papiro de Nash W.L. Nash, em 1902, comprou no Egito numa folha de papiro que continha uma cópia dos 10 Mandamentos de Ex 20.2 e Rt 6.4. A coleção breve dos textos foi provavelmente usada com propósitos litúrgicos ou educacionais. Albright datou-a no período dos Macabeus. Outros eruditos como sendo de um período posterior.

O Texto Massorético

A história do texto massorético é um relato em si mesmo significativo. Esse texto da Bíblia inteira é o mais completo que existe. Forma a base para nossas modernas Bíblias Hebraicas e é o protótipo pela qual todas as comparações são feitas no Estudo Textual do Antigo Testamento. É chamado massorético porque, sua presente forma, foi baseada na Massora, tradução textual dos eruditos judeus conhecidos como massoretas de Tiberíades (local dessa comunidade no mar morto). Os massoretas cuja escola da erudição prosperou entre 500 a 1000 a.C. padronizaram o texto consonantal³³, adicionando pontos vocálicos e notas marginais (o Antigo Alfabeto Hebraico não tinha vogais). O manuscrito data do ano 100 d.C.

Os rolos do Mar Morto

Essa grande descoberta ocorreu em março de 1947, quando um juvenzinho árabe. (Muhammad Ach Dhib) estava perseguindo uma cabra perdida nas grutas, a doze quilômetros ao sul de Jericó e um e meio quilometro a oeste do mar Morto. Numa das grutas ele descobriu umas jarras que continham vários rolos de couro. Entre esse dia e fevereiro de 1956, onze grutas que continham rolos e fragmentos de rolos foram escavadas próximas a Qumram. Nessas grutas, os essênios, seita religiosa judaica que existiu por volta da época de Cristo, haviam guardado sua biblioteca. Somando tudo, os

³³ Consonantal: Referentes às consoantes.

milhares de fragmentos de manuscritos constituíram os restos de seiscentos manuscritos. Os manuscritos que trazem o texto do Antigo Testamento são os de mais interesse.

A Gruta 1 - Descoberta pelo jovem árabe, continha sete rolos mais ou menos completos e alguns fragmentos, dentre os quais, o mais antigo envio que se conhecia da Bíblia (Isaias A), um manual de disciplina, um comentário de Habacuque, um apócrifo de Gênesis, um texto incompleto de Isaias (Isaias B), a regra de guerra e cerca de 30 hinos de ação de graça.

Na Gruta 2 - Foram encontrados outros manuscritos, essa gruta havia sido descoberta por beduínos que roubaram alguns artigos. Descobriram-se fragmentos de cerca de 100 manuscritos; nenhum desses achados, porém, foi tão espetacular como o que se descobriu nas demais grutas.

Na Gruta 3 - Foram achadas duas metades de um rolo de cobre que dava instruções sobre como achar sessenta ou mais lugares que continham tesouros escondidos, a maior parte em Jerusalém ou em seus arredores.

Na Gruta 4 - (da perdiz), a mais produtiva de todas, milhares de fragmentos foram recuperados e reconstituídos. Um fragmento de Samuel que se encontrou aqui é tido como o mais antigo trecho de hebraico bíblico, pela data do século IV antes de Cristo.

Na Gruta 5 - Acharam alguns livros bíblicos e outros apócrifos em adiantado estado de deterioração.

A Gruta 6 - Revelou a existência de mais fragmentos de papiro que de couro.

As Grutas 7 a 10 - Forneceram dados de interesse à arqueologia, não do assunto que estamos empreendendo.

A Gruta 11 - Foi a última a ser escavada e explorada no começo de 1956. Ali se encontrou uma cópia do texto de alguns salmos, inclusive o salmo apócrifo 151, que até essa data só era conhecido em textos gregos. Encontrou-se ainda em rolo muito fino que continha parte de Levítico e um targum (paráfrase) aramaico de Jó.

Estimulados por essas descobertas originais, os beduínos insistiram nas buscas e descobriram outras grutas a sudoeste de Belém. Aqui em Murabba'at, descobriram alguns manuscritos que traziam a data e alguns documentos da 2ª revolta judaica (132-135 d.C.). Esses dois documentos ajudaram a confirmar a antiguidade dos rolos do Mar Morto. Descobriu-se também, outro rolo dos profetas menores (de Joel e Ageu), cujo texto aproxima muito do Texto Massorético. A natureza e o número dessas descobertas

do Mar Morto produziram as seguintes conclusões gerais a respeito da integridade do Texto Massorético. Os rolos fornecem espantosa confirmação da fidelidade do Texto Massorético. O período geral no qual os manuscritos do Mar Morto podem ser datados com toda segurança é o compreendido entre 150 a.C. a 68 d.C.

O Pentateuco Samaritano

O Pentateuco samaritano não é uma tradução ou versão do Antigo Testamento, mas um manuscrito hebraico antigo, contendo cinco livros da lei. O Pentateuco Samaritano resultou noutra tradução textual da lei, e sua comparação com o Texto Massorético é valiosa. Ele contém aproximadamente 6.000 variações do Texto Massorético, todavia insignificantes.

A Septuaginta

É a tradução grega do Antigo Testamento, feita por 72 eruditos judeus, daí a origem do nome Septuaginta (70), completada no ano 150 a.C. A Septuaginta, aparentemente foi usada por Jesus e pelos apóstolos. A maioria das citações do Antigo Testamento é extraída da mesma.

Outras versões gregas

Áquila - um prosélito, discípulo do rabino Akba, faz uma nova tradução do Antigo Testamento por volta do ano 130 d.C. Seguindo seu feito de mestre, Áquila produziu uma tradução extremamente literal, chegando muitas vezes a transmitir de modo precário as informações em grego. Esta versão alcançou extensa aceitação entre os judeus.

Símaco - fez uma nova tradução em aproximadamente 170 d.C., projetada não apenas para ser exata, mas também para transmitir bem as idéias no idioma grego. Teodociano, um prosélito judeu do fim do segundo século, produziu uma terceira versão grega. Aparentemente, sua versão era uma edição revista de uma anterior grega, possivelmente a Septuaginta.

A hexapla de Orígenes - O teólogo cristão Orígenes, organizou o Antigo Testamento em seis versões paralelas constando:

- O texto hebraico;
- O texto hebraico em letras gregas (uma transliteração)
- O texto grego de Áquila.
- O texto grego de Símaco.
- A Septuaginta.
- O texto grego de Teodociano.

Infelizmente somente uns poucos fragmentos sobreviveram dessa maravilhosa compilação.

Os Targuns Aramaicos

Eram traduções do Antigo Testamento em hebraico para o culto nas sinagogas. O velho targum palestino do Pentateuco é conhecido 9º século. “O targum Onkelos do Pentateuco” e o “targum Jonathan dos profetas”, tornaram oficiais pelo século 5 d.C.

Versão Siriaca - A igreja Síria requereu uma tradução simples do Antigo Testamento em aramaico sírio, que é um dialeto do aramaico na palestina. A Bíblia Síria, é conhecida pelo nome de Peschitta, que significa tradução simples. A tradução foi feita provavelmente na metade do 1º século d.C.

As versões Latinas

O latim era o idioma dominante nas regiões ocidentais do império Romano desde muito antes dos dias de Jesus. Foram nas regiões do Sul da Gália e na África do Norte que apareceram as primeiras traduções da Bíblia em latim. Em cerca de 160 d.C. Tertuliano usou uma das versões das escrituras em latim. A versão em latim antigo era uma tradução da Septuaginta. Depois que a versão latina, a vulgata foi completada por Jerônimo, o texto mais primitivo caiu em desuso. A tradução de Jerônimo da vulgata ocorreu no período entre 390 a 405 d.C.

Os manuscritos do Novo Testamento

A integridade do Antigo Testamento, foi confirmada em primeiro lugar pela fidelidade do processo de transmissão, posteriormente confirmada pelos rolos do Mar Morto. D’outra sorte, a fidelidade do texto do Novo Testamento baseia-se na multiplicidade de manuscritos existentes.

E fato que do Antigo Testamento, restaram alguns manuscritos completos, todos muito bons; mas do Novo Testamento, possuímos muito mais cópias, em geral de qualidade precárias.

Os manuscritos em papiro - Datam dos séculos II e III, quando o Cristianismo ainda era ilegal e as escrituras sagradas eram copiadas em materiais dos mais barato possível. Existem cerca de 26 manuscritos do Novo Testamento em papiro. O testemunho desses manuscritos, é valiosíssimo, visto que surgiram no alvorecer do segundo século. Apenas uma geração dos autógrafos originais, e contém a maior parte do Novo Testamento. Os mais importantes são:

- P.52 ou fragmento de John Rylands (117-138 d.C.) É o mais antigo e genuíno que se conhece. Traz um trecho do Novo Testamento, foi escrito de ambos os lados e traz partes de 5 versículos do Evangelho de João (18.31-33,37,38).
- P.45, P.46 e o P.47, os papiros Chester Beatty (250-290 d.C.) consistem de 3 (três) códices que abrangem a maior parte do Novo Testamento. P. 45, compreende 30 folhas de um códice de papiro que contém os evangelhos e Atos. O P.46 traz a maior parte das cartas de Paulo, bem como Hebreus, faltando algumas partes de Romanos, 1ª Tessalonicenses e 2ª Tessalonicenses e o P.47, contém partes do apocalipse.
- P.66, P.72 e o P.75, os papiros Bodmer (175-225 d.C.) compreendem a mais importante descoberta de papiros do Novo Testamento. O P.66 data de 200 d.C., contém algumas porções do evangelho de João. O P. 72 é a mais antiga cópia de Judas e de 1ª e 2ª Pedro que se conhece, data do século III e contém vários livros, alguns canônicos, outros apócrifos. O P.75 contém Lucas e João em unciais cuidadosamente impressos com toda clareza; data de 175 a 225 d.C. Por isso é a mais antiga cópia de Lucas que se tem notícia.

Os manuscritos em velino e pergaminho.

Os mais importantes manuscritos do Novo Testamento, são considerados em geral os grandes unciais. O grego era escrito em letras maiúsculas. Escritos em velino e em pergaminho, nos séculos IV e V d.C. Existem cerca de 297 desses manuscritos unciais. Os mais importantes são :

O Códice do Vaticano (B) - Talvez o mais antigo uncial em velino ou em pergaminho (325-350) sendo uma das mais importantes testemunhas do texto do Novo Testamento. Está na biblioteca do vaticano. Foi desconhecido dos estudiosos bíblicos até depois de 1475. Foi publicado pela primeira vez em 1889-1890 em fac-símile fotográfico. Contém a maior parte do Antigo Testamento grego (LXX), o Novo Testamento grego e os livros apócrifos com algumas omissões. Faltam também nesse códice Gênesis 1.1-46-28, 2ª Rs 2.5-7-10-13; Salmos 106.27; 138.6, bem como Hb 9.14 até o fim do Novo Testamento, Marcos 16.9-20 e Jo 7.58; 8.11 – foram omitidos do texto de propósito. O texto todo foi escrito em unciais pequenos e delicados, sobre velino fine.

O códice sinaitico ou \aleph ou Alefe - Este manuscrito grego do século IV (350 d.C.), foi descoberto pelo conde alemão Constantino Von Tischendorf, em 1894, ao tirar 43 folhas de velino de um cesto de fragmentos usados pelos monges para acender fogueiras. Estas eram partes de um exemplar da versão Septuaginta do Antigo Testamento, escrito na forma antiga uncial (letras gregas manuscritas). Em sua terceira viagem ao mosteiro em 1859, conseguiu o códice contendo o único exemplar conhecido e completo do Novo Testamento grego, exceto Mc 16.19-20 e Jo 7.58; 8.11. A maior parte do Antigo Testamento em escrita uncial (letras maiúsculas), todos os livros apócrifos. Em 1933 o governo inglês comprou o códice sinaitico por cem libras esterlinas.

O códice Alexandrino (A) - É um manuscrito do século V, muito bem conservado, que se posiciona logo depois de B e de Alefe, como representante do texto do Novo Testamento. Embora alguns tenham datado esse códice em fins do século IV, provavelmente é resultado de um escriba de Alexandria, no Egito por volta de 45 d.C. Em 1708 esse códice dado de presente ao patriarca de Alexandria, que lhe deu a designação que ostenta até hoje. Em 1967 foi dado de presente ao Rei Carlos I da Inglaterra. É reconhecido como um testemunho de muita fidedignidade³⁴ às epístolas gerais e ao Apocalipse.

O códice Efraimita Reescrito (C) - Provavelmente se originou em Alexandria, no Egito, por volta da 345 d.C. Falta a esse códice a maior parte do Antigo Testamento, constando dele partes de Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cantares e dois livros apócrifos: Sabedoria de Salomão e Eclesiástico, do Novo Testamento faltam 2ª Ts, 2ª Jo e parte de outros livros. O manuscrito é um Palimpsesto (raspado e apagado) reescrito em que originalmente estavam escritos o Antigo e Novo Testamento. O texto sagrado foi apagado para que nestes pergaminhos de escrevessem os sermões de Efraim, pai da igreja do Século IV. Mediante reativação química, o conde Tischendorf foi capaz de decifrar as escritas quase invisíveis do pergaminho. Este manuscrito está guardado na biblioteca nacional de Paris e deixa à mostra sinais e evidências de duas fases de correções: a primeira C² ou C^b, foi realizada na Palestina, no século VI e a segunda C³ ou C^c, foi acrescentada no século IX, em Constantinopla.

³⁴ Fidedignidade: Relativo ao que é fiel, digno, de bom conceito.

Códice Bezae (D) ou códice de Cambridge - Foi transcrito em 450 ou 550 d.C. designado segundo o nome de seu descobridor Teodoro Bezae, em 1562, contando os evangelhos e o livro de Atos em grego e latim, confrontando-se duas línguas em suas páginas. Beza deu-o a Universidade de Cambridge. Além dos Evangelhos e Atos contém 3ª Jo 11-15.

Códice Claromontano (D² ou D^{P2}) - É um complemento do século VI do códice D, datado de 550. Contém grande parte do Novo Testamento que está faltando em D.D². Aparentemente se originou na Itália, ou na Sardenha, tendo recebido seu nome de um mosteiro de Clermont, na França, onde foi descoberto por Beza. O códice está na biblioteca Nacional de Paris, desde 1656. Foi publicado integralmente pelo conde Tischendorf em 1852. Esse códice contém todas as cartas de Paulo e Hebreus embora estejam faltando Romanos 1.1-7, 27-30 e 1ª Co 14.13-22, em grego e 1ª Co 14.8-18 e Hb 13.21-23 em latim. Este manuscrito bilíngue foi escrito de modo artístico, em velino finíssimo, de alta qualidade.

Códice Washingtoniano (W) - Data do século IV, ou início do século V. Este manuscrito contém os quatro evangelhos, porções das epístolas de Paulo (Exceto Romanos), Hebreus, Deuteronômio, Josué e Salmos.

Traduções da Bíblia

A vulgata Latina - Os numerosos textos da Antiga Latina que aparecem ao redor da metade do segundo século induziram à situação intolerável. Em virtude desse problema Dâmaso, bispo de Roma (366-384 d.C.), providenciou uma revisão do texto da Antiga Latina. O resultado desse texto chama-se *Vulgata Latina*.

Autor da Vulgata Latina: Sofrônio Eusébio Jerônimo (340-420 d.C.), filho de pais cristãos, nascido em Estridão na Dalmácia. Estudioso do latim e do grego e de 374 a 379 d.C. empregara um rabino Judeu para que lhe ensinasse o hebraico, enquanto estivesse residindo no Oriente, perto de Antioquia. Foi ordenado presbítero em Antioquia, antes de partir para Constantinopla, onde passou a estudar sobre a orientação de Gregório Nasianso. Em 382 d.C. foi convocado por Roma para ser secretário de Dâmaso e nomeado membro para revisar a Bíblia Latina.

Propósito da tradução:

- Confusão de textos latinos, em virtude do Antigo Testamento latino, ser uma tradução da Septuaginta;

-
- Muitas traduções então existentes;
 - Heresias e controvérsias entre cristão e judeus;
 - A necessidade de um texto modelar.

O trabalho teve início em 382 d.C. e se completou em 405 d.C. A Vulgata Latina tornou-se e continua a ser a Bíblia oficial da Igreja Católica Romana. “Vulgata” significa “usual”, “comum”. O concílio de Trento, em 6 de abril de 1546, declarou oficialmente que a Vulgata Latina é a Bíblia autorizada da Igreja Católica Romana. Foi também o primeiro livro a ser impresso com a invenção da imprensa por João Gutenberg entre 1450 a 1456 d.C.

As primeiras traduções para inglês.

Traduções parciais para o antigo inglês (450 –1100 d.C.) - A princípio, apenas quadros, pregações, poemas e paráfrases eram usados para comunicar a mensagem da Bíblia aos britânicos. As primeiras traduções de parte das escrituras baseavam-se em traduções da Antiga Latina e da Vulgata, e não nas línguas originais, o hebraico, o grego e nenhuma delas continham o texto da Bíblia toda. Não obstante elas ilustram como a Bíblia entrou para a língua inglesa.

Cedmão (680 d.C.) - A história de Cedmão é encontrada na história Eclesiástica de Beda, o venerável (673 a 735 d.C.). Dela faz parte um trabalhador um pouco talentoso do mosteiro de Whitby, em Yorkshire, na Nortúmbria, que deixou a uma festa certa noite por medo de cantar. Mais tarde nesta noite ele sonhou que um anjo lhe ordenara que cantasse sobre como as coisas foram criadas no princípio. Outras paráfrases e poemas cantados por Cedmão incluíram a história completa de Gênesis, o Êxodo de Israel do Egito, a encarnação, a paixão, a ressurreição e ascensão do Senhor, a descida do Espírito Santo, os ensinamentos dos apóstolos etc. Sua obra tornou-se a base para outros poetas, escritores e tradutores, pois se transformou na Bíblia popular para o povo. Consequentemente, os cânticos de Cedmão eram decorados e disseminados por todo o País.

Aldhelm (640-709 d.C.) - Foi o primeiro bispo de Sherborne em Dorset. Logo depois do ano 700d.C., ele traduziu o Saltério para o antigo inglês. Foi a primeira tradução direta de qualquer parte da Bíblia para a língua inglesa.

Egberto (700 d.C.) - Egberto da Nortúmbria, tornou-se arcebispo de Yorque pouco depois da morte de Beda. Ele foi também o mestre de Alcuíno de Yorque,

que mais tarde foi chamado por Carlos Magno para estabelecer uma escola na corte de Aix-la-Chapelle (Aachen). Por volta de 705 d.C. Egberto traduziu os evangelhos para o antigo inglês pela primeira vez.

Beda, o venerável (674-735 d.C.) - Maior estudioso da Inglaterra e um dos maiores de toda a Europa nos seus dias. Beda residiu em Jarrow-on-the-Tyne, na Nortúmbria. E lá, ele escreveu sua famosa história eclesiástica e outras obras. Entre essas obras encontra-se uma tradução do Evangelho de João, cujo propósito foi o de complementar os três outros traduzidos por Egberto. Segundo relatos tradicionais, Beda terminou a tradução na hora da morte.

Alfredo, o grande (849-901 d.C.) - Foi um grande estudioso, além de ter sido rei da Inglaterra (870-901 d.C.). Juntamente com a tradução da história eclesiástica de Beda do Latim para o anglo-saxão, ele traduziu os 10 mandamentos, enxertos de Êxodo 21-23, de Atos 15.23-29, e uma forma negativa da regra áurea. Foi durante o seu reinado que a Inglaterra experimentou um reavivamento do cristianismo.

Aldred (950 d.C.) - Outro elemento foi introduzido na história da Bíblia Inglesa quando Aldred escreveu um comentário nortumbriano entre as linhas de uma cópia dos evangelhos escrita no Latim do final do século VII. É da cópia latina de Eadfrid, bispo de Lindisfarne (698-721 d.C.), que a obra de Aldred recebe seu nome, os evangelhos a Lindisfarne. Uma geração depois, o escriba Irlandês MacRegol fez outro comentário Anglo-Saxônico conhecido como evangelhos Rush Worth.

Aelfric (1000 d.C.) - Foi bispo de Eynsham, em Oxford Shire, Wessex, traduziu parte dos sete primeiros livros do Antigo Testamento. Esta tradução e outras partes do Antigo Testamento que ele traduziu e citou nas suas homilias basearam-se no texto latino.

Traduções parciais para o médio inglês (1100-1400 d.C.)

Com o término do período de domínio saxônico na Inglaterra a influência Normando Francesa fez se sentir sobre a língua dos povos conquistados pela Normandia. Durante este período foram feitas outras tentativas de traduzir a Bíblia para o Inglês.

Orm ou Ormin (1200 d.C.) - Orm foi um monge agostiniano que escreveu uma paráfrase poética dos evangelhos e de Atos acompanhada de um comentário.

Essa obra o Ormulum, é preservada em um único manuscrito de 2000 palavras. Embora o vocabulário seja puramente teutônico, a cadência e a sintaxe mostram a influência Normanda.

Guilherme de Shoreham (1320 d.C.) - Shoreham recebe o crédito de ter produzido a primeira tradução em prosa de uma parte da Bíblia para o dialeto sulista inglês, embora exista alguma dúvida quanto a ele ser realmente o tradutor dessa obra.

Ricardo Rolle (1320-1340 d.C.) - Conhecido como o “eremita de Hampole”. Foi responsável pela segunda tradução literal das escrituras para o inglês. Viveu perto de Doncaster, em Yorkshire. Fez sua tradução da Vulgata Latina para o dialeto inglês do Norte. Sua tradução do Saltério, foi amplamente divulgada e reflete o desenvolvimento da tradução da Bíblia Inglesa até a época de Wycliffe.

Traduções completas para o médio inglês e para o inglês moderno em fase inicial.

John Wycliffe (1320-1384 d.C.) - Wycliffe, a “estrela D’alva da reforma” viveu durante o chamado cativeiro Babilônico (1309-1377 d.C.). Em seu recuo contra a apatia espiritual e a degeneração moral dos clérigos da Inglaterra, ele foi forçado a notoriedade como oponente do papado. Wycliffe afastou o Latim Escolástico como veículo de comunicação e dirigiu seu apelo ao povo inglês na língua comum. Seu apelo foi dirigido por meio dos Lollardos, ordem de pregadores itinerantes, também conhecidos como “os sacerdotes pobres”. Esses Lollardos cruzaram o país pregando, lendo e ensinando a Bíblia em Inglês. Para poder ajudá-los, era necessária uma nova tradução da Bíblia. A tradução do Novo Testamento foi completada em 1380 d.C. e o Antigo Testamento em 1388 d.C. Embora esta tradução completa seja atribuída a Wycliffe, ela foi terminada depois de sua morte por Nicolas de Hereford, foram feitas a partir de manuscritos da época da Vulgata Latina.

João Purvey (1354-1428 d.C.) - Foi secretário de Wycliffe e é reconhecido por ter feito uma revisão da primeira Bíblia de Wycliffe em 1395 d.C. Essa revisão é conhecida como versão posterior de Wycliffe.

A revisão feita por Purvey substituiu muitas construções Latinas por expressões inglesas nativas. Ela também substituiu o prefácio³⁵ de Jerônimo por um extenso

³⁵ Prefácio: Preâmbulo, introdução, início, prólogo.

prólogo escrito por Purvey. “O resultado foi o contínuo enfraquecimento da influência papal sobre o povo inglês.” Na forma mais ampla, a primeira Bíblia Inglesa completa foi publicada, revisada e circulada antes da obra de João Huss (1369-1415 d.C.) na Boêmia. Ela foi publicada antes da invenção da imprensa por Johan Gutenberg (1454 d.C.)

Traduções da Bíblia do século XVI.

Willian Tyndale (1492-1536 d.C.) - Foi um homem persistente. Após não conseguir fazer suas traduções na Inglaterra, embarcou para o continente em 1524 d.C. Após enfrentar dificuldades, finalmente imprimiu o Novo Testamento em Colônia, no fim de fevereiro de 1526 d.C. Seguiu-se uma tradução do Pentateuco, em Mar burgo (1530 d.C.) e de Jonas em Antuérpia (1531 d.C.). As influências de Wycliffe e Lutero marcaram o trabalho de Tyndale e o mantiveram sob constantes ameaças. Estas eram constantes que as traduções de Tyndale tiveram que ser contrabandeadas para a Inglaterra. Na Inglaterra, os exemplares comprados por Cuthbert Tunstall, Bispo de Londres, foram queimados publicamente em St. Paul’s Cross.

Em 1534 d.C., Tyndale publicou sua revisão de Gênesis e começou a trabalhar numa revisão do Novo Testamento. Pouco depois de completar a revisão, foi sequestrado na Antuérpia e levado à Fortaleza de Vilvorde, em Flandres. Ali continuou a traduzir o Antigo Testamento. Em agosto de 1536 d.C. foi condenado por heresia, destituído de seu ofício sacerdotal e entregue às autoridades seculares para ser executado. A execução se deu no dia 6 de outubro. Na hora da execução Tyndale clamou “*Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra*”. Naquela hora exata os acontecimentos na Inglaterra conspiravam para a realização do último pedido do tradutor.

Miles Coverdale (1488-1569 d.C.) - Assistente e revisor de provas de Tyndale na Antuérpia, tornou-se peça chave na impressão da primeira Bíblia completa em Inglês. Essa obra foi pouco mais uma revisão da tradução completa de Tyndale, acrescida de percepções extraídas das traduções alemãs.

Thomas Matthew (1550-1555 d.C.) - Thomas Matthew foi o pseudônimo literário de John Rogers, o primeiro mártir das perseguições sob o domínio de Mary Tudor. Ele também fora assistente de Tyndale. Em 1537 d.C. publicou outra Bíblia em inglês combinando textos do Antigo Testamento de Tyndale e de Coverdale com a revisão de 1535 d.C. feita por Tyndale. Em 1549 d.C., uma edição levemente revisada foi também publicada, e em 1551 d.C. apareceu uma Bíblia que trazia a inscrição “*De Matthew*” na página de rosto, mas continha o Antigo Testamento de Taverner e a edição de 1548 d.C. do Novo Testamento de Tyndale. John Rogers se recusava a colocar seu nome verdadeiro em trabalho que tivesse sido feito por outros embora os publicasse. Ao invés disso ele usava o pseudônimo literário Thomas Matthew e acrescentava copiosas notas e referências, além das edições de Tyndale e de Coverdale, ele tomou muito por empréstimo das edições Francesas de Lefebvre (1534 d.C.) de Olivetan (1535 d.C.). Quando publicou sua edição de 1537 d.C. fê-lo com permissão de Henrique VIII. Com sua publicação havia duas Bíblias Inglesas autorizadas em circulação dentro de um ano após a morte de Tyndale. Seus assistentes haviam continuado o trabalho do companheiro martirizado e outros seguiram seus passos.

Richard Taverner (1505-1575 d.C.) - Foi um leigo com grandes conhecimentos do grego. Em 1539 d.C., aplicou seu talento a uma revisão da Bíblia de Matthew e produziu uma tradução que aproveitava mais o artigo grego.

A grande Bíblia (1539 d.C.) - Outra revisão da Bíblia de Matthew, ultrapassou a revisão de Taverner. As notas e prólogos das duas principais traduções da Bíblia Inglesa que circulavam em 1539 d.C., a Coverdale e a de Matthew, constituíam uma afronta tão grande para tantos grupos na Inglaterra, que Henrique VIII se viu intimado a providenciar uma tradução livre das interpretações.

Thomas Cromwell (1485-1540 d.C.) - Protestante, presidente da Câmara de pares sob Henrique VIII, foi autorizado a dar prosseguimento no empreendimento. Com a aprovação adicional de Thomas Cranmer (1489-1556 d.C.), primeiro arcebispo protestante da Cantuária, Miles Coverdale dispôs-se a preparar um novo texto para ela e usar o trabalho de outros homens no lugar do seu, publicado havia menos de dois anos. Sob a direção de Coverdale a grande Bíblia foi oferecida como meio de acalmar as tensões em relação às bíblias anteriores. Ela recebeu o nome de Grande Bíblia devido ao seu tamanho e formato, maior e mais enfeitada do que qualquer edição anterior. A página de rosto era uma xilogravura atribuída a Hans Holbein, que mostrava Henrique VIII, Cranmer Cromwell distribuindo

Bíblia ao povo, que por sua vez bradava “viva Rei” e “Deus salve o Rei”. A Bíblia não continha nenhuma dedicatória e apresentava prefácios simples. Além disso, os livros apócrifos foram removidos do restante do texto do Antigo Testamento e colocados num apêndice intitulado “Hagiógrafo” (escritos sagrados).

A situação foi embaraçosa pelo fato da maioria dos bispos da Igreja ainda ser católico Romano. Embora a grande Bíblia recebesse autorização para ser lida nas igrejas em 1538 d.C., sua posição delicada ficou ainda mais ameaçada, pelo fato de não ser uma versão, nem uma revisão de uma versão, mas a revisão de uma revisão.

Bíblia de Cranmer (1540 d.C.) - Em abril de 1540 d.C., foi publicada uma edição especial da Grande Bíblia. Ela trazia uma prefácio de Thomas Cranmer, e algumas outras revisões baseadas na obra anterior de Coverdale. A essa se seguiu cinco edições antes do final de 1541 d.C. São chamadas de Cranmer em razão do prefácio que ele escreveu para elas. Neste prefácio encontra-se a declaração de autorização para ser usada pela Igreja, enquanto a Bíblia de 1535 d.C. e a Bíblia de Matthew de 1537 d.C. tinham sido permitidas. Na terceira e quinta dessas seis edições da Bíblia de Cranmer, foi impresso na página de rosto dizendo que os bispos Tunstall e Heath haviam “supervisionado e examinado a edição”. É uma ironia curiosa o fato de que Tunstall, quando Bispo de Londres, houvesse condenado Tyndale e sua obra. Agora ele autorizava oficialmente a Bíblia que continha em grande parte à tradução de Tyndale e as revisões dela. A Bíblia de Cranmer atingiu uma posição de predominância nas igrejas. Em 1549 e 1553 d.C., foi novamente reimpressa e a ordem de Cranmer não foi revogada nem mesmo durante os breves e turbulentos anos do reinado de Mary Tudor (1553-1558 d.C.)

A Bíblia de Genebra (1557-1560 d.C.) - Durante as perseguições sob o comando de Mary Tudor, muitos reformadores fugiram para o continente. Entre aqueles que se estabeleceram em Genebra se encontravam Miles Coverdale e John Knox (1513-1572 d.C.), os quais produziram uma revisão que viria exercer grande influência no povo da Inglaterra. Em 1557 d.C., Guilherme Whittingham, um do grupo, cunhado de João Calvino, produziu uma revisão provisória do Novo Testamento. Essa foi a primeira vez que o Novo Testamento em inglês se dividia em versículos, embora tivesse sido assim dividido no Novo Testamento grego de Estéfano, bem como em edições anteriores em Latim e em Hebraico. Longos prólogos foram acrescentados às traduções com súmulas de capítulos e copiosas notas marginais. Foi introduzido o grifo na tradução para indicar lugares que o

inglês exigia palavras não encontradas no texto original. Logo depois no novo testamento ter sido publicado em Genebra foi iniciado o trabalho de revisar cuidadosamente toda a bíblia. Em 1560 d.C., foram completados o Antigo Testamento e uma revisão do Novo Testamento que incluíam as mais recentes evidências textuais, e teve início a longa e movimentada história da Bíblia de Genebra. Em 1644 d.C., a Bíblia de Genebra já havia passado por 140 edições. Ela foi tão popular, que fez frente à Bíblia dos Bispos (1568 d.C.) e a primeira geração da chamada versão (1611 d.C.). Foi largamente usada pelos puritanos, citada repetidamente nas páginas de Shakespeare e usada até mesmo na mensagem extraída de “os tradutores de leitores” na tradução de 1611. Embora suas anotações fossem mais brandas que os de Tyndale eram calvinistas demais tanto para Elizabete (1558-1603 d.C.) quanto para Tiago I (1603-1625 d.C.)

A Bíblia dos Bispos (1568 d.C.) - A Bíblia de Genebra não foi patrocinada pela igreja oficial, mas tornou-se a Bíblia de cada casa do reino. Seu sucesso imediato ocasionou uma nova revisão da “Grande Bíblia”, a Bíblia autorizada das igrejas. O trabalho foi confiado a um grupo de estudiosos que incluía cerca de oito bispos, daí o nome “Bíblia dos Bispos”. Eles usaram a grande Bíblia como ponto de partida para sua revisão, e conquanto, a intenção fosse fazer apenas pequenas alterações, alguns bispos foram além das instruções recebidas. Os revisores tinham mais conhecimento do grego e do hebraico, e seu trabalho no novo testamento é superior ao trabalho efetuado no antigo. A Bíblia dos bispos, foi publicada em 1568 d.C. em Londres. Sua parte do Novo Testamento foi publicada com papel mais espesso para suportar maior uso. A convocação de 1571 d.C. decretou que fossem distribuídos exemplares por todo o país, nas casas de cada Bispo e Arcebispo e em toda catedral e igreja, se possível. De 1568 a 1611 d.C., foi conciliatória e era geralmente encontrada nas igrejas. Não obstante, a Bíblia de Genebra já havia conquistado os lares do País. A Bíblia dos Bispos, entretanto foi a usada como base para a famosa revisão de 1611 d.C.

As traduções modelares da Bíblia em inglês.

A Bíblia de Rheims-Douai (1582, 1609 d.C.) - Em 1568 d.C., um grupo de exilados católicos Romanos da Inglaterra, fundou a faculdade Inglesa de Douai, em Flandres. Eles procuravam treinar os Sacerdotes e outros que preservassem sua fé católica. Willian Allen (1532-1594 d.C.), Cônego de Oxford durante o reinado

de Mary Tudor, liderou a fundação da Faculdade e sua mudança para Rheims, na França, quando surgiram problemas políticos em 1578 d.C. Em Rheims, a faculdade Inglesa passou a direção de outro estudioso. Richard Bristow (1538-1581 d.C.), que fora a Douai em 1569. Durante essa época, Allen foi chamado à Roma, onde fundou outra faculdade Inglesa, e mais tarde passou a Cardeal. Em 1593 d.C., a faculdade Inglesa de Rheims voltou para Douai.

A hierarquia Romana desejou uma tradução Inglesa da Vulgata Latina, e Allen expressou este desejo por carta a um professor da faculdade em Douai, em 1578 d.C. Gregory Martin (1582 d.C.), e ainda outro estudioso de Oxford, empreendeu a tarefa. Martin havia renunciado o protestantismo para estudar em Douai. Em 1570 d.C. passou a dar aulas de hebraico e das escrituras sagradas. Ele deu prosseguimento à sua tradução do Antigo Testamento ao ritmo de 2 (dois) capítulos por dia até sua morte em 1582 d.C. Antes de sua morte, o Novo Testamento foi publicado com muitas notas feitas por Bristow e por Allen. Aos seus esforços aliaram-se de outro protestante convertido ao catolicismo, Willian Reynolds, embora seu papel na tarefa não seja conhecido com certeza. Enquanto a tradução de Rheims do Novo Testamento (1582 d.C.) tivesse sido projetada para contrapor-se às traduções inglesas protestantes, ela teve algumas limitações sérias. Foi uma versão fraca do texto para o inglês e se baseou em outra tradução e não na língua original do Novo Testamento. Esse Novo Testamento foi reeditado em 1600 d.C., em 1621 d.C. e em 1633 d.C.

O Antigo Testamento, traduzido antes do Novo teve sua publicação adiada. Limitações financeiras e o aparecimento de diversas novas edições do texto da Vulgata Latina impediram a publicação da tradução de Douai do Antigo Testamento até 1609 d.C. Sua Segunda edição foi lançada em 1635 d.C. A tradução iniciada por Martin e provavelmente terminada por Allen e por Bristow, com notas aparentemente fornecidas por Tomas Worthington. As notas eram basicamente projetadas para fazer a interpretação harmonizar-se aos decretos do Concílio de Trento (1546-1563 d.C.).

O Novo Testamento de Rheims e o Antigo Testamento de Douai, não poderiam, entretanto, competir com as traduções protestantes já no mercado ou substituí-los. Uma rainha protestante estava no trono e tinha por sucessor um rei protestante. Depois de 1635 d.C., foram feitas diversas reimpressões, mas a segunda edição revisada não surgiu senão em 1749-1750 d.C., quando Richard Challoner, Bispo de Londres deu sua contribuição.

A Bíblia do Rei Tiago (1611 d.C.) - Em janeiro de 1604 d.C., Tiago I foi convocado a comparecer à conferência Hampton em resposta à petição Milenar que recebeu ao dirigir-se de Edimburgo à Londres após a morte de Elisabeth I. Perto de mil líderes puritanos haviam assinado uma lista de queixas contra a igreja na Inglaterra, e Tiago desejava ser o pacificador nesse novo reino, colocando-se acima dos partidos religiosos. Ele tratou mal os puritanos na conferência, até que John Reynolds, presidente puritano da Faculdade Corpus Christi, em Oxford, levantou a questão de ser feita uma versão autorizada da Bíblia para todos os partidos dentro da Igreja. O rei expressou apoio à tradução, porque o ajudaria a livrar-se das duas traduções mais populares e elevar sua estima aos olhos de seus súditos, foi nomeada uma junta. A semelhança daquela Bíblia de Genebra, que Tiago considerava a pior de todas as traduções existentes, ela e a Bíblia dos Bispos, eram as Bíblias que ele esperava suplantar na igreja.

Seis grupos de tradutores foram escolhidos: dois de Cambridge, para revisar de 1ª Crônicas à Eclesiastes e os dos livros apócrifos; dois em Oxford para revisar de Isaías à Malaquias, os evangelhos, atos e o apocalipse, dois em Westminster para revisar de Gênesis à 2ª Reis e de Romanos à Judas. Apenas 47 dos 54 homens escolhidos trabalharam de fato nessa revisão da Bíblia dos bispos, a menos que notassem que as traduções de Tyndale, de Matthew, de Coverdale; de Whitchurche e de Genebra correspondessem mais de perto ao original, esse texto original se baseou em pouco, ou nenhum dos textos superiores dos séculos XII a XV, uma vez que surgiram as edições de 1516 d.C. a de 1522 d.C. do texto grego de Erasmo, incluindo-se sua interpolação de 1ª Jo 5.7.

A chamada versão autorizada nunca chegou de fato a ser autorizada, nem ser de fato uma versão. Ela substituiu a Bíblia dos bispos nas igrejas, porque nenhuma edição dessa Bíblia foi publicada depois de 1606. Foi lançada no mesmo formato da Bíblia de Genebra, o que conferiu a publicação de 1611 d.C., maior influência. A longo prazo, a grandeza da tradução conseguiu vencer a competição com a influente Bíblia de Genebra dos puritanos, sua principal rival.

Três edições da nova tradução apareceram em 1611 d.C. Outras edições foram publicadas em 1612 d.C. e sua popularidade continuou a exigir novas impressões. Durante o reinado de Carlos I (1625-1649 d.C.), o parlamento logo estabeleceu uma comissão para deliberar sobre a revisão da chamada versão autorizada, ou produzir uma tradução totalmente nova, somente revisões insignificantes resultaram em 1629, 1638, 1653, 1701, 1762, 1789 d.C. duas edições posteriores. Estas três últimas revisões foram feitas pelo Dr. Blayney de Oxford. Elas variaram

em cerca de 75 mil pormenores do texto da edição de 1611 d.C. Pequenas mudanças continuaram a surgir no texto até datas recentes como 1967 d.C. no texto da versão autorizada que acompanha a New Scofield reference edition (Nova edição de referência de Scofield).

As traduções da Bíblia para o inglês moderno (fase final)

A Bíblia de Rheims Douai Challoner, 2ª edição revisada publicada pelo Bispo de Londres Richard Challoner (1749-1750 d.C.)

A Bíblia da Confraria da doutrina cristã - A primeira Bíblia Católica Romana dos Estados Unidos (1790 d.C.). Foi uma grande edição in-quarto do Antigo Testamento de Douai e uma mistura de diversas revisões de Challoner, combinadas com a edição de 1752 d.C. do texto do Novo Testamento de Richard Challoner. Em 1936 d.C., teve início uma nova revisão do Novo Testamento de Rheims Douai sob os auspícios da junta Episcopal de Contraria de Doutrina Cristã, foi nomeada uma junta de 28 estudiosos, para que trabalhassem na revisão sob a direção de Edward P. Arbez. O texto usado como base foi a Vulgata Latina. O texto do Novo Testamento foi publicado em 1941 d.C., e prontamente adotado pelos católicos de fala inglesa em todo o mundo. Após as restrições dos tempos de guerra, a Contraria começou a publicar uma nova versão do Antigo Testamento, baseada nas línguas originais, e não em alguma tradução latina anterior (permissão da encíclica papal Divino afflante Spiritu publicada pelo Papa Pio XII, em 1943 d.C.).

Em 1967 d.C. os quatro volumes foram concluídos e publicados. Começou-se a trabalhar também uma nova versão do Novo Testamento, sob a direção de Louis F. Hartman. Em 1970 d.C. a New American Bible (Nova Bíblia Americana) foi publicada. Ela baseava-se no mais recente aperfeiçoamento da crítica literária e foi traduzida diretamente dos textos hebraicos e gregos.

A tradução de Knox - Tornou-se a Bíblia Católica Romana oficial da Inglaterra. Ela foi solicitada por Ronald A Knox em 1939 d.C., quando ele recentemente convertido ao catolicismo Romano propôs à hierarquia inglesa uma nova tradução.

As traduções católicas em linguagem moderna

Em 1813 d.C. foi fundada a Sociedade Bíblica Católica Romana que publicou a Bíblia de Rheims Douai sem notas. Em 1815 d.C. o grupo publicou outra edição melhorada da mesma tradução. Outras publicações para os Católicos Romanos.

-
- A Bíblia de Coyne (1811 d.C.);
 - A Bíblia de Haydock (1811 à 1814 d.C.);
 - O Novo Testamento de Newcastle (1812 d.C.);
 - A Bíblia de Syer (1813-1814 d.C.);
 - A Bíblia MacNamara (1813-1814 d.C.);
 - O Novo Testamento de Bregan (1814 d.C.) e a
 - A Bíblia de Gibson (1816-1817 d.C.)

Mais recentemente a tradução mais importante feita pelos estudiosos Católicos Romanos é a Bíblia de Jerusalém (1961 d.C.)

As traduções e versões judaicas modernas

Em torno de 1400 d.C., os judeus começaram a fazer traduções novas e diferentes do Antigo Testamento para as diversas línguas. Somente 400 anos depois dessas primeiras traduções, contudo, que os Judeus começaram a traduzir o Antigo Testamento para o inglês.

Em 1789 d.C., ano da revolução Francesa, surgiu uma versão judaica do Pentateuco que declarava ser uma emenda da Bíblia do Rei Tiago. Entre 1851 e 1856 d.C. o Rabino Benisch produziu uma Bíblia completa para os judeus de fala inglesa. Uma tentativa final de emendar a Bíblia do Rei Tiago para uso dos Judeus, foi feita por Michael Frielander em 1884 d.C.

Em 1892 d.C., a Sociedade Bíblica Hebraica decidiu revisar a Bíblia Hebraica de Isaac Leeser (1853 d.C.), preferida nas sinagogas inglesas e americanas, havia muito tempo. À medida que foi sendo feita a revisão, tornou-se necessário a tradução de todo nova. A nova Bíblia Hebraica foi publicada em 1917 d.C. Em 1962 d.C., a sociedade judaica de publicação publicou a Tora e em 1969 d.C., lançou os Megilloth. Estas duas versões estão baseadas no Texto Massorético do Antigo Testamento.

As traduções e versões protestantes

A Bíblia inglesa revisada - Em 1870 d.C., Samuel Wilberforce, Bispo de Winchester propôs revisar o Novo Testamento em que o grego revelasse traduções inexatas ou incorretas no texto do Rei Tiago. O Bispo Ollivant ampliou a proposta e incluiu o Antigo Testamento e os textos hebraicos. Por consequência dois grupos foram nomeados. Originariamente havia 24 membros em cada grupo, mas foi mais tarde ampliado para 65 revisores de diversas denominações. Esses grupos começaram a trabalhar em 1871 d.C., e em 1872 d.C. um grupo de estudiosos americanos foi convidado a participar do empreendimento em caráter

consultivo. As editoras das universidades de Oxford e de Cambridge assumiram os custos do projeto sob a condição de lhes serem dados privilégios autorais exclusivos do produto pronto. O Antigo Testamento foi lançado em 1885 d.C., os livros apócrifos em 1896 d.C. (1898 nos Estados Unidos) e a Bíblia completa foi publicada em 1898 d.C. Embora o texto da revisão fosse muito mais exato que o da Bíblia do Rei Tiago, levaria diversas gerações para que as alterações nas palavras e nos ritmos fossem aceitas. Parte da tradução da Bíblia Inglesa não revisada não satisfaz a Junta Americana de Revisão. Em 1901 d.C., foi publicada a edição padrão americana de versão revisada, denunciando a existência de algumas edições não autorizadas ou não padronizadas dessa versão, publicadas antes daquela época. Outras revisões foram feitas pela Junta Americana, como as mudanças dos nomes “Senhor” para “Jeová” e “Holy Ghost”, para “Holy Spirit” (Espírito Santo). As estruturas dos parágrafos foram revisadas e abreviadas e breves cabeçalhos foram acrescentados. Aos poucos a versão padrão americana (A.S.V.) ganhou aceitação nos Estados Unidos e começou a ser importada pela Grã-Bretanha. Como a sua equivalente inglesa A.S.V. perde a beleza da Bíblia do Rei Tiago, mas suas interpretações mais corretas têm-na tornado muito aceitável por parte dos professores e da Bíblia.

A Bíblia padrão revisada - Meio século depois que a revisão Inglesa da Bíblia do Rei Tiago foi publicada, o Concílio Internacional de Educação Religiosa expressou seu desejo de utilizar as grandes melhorias advindas recentemente de estudiosos da Bíblia. O estilo e gosto literário da língua inglesa continuavam a mudar, de modo que uma nova revisão se tornou necessária. Em 1937 d.C. o Concílio autorizou uma junta a empreender esta revisão que se constituiu de 22 estudiosos notáveis que deveriam seguir o significado da versão padrão americana (R.S.V.), a menos que 2/3 da Junta concordassem em mudar a interpretação. O Novo Testamento surgiu em 1946 d.C., com o antigo sendo publicado em 1952 d.C. e os livros apócrifos em 1957 d.C.

A Nova Bíblia Inglesa - A igreja da Escócia não ficou satisfeita com a ideia de que a versão padrão revisada fosse uma continuação da antiga tradução, das primeiras traduções da Bíblia Inglesa, a assembleia geral reunida em 1946 d.C. deliberou sobre uma tradução completamente nova. Uma junta comum foi designada em 1947 d.C., e 3 grupos foram escolhidos: um para o Antigo Testamento, um para o Novo e um para os livros apócrifos.

C.H. Dodd foi nomeado presidente do grupo especializado no Novo Testamento e em 1949 d.C., foi nomeado diretor de toda a tradução. O Novo Testamento da Nova Bíblia Inglesa surgiu em 1961 d.C., com o Antigo Testamento e os livros apócrifos sendo publicados em 1970 d.C.

A nova Bíblia padrão norte-americana - Durante a década de 60 a Fundação Lockman tentou fazer mais uma revisão da versão Padrão Americana. Em 1970 d.C. a Bíblia toda foi publicada segundo o seguinte padrão: 1) Fidelidade aos textos hebraicos e gregos originais, 2) Gramática correta, 3) Compreensível para as massas e 4) Dar o devido lugar ao Senhor Jesus Cristo.

Tradução para a língua alemã

A Bíblia de Lutero - A mais famosa e conhecida é a tradução de Lutero, em 1552 d.C., apareceu o Novo Testamento e 10 anos mais tarde o Velho Testamento. Lutero muito trabalhou no aperfeiçoamento de sua tradução até 1544 d.C., tendo para auxiliá-lo, uma comissão de eruditos, sendo os dois mais notáveis Melanchthon e Bugenhagen. Esta versão foi extraordinária, não apenas no campo religioso, contribuindo para propagação da reforma, mas também no campo linguístico, fixando a língua germânica e dando-lhe forma literária. O reformador alemão, graças a sua cultura e profunda experiência na arte de traduzir, ajudou muitos protestantes de outros países. Sua Bíblia foi a base das seguintes traduções: Sueca em 1541 d.C. dinamarquesa em 1550 d.C., Islandesa em 1584 d.C., uma velha versão Holandesa em 1560 d.C. e Finlandesa e dialetos cognatos em 1642 d.C.

A tradução de De Wette - Outra tradução para a língua alemã que merece atenção é a De Wette, por ser obra literária de grande valor. O trabalho foi feito de 1809 a 1814 d.C. A erudição e experiência exegética de De Wette eram extraordinárias.

As traduções para o português

A tradução Almeida - João Ferreira de Almeida, nasceu em Lisboa, filho de pais católicos romanos, em 1628 d.C., aceitou a fé da igreja reformada em 1542 d.C. pela profunda impressão que lhe causou em seu espírito a leitura de um folheto espanhol. No ano seguinte à sua conversão começou a pregar o evangelho no Ceilão, em muitos pontos da costa de Malabar. Não tinha ele ainda dezessete anos quando iniciou o trabalho de tradução da Bíblia para o português, mas perdeu seu manuscrito e teve que reiniciar a tradução em 1648 d.C. por conhecer

o hebraico e o grego, Almeida pode utilizar-se dos manuscritos dessas línguas, calçando sua tradução na chamado “*Textus Receptus*” (texto grego que dominou o campo de estudo do novo testamento por mais de 300 anos. Conhecido também pelos nomes de Texto recebido ou texto grego vulgarizado), do grupo bizantino. Durante esse exaustivo e criterioso trabalho, ele também se serviu das traduções holandesa, francesa (a tradução de Beza), italiana, espanhola e latina (Vulgata). Em 1676 d.C., João Ferreira de Almeida concluiu a tradução do Novo Testamento e sua publicação ocorreu em 1681 d.C. em Amsterdã, na Holanda. Logo após a publicação do Novo Testamento, Almeida iniciou a tradução do Antigo Testamento e ao falecer em 6 de agosto de 1691 d.C., havia traduzido até Ezequiel 42.21. Em 1748 d.C., o pastor Jacobus op den Akker, de Batávia, reiniciou o trabalho interrompido por Almeida, e cinco anos depois, em 1753 d.C., foi impressa a primeira Bíblia Completa em português em dois volumes. Em 1819 d.C., a Bíblia completa de João Ferreira de Almeida foi publicada em um só volume pela primeira vez sob os auspícios da Sociedade Britânica foi revista e conferida com os textos originais, em 1894 d.C. para melhorar a ortografia³⁶ e corrigir os erros óbvios. A Bíblia de João Ferreira de Almeida que existe atualmente não é realmente dele, por causa das diversas correções e versões porque tem passado, entretanto, o texto original era dele e as modificações foram feitas devido às exigências da língua, e à luz dos textos originais, e sendo o primeiro a dar ao protestantismo português as sagradas letras, é digno de ser reconhecido com o autor da Bíblia que leva o seu nome.

A Bíblia de Rahmeyer - Uma tradução completa da Bíblia feita em meados do século XVIII pelo comerciante Hamburguês, Pedro Rahmeyer, que residiu em Lisboa por 30 anos.

A tradução de Figueiredo - Por um decreto de 1517, no tempo do Papa Bento XIV, a Bíblia foi reconhecida como útil para robustecer a fé dos crentes pelas cerebrinas anotações. Esta atitude da igreja Católica Romana contribuiu e deu um novo impulso a tradução da Bíblia com a Vulgata Latina, como base. Dentre estes se encontrava o Padre Antonio Pereira de Figueiredo, nascido nas proximidades de Lisboa. Exímio Latinista e filólogo, mas não instruído nas línguas originais, sua

³⁶ Ortografia: Escrita correta.

tradução baseou-se na Vulgata. Por 18 anos ocupou-se deste trabalho, que foi submetido às duas revisões cuidadosas antes de ser publicado. A primeira edição do Novo Testamento saiu em 1778 em 6 (seis) volumes e o Antigo Testamento foi publicado em 17 volumes, segundamente, desde 1783 a 1790. A edição de sete volumes completada em 1819 é considerada o padrão das versões de Figueiredo. A tradução de Figueiredo num só volume foi publicada pela primeira vez em 1821. Figueiredo incluiu em sua tradução os livros apócrifos que o Concílio de Trento de 1546, havia acrescentado aos livros canônicos.

